

JULIANA COSTA MOREIRA

**O VOCATIVO E A INTERFACE SINTAXE-
PRAGMÁTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2013

JULIANA COSTA MOREIRA

**O VOCATIVO E A INTERFACE SINTAXE-
PRAGMÁTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudos em Sintaxe Formal

Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Vitral

Coorientadora: Ana Maria Martins
(Universidade de Lisboa)

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2013

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

M838v

Moreira, Juliana Costa.

O vocativo na interface sintaxe-pragmática [manuscrito] /
Juliana Costa Moreira. – 2013.

154 f., enc. : il., tab., p&b.

Orientador: Lorenzo Vitral.

Coorientadora: Ana Maria Martins.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos da Estrutura Gramatical da
Linguagem.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 150-154.

1. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses. 2. Língua
Portuguesa – Interjeições – Teses. 3. Língua Portuguesa –
Gramática – Teses. I. Vitral, Lorenzo Teixeira. II. Martins, Ana
Maria. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
Letras. IV. Título.

CDD : 469.5



FOLHA DE APROVAÇÃO

O vocativo e a interface sintaxe-pragmática no português brasileiro

JULIANA COSTA MOREIRA

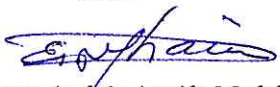
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Linha C - Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem.

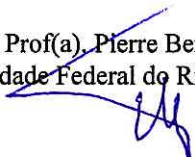
Aprovada em 03 de dezembro de 2013, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Lorenzo Teixeira Vitral - Orientador
UFMG


Prof(a). Jania Martins Ramos
UFMG


Prof(a). Eloisa Nascimento Silva Pilati
UNB


Prof(a). Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani
UFMG


Prof(a). Pierre Bernard Pica
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Belo Horizonte, 3 de dezembro de 2013.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido força e direcionamento para desenvolver esta tese.

À minha família, agradeço pelo apoio e incentivo, principalmente, à Sonia Maria, à Camila Moreira e ao Saulo Moreira, pela compreensão com a qual sei sempre que posso contar. Obrigada também pela acolhida calorosa na volta de Lisboa!

Agradeço muito ao professor Dr. Lorenzo Vitral, pela orientação, pela paciência, pelo incentivo desde o início do mestrado e por me proporcionar o que eu poderia denominar como “liberdade intelectual”.

À professora Dra. Ana Maria Martins, por ter me recebido tão bem na Universidade de Lisboa, pela atenção, pelas valiosas sugestões e por tudo que me ensinou durante o ano de 2012.

À professora Dra. Jânia Ramos por ser tão solícita durante o período em que cursei o mestrado e o doutorado na UFMG.

Aos professores Dr. Pierre Pica, Dra. Eloísa Pilati, Dra. Evelyne Dogliani, Dra. Sueli Coelho e Dra. Márcia Rumeu, que gentilmente aceitaram o convite para participar desta Banca.

À professora Dra. Adriana Cardoso, pela atenção e pela ajuda com a “extraposição”.

Ao Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa de estudos que possibilitou a minha dedicação à pesquisa na UFMG.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela oportunidade de realizar um estágio de doutorado junto à Universidade de Lisboa.

Aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, em especial, agradeço à Malu e à Graça pela atenção.

Agradeço ao Oriane Magela Neto (*in memoriam*) por me incentivar a desenvolver parte deste trabalho no exterior.

Ao Gilmar Bueno e à Margarita Dimitrova, agradeço pela presença marcante. Não tenho palavras para agradecer e não sei se consigo retribuir tanto carinho!

Aos amigos que cultivei dentro e fora do ambiente acadêmico; agradeço especialmente: Elaine Chaves, Daniel Diniz, Moacir Maia, Elizete Souza, Melina Rezende, Lílian Teixeira, Denise Tedeschi, Débora Cazelato, Ana Luiza Lopes, Priscila Toneli, Marinês Almeida, Érica Aniceto e Ângela Maria.

Aos amigos do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, agradeço pela companhia e ajuda, em especial, à Sandra Pereira, à Sandra Antunes, à Sílvia Pereira e ao Luís Graça.

À Catarina Correia e à Sónia Santos, por me ajudarem com os dados do Português Europeu.

A todos que apoiaram o desenvolvimento de uma tese sobre um tema que, à primeira vista, pode causar bastante estranhamento.

Àqueles que compartilharam de bons e também de difíceis momentos durante o tempo em que pensei, planejei e elaborei este trabalho.

Agradeço, por fim, àqueles que, ao utilizarem vocativos em sua fala, contribuíram com dados e também com boas intuições acerca deles.

- Mas você estuda o vocativo, Juliana?

- Sim.

- Mas o vocativo?

Então, além de me questionarem, eu tenho feito também há muito tempo esta pergunta: “*Mas você estuda o vocativo, Juliana?*” ou “*Ô Juliana, mas você estuda o vocativo?*”. Ao formular e reformular, tento responder.

Creio que muitos não de concordar que não é simples explicar o porquê de se estudar um tema. Entretanto certamente haverá uma explicação implícita que deverá ser resgatada.

Não sei se resgatei a resposta, mas se tivesse que formulá-la, de súbito, seria:

– Para tentar entender os outros; as pessoas, os vocativos, a quem eles remetem, os nossos interlocutores.

*Não sei muito bem como terminar. Não consigo fechar estas páginas sobre o Outro, os vínculos e “desvínculos” (definitivamente essa palavra soa horrível) com o Outro. Balbucio, só balbucio. Eu e o Outro? O Outro e eu? Um espelho estilhaçado? Uma linguagem quebrada? Um espaço a Construir? (Hugo Achugar, **Planetas sem Boca**, 2006, p. 318).*

Ao outro.

RESUMO

Esta tese tem por objetivo descrever e analisar o vocativo na estrutura sintática do Português Brasileiro, doravante, PB. No intuito de obter evidências a respeito da posição sintática deste constituinte, consideramos construções em que há coocorrência de tópicos, interjeições e invocações e comparamos as construções do PB com alguns exemplos do Português Europeu, doravante PE. Esta comparação centra-se em construções com a partícula “sô”, redução do vocativo “senhor” no dialeto mineiro, e a partícula vocativa “pá”, redução do vocativo “rapaz”, no PE. Como referencial teórico, adotamos alguns pressupostos do Programa Minimalista (Chomsky, 1995), a cartografia sentencial (Rizzi, 1997, 2004) e a proposta teórica de Hill (2007) & Hill & Stavrou (2013), de acordo com a qual, vocativos e interjeições são situados em uma superestrutura, na interface sintaxe-pragmática, um domínio localizado acima de CP, em uma projeção SAP (Speech Act Phrase). A ordem básica de uma construção com vocativo é aquela em que este constituinte se situa à esquerda da oração. Os dados do português evidenciam que a variação na ordem das palavras nas construções com vocativo é resultante de operações de movimento de outros constituintes que ocorrem nestas e o vocativo sempre fica “in situ”. A disposição dos constituintes nestas construções influencia a interpretação do vocativo: se o vocativo se situa em posição inicial, desempenha função de chamamento e, se figura em posição não final, é interpretado como destinatário. A partir da análise de diferentes tipos de vocativos, observamos que há diferentes tipos de interjeições no PB: as propriamente ditas, que expressam o estado mental do falante; e as partículas de chamamento indireto, que podem por si sós ou juntamente com um vocativo atuarem como uma forma de chamamento. Notamos que as partículas de chamamento indireto geralmente precedem um chamamento e, se uma interjeição propriamente dita preceder um vocativo, teremos um destinatário e não um chamamento. A partir da constatação de que, a interpretação do vocativo pode variar de acordo com o tipo de interjeição que o precede, evidenciamos uma tipologia bipartida de vocativos e interjeições.

Palavras-chave: vocativo, interjeição, ordem de constituintes, interface sintaxe-pragmática.

ABSTRACT

This thesis aims to describe and analyze the vocative in the syntactic structure of Brazilian Portuguese – BP. In order to obtain evidences about the position of this constituent in the syntactic structure, we considered constructions in which there is co-occurrence of topics, evaluative expressions, interjections, invocations, and we compared some constructions in BP with some examples of European Portuguese – EP. This comparison focuses on constructions with the particle “sô”, reduced form of the vocative “senhor” in the dialect of Minas Gerais, and the vocative particle “pá”, reduced form of the vocative “rapaz” in EP. We used as theoretical framework some hypotheses of the Minimalist Program (Chomsky, 1995), the sentential cartography (Rizzi 1997, 2004), and of the theoretical proposal of Hill (2007) and Hill & Stavrou (2013), according to which, vocatives and interjections are located on a superstructure, in the syntax-pragmatics interface, an area located above CP in a projection SAP (Speech Act Phrase). The basic order of a construction with vocative is one in which this component is located on the left of the sentence. The Portuguese language data shows that the variation in word order in the constructions with vocative is a result of the movement operations of other constituents that occur in these constructions and the vocative is always “in situ”. The arrangement of the constituents in these constructions influences the interpretation of the vocative: if it appears in the starting position, it works as a call function; if it appears in other positions, it is interpreted as the addressee. According to the analysis of different types of vocatives, we identify in BP that there are different types of interjections: some which express the state of mind of the speaker; and others as the particles of indirect call, that may themselves or together with a vocative works as a way of call. We noticed that the particles of indirectly call are may generally precede a calling and, if an interjection itself precedes a vocative, there will be an addressee and not a call. Therefore, in relation to the hypothesis that the interpretation of the vocative may vary according to the type of interjection that it precedes, we highlighted a bipartite typology of vocatives and interjections.

Keywords: vocative; interjection; constituents order; syntax-pragmatics interface.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Partículas vocativas	64
--------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - AS CONSTRUÇÕES COM VOCATIVO	20
1.1 Introdução.....	20
1.2 O vocativo no contexto	20
1.2.1 Os tipos sentenciais das construções com vocativo	20
1.2.2 As funções pragmáticas do vocativo.....	22
1.2.3 Valores semânticos e prosódicos.....	24
1.3 O vocativo na oração.....	27
1.3.1 Vocativo precedido por tópico.....	32
1.3.1.1 Construções de tópico no português.....	33
1.3.1.2 Vocativos e tópicos.....	35
1.3.2 Vocativo precedido por um operador exclamativo/ interrogativo.....	38
1.3.3 A interveniência do vocativo entre orações.....	40
1.4 Resumo do capítulo.....	40
CAPÍTULO 2 - AS INTERJEIÇÕES, AS INVOCAÇÕES E OS VOCATIVOS	42
2.1 Introdução.....	42
2.2 As interjeições.....	44
2.2.1 As interjeições no espanhol.....	45
2.2.1.1 Uma classificação das interjeições.....	47
2.2.1.2 As interjeições na oração do espanhol.....	49
2.2.1.3 Uma comparação entre as interjeições na oração do espanhol e do português.....	52
2.2.1.4 As interjeições do espanhol e do português: uma proposta de classificação.....	57
2.3 As invocações.....	59
2.3.1 Interjeições, invocações e vocativos.....	61
2.4 As partículas vocativas.....	63
2.4.1 A partícula vocativa “sô”	65
2.4.2 A partícula vocativa “pá”	68
2.4.3 As partículas “sô” e “pá” e os vocativos plenos.....	71
2.5 A precedência de interjeições e as funções pragmáticas do vocativo.....	71
2.6 Resumo do capítulo.....	76

CAPÍTULO 3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	78
3.1 Introdução.....	78
3.2 O vocativo na estrutura sintática	78
3.2.1 Vocativos e interjeições na concha predicativa.....	82
3.2.1.1 Tópicos em SAP.....	85
3.3 Resumo do capítulo.....	87
CAPÍTULO 4 - O VOCATIVO NA ESTRUTURA SINTÁTICA DO PORTUGUÊS	88
4.1 Introdução.....	88
4.2 As construções com vocativo.....	89
4.2.1 A ordem básica de uma construção com vocativo.....	91
4.2.2 Vocativo e tópico.....	92
4.2.3 Vocativo precedido por um constituinte –qu.....	99
4.2.4 O vocativo entre o verbo o complemento.....	100
4.2.4.1 Extraposição.....	102
4.2.4.2 O vocativo entre o verbo e o complemento: a análise.....	105
4.3 A sintaxe de construções com interjeições e vocativos.....	111
4.3.1 Uma análise das construções com vocativos precedidos por interjeições e partículas de chamamento indireto.....	111
4.3.1.1 As partículas vocativas e as interjeições.....	115
4.3.2 Conclusões da seção	125
4.4 As interjeições e os vocativos.....	126
4.4.1 Interjeições desacompanhadas de vocativos.....	126
4.4.2 A área de falante.....	130
4.4.2.1 Explorando as interjeições.....	131
4.4.2.2 Tópicos na área de falante.....	132
4.4.2.3 A coocorrência de invocações com interjeições e vocativos.....	135
4.5 A interface sintaxe-pragmática: uma proposta de mapeamento.....	137
4.6 Conclusões do capítulo.....	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SÍMBOLOS E	DP	“determiner	Voc	vocativo	
ABREVIATURAS		phrase” (sintagma			
EM GLOSAS		determinante)	*á	é agramatical	
	EF	traço de borda	?á	é marginal	
1SG	primeira	Fin	finitude		
1SG	primeira	Foc	foco		
2SG	segunda	Force	força		
2SG	segunda		ilocucionária	OUTRAS	
IMP	imperativo	FL	faculdade da	CONVENÇÕES	
IMP	imperativo		linguagem	PB	Português
SUBJ	subjuntivo	LF	forma lógica		Brasileiro
SUBJ	subjuntivo	PF	forma	PE	Português
VOC	vocativo		fonética		Europeu
		P	preposição	traços- <i>phi</i>	traços de
SÍMBOLOS E		N	nome		gênero, pessoa e
ABREVIATURAS		SAP	“speech act		número
			phrase” (sintagma de		constituintes qu-
Adv	advérbio		ato de fala)		constituintes
Adv	advérbio	T	tempo		interrogativos, como “o
Agr	concordância		(flexão)		que”, “qual”, “quando”,
C		Top	tópico		etc.
		V	verbo		
complementizador					
CRPC	Corpus de				
Referência do Português					
Contemporâneo					

Introdução

O objeto de estudo desta tese são os vocativos, que apesar de pouco explorados na literatura linguística, são empregados pelos usuários da língua, cotidianamente, ao se dirigirem a alguém. Estes constituintes representam o ouvinte em sua relação com o falante na situação de interação e, ocorrem, portanto, em uma multiplicidade de atos de fala para chamar, cumprimentar, perguntar, opinar, ordenar etc. Torna-se preponderante mencionar a recorrência do emprego deste constituinte nos contextos imperativos, exclamativos/ avaliativos e também nos contextos interrogativos.

Os vocativos são definidos nas Gramáticas Tradicionais, geralmente, em termos de sua função pragmática, sendo caracterizado como “expressões de chamamento” (Melo, 1978; Câmara Jr., 1981; Luft, 1983; Cunha & Cintra, 1985; Cegalla, 1985; Bechara, 1999, além de outros). Para Cunha & Cintra (2000), o vocativo é um elemento utilizado para atrair a atenção do ouvinte, para identificá-lo e para manter contato, isto é, elementos que servem para invocar ou chamar, com maior ou menor ênfase uma pessoa ou coisa personificada e, além disso, os constituintes com função sintática de vocativo são apresentados pelos autores como elementos que têm uma “entoação exclamativa” e que estão “isolados do resto da frase” (Cunha & Cintra, 2000, p. 161), como nos exemplos:

- (1) Filho, isso é só eles é que sabem.
- (2) Hoje é aniversário da mamãe, João.

Nos exemplos (1) e (2), os exemplos “filho” e “João” são isolados do restante da construção por não apresentarem vínculo com a oração.

Pautando-se nos pressupostos da teoria gerativa, Mateus *et alii* (2003, p. 457) consideram que o vocativo “ocorre em posição periférica na frase”, sendo definido também como uma função sintática desempenhada por um constituinte que não controla a concordância verbal e que é utilizado em contextos de chamamento ou interpelação ao interlocutor. Outras perspectivas também identificam o vocativo como um elemento

isolado (Zwicky 2004, *apud* Dalessandro & Van Oostendorp, 2010), e como um elemento “extrafrásico”, “periférico” ou “parentético” (Dehé & Kavalova, 2007; Dehé, 2009, Abalada *et al*, 2011). Em suma, estes constituintes são analisados como adjuntos, isto é, como constituintes situados em uma posição à parte.

Sob este ponto de vista, o vocativo é uma forma nominal que parece ser concebida como um constituinte que não faz parte da configuração estrutural da sentença. No entanto, embora, aparentemente, os vocativos não façam parte da grade temática, podem ser correferentes com um dos argumentos da oração, como nos exemplos do PB abaixo:

(3) José, eu já te expliquei isso tantas vezes.

(4) Você não sabe de nada, Dorinha.

Em (3), o vocativo “José” é correferente com o complemento “te” e no exemplo (4), o vocativo “Dorinha” é correferente com o sujeito “você”.

No que diz respeito à distribuição na oração, os vocativos podem ocorrer em três posições (c.f. Moreira, 2008; Carvalho, 2010; Abalada *et al*, 2011). Veja-se que em (3), o vocativo “José” se situa à esquerda da oração, em posição inicial e em (4), o vocativo “Dorinha” está à direita da oração, em posição final. De acordo com os trabalhos citados, o vocativo pode, ainda, ocorrer em posição medial, que de acordo com Abalada *et al* (op. cit) é a posição entre o verbo e o complemento, como ilustrado a seguir:

(5) Você tem, Terezinha, um enorme coração.

Destarte, o vocativo pode ocorrer ainda em outras posições no interior da oração e não somente entre o verbo e o complemento. Observamos que este constituinte ocorre à esquerda de tópicos, constituintes -*qu*, em períodos compostos, entre a oração principal e a oração substantiva objetiva direta ou completiva nominal, como exposto, respectivamente, abaixo¹:

(6) A vida, meu filho, às vezes, é mesmo ingrata com as pessoas.

(7) Que lindo, João, é o seu bebê.

¹ Estas construções serão descritas no capítulo 1 e analisadas no capítulo 3.

(8) A mamãe disse, Pedro, que você não pode ir.

(9) Tá na hora, Parisina, de você começar a enxergar as coisas.

(Faro, 2008)

Apresentamos também exemplos nos quais um vocativo coocorre com uma interjeição, conforme a seguir:

(10) a. Ô Maria, é hoje o dia do seu aniversário?

b. Ai, Dorinha, não estou me sentido bem.

Observe-se que, em (10 a), o vocativo “Maria” é precedido interjeição “Ô” e, em (10 b), o vocativo Dorinha é precedido pela interjeição “Ai”.

Distinguimos invocações (como “Meu Deus”) de vocativos, uma vez que estas não se referem a um interlocutor, como o vocativo, mas a uma entidade religiosa ou coisa personificada. Verificamos que estes constituintes podem coocorrer, conforme observado em (12); no exemplo em (13), o vocativo coocorre com uma interjeição e uma invocação e, em (14), a interjeição exerce função de vocativo.

(11) Meu Deus, cuida do meu filho.

(12) Meu Deus, Paula, o que é isso?

(13) Ai, Meu Deus, José, e agora?

(14) Ei! Espera aí.

Considerando exemplos como (12) e (13), torna-se mais nítida a distinção entre os vocativos e as invocações, sendo estas últimas um apelo a uma entidade não pessoal ou inanimada, como objetos da natureza, ou a uma entidade religiosa.

Em síntese, verificamos que o vocativo não ocorre aleatoriamente em qualquer posição na oração, mas em ambientes sintáticos específicos, como à esquerda da oração, à direita da oração, entre o verbo e o complemento de uma oração, entre a oração principal e a oração substantiva objetiva direta ou completiva nominal ou à direita de um tópico, de um constituinte -qu, de uma invocação ou de uma interjeição.

Há, portanto, uma variedade de constituintes com os quais o vocativo coocorre, como tópicos e operadores -qu. No desenvolvimento deste trabalho, tornou-se necessário evidenciar as possibilidades de coocorrência entre eles para se pensar na

posição do vocativo na estrutura sintática e a ordem em que estes constituintes ocorrem em relação aos outros.

Esta tese centra-se na relação entre sintaxe e pragmática, não obstante, observamos que há muito o que investigar em relação ao vocativo; no desenvolvimento desta tese, deparamo-nos com outras interfaces, quais sejam, sintaxe-discurso; sintaxe-prosódia; sintaxe-semântica, sendo este um fenômeno de interface por excelência. As dificuldades no estudo de um tema pouco explorado na literatura do português estenderam-se ao se tentar definir e delimitar o que explorar e até que ponto.

Há estudos sobre o vocativo na interface sintaxe-pragmática, como o de Osenova & Simov (2002), que consideram poder ser atribuída ao vocativo a interpretação de chamamento ou de destinatário, que por sua vez está relacionada à distribuição sintática do vocativo.

Moreira (2008) também caracteriza as funções “chamamento” e “destinatário”, embora não utilize estes termos, ao declarar que as diferentes posições de colocação do vocativo na sentença podem ter diferentes interpretações. Em detalhes, observa-se que, quando o falante está próximo do ouvinte ou aguardando uma resposta deste no contexto comunicativo, não havendo disputa de atenção daquele, o vocativo pode se situar à direita da oração, como no trecho:

(15) Tonho: (...) Eu estudei. Uma briga com o negrão não acaba nunca. Se eu acerto ele hoje, ele me pega de faca amanhã. Se eu escapo amanhã, ele me pega depois. Só acaba com a morte.

Paco: Mata ele.

Tonho: Eu estudei, meu chapa. Não estou a fim de apodrecer na cadeia por causa de um desgraçado qualquer.

(Plínio Marcos, 1978: 38, *grifo de Moreira, op. cit.*)

No trecho acima, *Tonho* não disputa a atenção de *Paco* com outro(s) interlocutor(es), o diálogo se dá entre os dois personagens que estão próximos e é, portanto, a fala do último é esperada pelo primeiro.

O vocativo pode ser o primeiro constituinte da oração quando o enunciador está distante do ouvinte ou quando este deseja chamar a atenção daquele, principalmente

quando há, no contexto do ato de fala, disputa da atenção deste último, como ilustrado no trecho:

(16) Jorge: Vizinha, vizinha, o que é? O que foi? Não vejo ninguém...

Florência: Quem está aqui?

Jorge: Vizinha, somos nós.

Emília, *dentro*: Minha mãe, minha mãe!

Florência: Ah, é o vizinho Jorge! E estes senhores! (*Levantando-se ajudada por Jorge*).

Emília: Minha mãe, o que foi?

(Martins Pena, 1956:329, *grifo de Moreira, 2008*)

Neste exemplo, embora o enunciador esteja próximo do ouvinte, dirige-se a ele com espanto, o que nos leva a crer que a intenção do primeiro é chamar a atenção do último. Podemos observar, ainda, que há disputa da atenção do ouvinte: tanto *Jorge*, o vizinho, como a filha *Emília*, requerem a atenção de *Florência*.

O vocativo pode também ocorrer dentro do enunciado quando o falante opta por enfatizar outro constituinte interno a oração, como no exemplo abaixo:

(17) Florência: O rapaz não tem inclinação nenhuma para ser frade.

(...)

Mestre: O dia que o Sr. Carlos sair do convento será para mim um dia de descanso. (...) Não se passa só um dia em que se não tenha de lamentar alguma travessura desse moço (...).

Florência: Foi sempre assim, desde pequeno.

Ambrósio: E seria uma crueldade violentar-lhe o gênio.

Mestre: E se o conheciam, senhores, para que o obrigaram a entrar no convento, a seguir uma vida em que se requer tranqüilidade de gênio?

Florência: Ah, não foi por meu gosto, meu marido é que persuadiu-me.

Ambrósio, *com hipocrisia*: Julguei assim fazer um serviço agradável a Deus.

Mestre: Deus, senhores, não se compraz com sacrifícios alheios.

(Martins Pena, 1956, p. 316, *grifo de Moreira, 2008*)

No exemplo acima, o sujeito da oração “Deus” é topicalizado e se situa à esquerda do vocativo “senhores”. Observe-se que, também neste caso, o falante (o *Mestre*) está próximo dos seus interlocutores (*Florência* e *Ambrósio*) e não há, ainda, disputa de atenção destes.

Em resumo, no contexto exemplificado em (16), em que o vocativo se situa em posição inicial, a função do vocativo é chamar a atenção do interlocutor ou evocá-lo, principalmente quando, no contexto, há disputa de atenção entre os interlocutores. Já nos trechos em (17) e (18), com vocativo em posição final e dentro do enunciado, respectivamente, a intenção do falante parece ser manter o contato já estabelecido.

A hipótese de Moreira (op.cit.) é respaldada por Carvalho (2010), que considera que o vocativo serve ao propósito de estabelecer contato com o interlocutor. Nesse sentido, presume-se que é utilizado como um convite ao interlocutor para participar da situação comunicativa e tornar-se um destinatário possível. A utilização de um nome e/ou sobrenome é muito apropriada para esta função, uma vez que aponta para um indivíduo particular. A entonação e o fato de, geralmente, ocorrer em uma posição inicial também caracteriza essa função. Utiliza-se também o vocativo com essa função quando o interlocutor está fora das coordenadas espaciais do falante. Nesse caso, o objetivo do falante pode ser o de localizar o interlocutor. Até aqui, a autora caracteriza o vocativo utilizado com a função de chamamento.

Para Moreira (op.cit.), o falante pode continuar usando o vocativo, não para estabelecer contato, mas para mantê-lo, reforçá-lo ou para evitar que o interlocutor se afaste. Quando a relação interlocutiva inclui mais de um interlocutor, a utilização do vocativo dirige as instruções para um interlocutor específico, ou seja, seleciona o interlocutor.

Hill & Stavrou (2013) diferenciam os chamamentos dos destinatários, no que diz respeito também a interpretação do vocativo à sua distribuição sintática. Apresentamos a seguir, construções do PB que exemplificam esta correlação:

- | | |
|--|--------------|
| (18) a. Elisa, tira a roupa do varal. (Rasi, 1995, p.36) | Chamamento |
| b. Tira a roupa do varal, Elisa. | Destinatário |

Nota-se que é atribuída ao vocativo “Elisa”, em posição inicial, em (18a), uma leitura de chamamento ou interpelação, porém esta mesma leitura não pode ser atribuída aos

vocativos em posição final, como em (18b), uma vez que estes funcionam como destinatários.

Um fato que pode comprovar a existência dos dois tipos de vocativos é a possibilidade e coocorrência destes, como ilustra o exemplo:

(19) Elisa, bebe este café, Elisa.

Assim, consideramos que há dois tipos de vocativos: o chamamento e o destinatário. O primeiro serve para estabelecer contato, situa-se em posição inicial e é, portanto, pronunciado com ênfase, de modo que apresenta uma entonação característica. Por outro lado, quando empregados como destinatários, os vocativos são utilizados para manter ou reforçar o contato já estabelecido ou, ainda, para direcionar uma informação para um ouvinte específico, dentre outros interlocutores ou possíveis interlocutores.

Os dados utilizados são reais, extraídos de diversos *corpora*. além de dados de intuição e dos juízos de outros falantes nativos, os exemplos utilizados ao longo deste trabalho são provenientes de diversas fontes, de mídias televisivas, de conversas informais e de peças teatrais, tais como: *Dois perdidos numa noite suja*, de Plínio Marcos (1979), *Pérola* de Mauro Rasi (1995), *A mudança*, de Sílvia Faro e *O inferno sou eu*, de Juliana Rosenthal.

Foram também utilizados dados do “Corpus de Referência do Português Contemporâneo”, doravante CRPC. Este é um vasto *corpus* eletrônico da variedade europeia do Português e de outras variedades (Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Goa, Macau, Timor-Leste). Os textos são datados da segunda metade do século XIX até 2006, embora a maioria seja posterior ao ano de 1970.² Quando possível, comparamos as construções do PB com exemplos do PE.

No intuito de mapear a interface sintaxe-pragmática, este estudo leva em conta os estudos sobre cartografia sentencial (principalmente, Rizzi, 1997, 2002, 2004; Cinque & Rizzi, 2008), que tratam do mapeamento detalhado e preciso de estruturas sintáticas. Estes autores evidenciam, por meio de seus mapeamentos, a região da sentença chamada de “periferia esquerda” ou “domínio de CP”.

² Os dados extraídos do CRPC são do Português Brasileiro.

Em concordância com Hill & Stavrou (2013), consideramos que o vocativo é o ouvinte em uma situação de interação e, por conseguinte, que o meio mais adequado de se analisar sintaticamente construções em que figuram este constituinte deva partir do pressuposto de que a sintaxe codifica os papéis de falante e de ouvinte. Assim sendo, os vocativos e as interjeições, que por sua vez expressam o ponto de vista ou uma atitude do falante, são situados na interface pragmática-sintaxe, em uma superestrutura, um domínio localizado acima de ForceP, projeção mais alta do domínio CP (Rizzi, 1997).

Face ao exposto, dispomo-nos a descrever as construções com vocativo do Português Brasileiro e analisá-las por meio de uma estrutura fecunda em categorias, a qual nos permite desvelar diversos aspectos acerca da interface sintaxe-pragmática.

O nosso objetivo principal é descrever e analisar o vocativo na estrutura sintática do PB e, portanto, não abordaremos a sua sintaxe interna sob uma perspectiva micro-sintática. No entanto, interessa-nos, propriamente, a ordem dos constituintes nas construções em que o vocativo é inserido.

Dentre os objetivos específicos, destacamos os seguintes:

- a) catalogar as diferentes realizações do vocativo no Português Brasileiro;
- b) descrever as propriedades das construções com vocativos (posição sintática, ambientes sentenciais e função pragmática);
- c) descrever as propriedades das construções contendo vocativos e a relação entre vocativos e interjeições;
- d) definir a posição dos vocativos e a posição das interjeições na configuração sintática.

Esta tese é constituída por quatro capítulos. No primeiro, apresentamos e descrevemos construções com vocativo do PB: apresentamos os tipos sentenciais destas construções, os contextos semânticos e pragmáticos em que ocorrem e possíveis posições na oração. Verificamos que o vocativo pode ocorrer em posição inicial, à esquerda da oração; em posição final, à direita da oração; entre o verbo e o complemento; à esquerda de tópicos, constituintes -qu e em períodos compostos, entre a oração subordinada e a objetiva direta ou completiva nominal.

No segundo capítulo, exploramos as propriedades das construções com vocativos, com interjeições, com invocações, constituintes exclamativos como “Nossa Senhora” e “Deus do Céu” e daquelas em que estes constituintes coocorrem, no intuito

de verificar a ordem destes constituintes na oração e, assim, obtermos pistas das respectivas posições sintáticas. Exploramos, ainda, neste capítulo, as construções com as partículas vocativas “sô” e “pá”, que são, respectivamente, a redução do vocativo “senhor” no dialeto mineiro e a redução do vocativo “rapaz” no Português Europeu. O estudo das partículas vocativas justifica-se uma vez que a ocorrência destas ser mais marcada que a dos vocativos plenos. Esta marcação se traduz pelo fato de a posição das partículas ser mais definida do que a dos vocativos plenos e, por esta razão, há uma relação de dependência entre partículas vocativas e interjeições em posição inicial (*Uai, sô...; Ô sô...; Ó pá...*). Esta relação de dependência é, provavelmente, oriunda do fato de as partículas serem formas reduzidas, resultantes de um processo de pronominalização, como pontua Ramos (2010), ao se referir à partícula “sô”. Supomos que estas partículas, quando nesta posição específica, tenham alcançado o estatuto de clítico.

No terceiro capítulo, será apresentado o referencial teórico adotado nesta tese, a saber, estudos desenvolvidos sobre os vocativo como categoria autônoma em especial os trabalhos de Hill (2007) e Hill & Stavrou (2013), que abordam o vocativo na interface pragmática-sintaxe.

No quarto capítulo, apresentamos a análise sintática das diferentes construções com vocativos e das partículas vocativas “sô” e “pá”, considerando-se que nestas, a variação na ordem das palavras deve-se às operações de movimento, topicalização e extraposição, uma vez que os vocativos ficam *in situ*. Tendo em vista que a posição ocupada pelas interjeições e pelas invocações auxilia na definição da posição do vocativo, analisamos sintaticamente construções em que estes constituintes coocorrem e aquelas em que as interjeições ocorrem desacompanhadas de vocativos.

Nas considerações finais, resumimos os principais resultados da tese.

Capítulo 1

As construções com vocativo

1.1. Introdução

Este capítulo está organizado do seguinte modo: na seção 1.2, discorreremos sobre os tipos sentenciais das construções com vocativo, os contextos pragmáticos em que emergem e a relação destes contextos com a classificação dos vocativos em dois tipos: os chamamentos e os destinatários. Na seção 1.3, descrevemos diferentes construções com vocativo, sendo consideradas as posições em que este constituinte pode ocorrer (à esquerda, à direita da oração, entre o verbo e o complemento), bem como as ocorrências de vocativo precedido por tópico, conforme veremos na seção 1.3.1., por um constituinte -qu, como será apresentado na seção 1.3.2. e a interveniência do vocativo entre orações, na seção 1.3.3.

1.2. O vocativo no contexto

Ao iniciarmos a descrição das construções com vocativo, apresentaremos os tipos sentenciais propícios para a sua ocorrência e, em seguida, passaremos a tratar dos contextos pragmáticos em que ocorre e os valores semânticos e prosódicos atribuídos nestes contextos.

1.2.1. Os tipos sentenciais das construções com vocativo

Os vocativos são muito utilizados quando é dada uma ordem, quando se faz um pedido, quando se dá um conselho e também quando se quer expressar uma opinião ou uma exclamação. Dito de outra forma, os vocativos são utilizados com frequência em contextos imperativos, como em (1), e exclamativos/ avaliativos, como em (2) e (3). Seguem-se os exemplos:

- (1) Maria, tenha mais cuidado.
- (2) Nossa, Igor, que bagunça!
- (3) Que lindo é o seu pingente, Maria!

Entretanto, o vocativo pode ser empregado também quando se quer perguntar algo a alguém e é esperada uma resposta daquele que é visado pelo vocativo. Assim, o vocativo ocorre também em sentenças interrogativas:

- (4) Quem é aquela senhora, João?

É compreensível que o vocativo possa ocorrer com frequência nos contextos imperativos, exclamativos/ avaliativos e também em interrogativas se admitirmos uma correlação entre tipos gramaticais (exclamativo/ avaliativo, interrogativo, assertivo etc.) e valores semânticos e pragmáticos”, conforme o que diz Alonso-Cortés (1999) ao descrever a oração exclamativa:

A frase exclamativa admite uma delimitação injuntiva por apresentar propriedades (estruturais, semânticas e pragmáticas) independentes que, juntas, definem o tipo exclamativo. Nesta delimitação, há um elemento central, dominante, que é pragmático, mas os outros, o estrutural e o semântico, interagem com outros tipos gramaticais, em especial com o tipo interrogativo (c.f. Alonso-Cortés, 1999, p. 3995, tradução nossa)³.

O autor reconhece que esta delimitação pode ser imprecisa por não haver uma correlação estrita entre os tipos gramaticais, semânticos e pragmáticos. Entretanto, esta correlação faz sentido, uma vez que todos os atos de fala exigem um ouvinte, que pode ser explicitado por um vocativo. Assim é natural que o vocativo possa acompanhar qualquer ato de fala por ter origem na função apelativa.

Segundo ainda Alonso-Cortés (1999), o falante pode, portanto, se dirigir ao ouvinte empregando o vocativo nos distintos atos de fala: para cumprimentar, como no exemplo em (5); ordenar, como em (6); perguntar, em (7); expressar um estado mental, em (8) etc.

³ La oración exclamativa admite una delimitación injuntiva, es decir según propiedades (estructurales, semánticas y pragmáticas) independientes, pero que juntas definen el tipo exclamativo. En esta delimitación hay un elemento central, dominante, que es el pragmático, y otros, como los estructurales y semánticos, que se interfieren con otros tipos gramaticales, en especial con el tipo interrogativo (c.f. Alonso-Cortés, 1999, p. 3995).

(5) PEDRO: ¡Hola, Marcelo!
olá Marcelo
Olá, Marcelo!

MARCELO: Bien ¿ y tú, Pedro?
bem e tu Pedro
Bem. E você, Pedro?

(6) ¡Calla, tú!
cala tu
Cala, você!

(7) Eh niño, ¿adonde vás tú?
Eh menino aonde vais tu
Eh, menino, aonde você vai?

(8) ¡Ay, Arturito, estoy muy triste!
ai Arturito estou muito triste
Ai, Arturito, estou muito triste!

Continuando a descrição da oração exclamativa, o autor salienta que este é o tipo gramatical de oração que corresponde à realização da força ilocutiva do ato de fala expressivo ou força exclamativa, marcada gramaticalmente por uma classe de palavras exclamativas ou palavras -qu (*que, qual, como, quanto*, etc), que ponderam ou intensificam algo que afeta o falante.⁴ Assim, fica claro o caráter avaliativo das exclamativas, que explicitam ao ouvinte informações do comportamento e da opinião do falante. Sugerimos que a modalidade imperativa também desvela valor avaliativo, uma vez que o contexto avaliativo se torna profícuo para a ocorrência do vocativo.

Após a avaliação dos contextos sentenciais, na próxima seção, abordaremos as funções sintáticas do vocativo.

1.2.2. As funções pragmáticas do vocativo

Osenova e Simov (2002), Moreira (2008), Carvalho (2010) e Hill & Stavrou (2013) consideram que há dois tipos de vocativos: os chamamentos e os destinatários, que se distribuem diferentemente. Como dissemos na introdução desta tese, também

⁴ As palavras exclamativas têm distribuição semelhante a das palavras interrogativas. (cf. Milner (1978)).

para Moreira (2008) e Carvalho (2010) os tipos de vocativo e a distribuição sintática destes estão diretamente relacionados.

Hill & Stavrou (2013) apresentam os constituintes que podem exercer a função de chamamento, isto é, constituir uma forma de chamamento. Para as autoras, as formas de chamamento podem conter uma interjeição e um vocativo, como nos exemplos (9) do Romeno e (10) do Umbundu.⁵ ou apenas o vocativo ou a interjeição, como no exemplo do Búlgaro em (11), em que a forma de chamamento é composta apenas por uma interjeição:

- (9) O/aoleu (Doamne), de un sã- I iau? Romeno
Oh oh God-VOC from where SUBJ it take – 1SG
Oh, Lord, where can I find it?
Oh, Deus, onde posso encontrá-lo?
Exemplo (2a) de Hill (2007)

Nessa construção, acima, a interjeição precede uma invocação.⁶

Partículas de chamamento indireto: *avoyo* (em inglês, ‘oh’)

- (10) Avoyo, hati eye ka telele oku tu kuationa mulo. Umbundu
Oh said s/he not could to us help in-this
Oh my s/he said s/he not could help us with this.
Oh meu ela disse que não pode nos ajudar com isso.
Exemplo (5b) de Hill (2007)

- (11) Vãh, na kogo ni ostavi? Búlgaro
Oh to whom us left-2SG
Oh, whom did you leave us with?
Oh, a quem nos deixou?
Exemplo (4b) de Hill (2007)

Estas possibilidades se realizam também no português, considerando-se tanto o PE, quanto o PB, como por exemplo:

⁵ Como veremos, na seção 2.2.2.1, no capítulo 2, seguindo Hill & Stavrou (2013), assumimos a existência de dois tipos de interjeições: as propriamente ditas, que expressam o estado mental, as emoções e sentimentos do falante, e as partículas de chamamento indireto, que podem atuar como um chamamento ou como um cumprimento.

⁶ Para mais detalhes sobre invocações, consulte a seção 2.3, do capítulo 2.

(12) Mamãe, não está vendo que estou falando com você? PB

(13) Oh, Maria, o que houve? PB

No exemplo (12), a forma de chamamento é composta pelo vocativo “mamãe”, em (13), temos uma forma de chamamento composta pela interjeição “Oh”.

Na perspectiva de Hill & Stavrou (2013), as formas de chamamento podem ser diretas ou indiretas. As formas de chamamento diretas identificam o ouvinte, pois nelas, um vocativo, muitas das vezes constituído pelo próprio nome do interlocutor, sempre está presente e, portanto, constituem um apelo direto a quem a forma de chamamento é dirigida. Já as formas de chamamento indiretas são representadas pelas interjeições desacompanhadas de vocativo que podem atuar como chamamento, como “Ei”, “Olá”, “Psiu”, sem identificar diretamente o interlocutor.

As formas de chamamento nos exemplos do búlgaro, do romeno, do umbundu e do português ocorrem à esquerda da oração, o que está em concordância com a hipótese de que existem dois tipos de vocativos, chamamentos e destinatários e que a função que desempenham está relacionada à posição sintática e, nesta perspectiva, os chamamentos ocorrem à esquerda da oração.

Como vimos, o vocativo pode atuar como uma forma de chamamento, no entanto, além desta, o vocativo pode desempenhar outras funções pragmáticas. É o que observaremos, a seguir, ao revisarmos a posição de alguns autores acerca da interpretação do vocativo considerando-se os contextos em que ocorre.

1.2.3 Valores semânticos e prosódicos

Carvalho (2010) considera que os vocativos podem desempenhar funções, como intensificação/atenuação e humor. Sob o nosso ponto de vista, a autora se refere a valores semânticos e prosódicos do vocativo e, não necessariamente, a funções pragmáticas. As funções resumem-se nas duas que foram apresentadas, isto é, chamamento e destinatário, as quais estão diretamente relacionadas com a posição do vocativo na oração.

Para Carvalho (op.cit.), uma vez que o vocativo envolve diretamente o interlocutor, por si só, já constitui uma forma de intensificação. No entanto, juntamente com a utilização do vocativo, podem somar-se outros mecanismos de atenuação/intensificação, como a entoação, a ordem das palavras, pontuação, interjeições, etc. A intensificação é atribuída aos valores semânticos, pragmáticos e prosódicos e à maneira como esses valores adequam-se ou não à situação específica de conversação. Assim, uma determinada sequência contendo um vocativo e outras formas de intensificação pode ser interpretada como uma exigência ou uma imposição. Pode-se atribuir esta leitura à sequência nome-sobrenome, por exemplo, empregada por um parente próximo em uma situação em que se deseja repreender o interlocutor.

Observa-se que o vocativo como forma de intensificação é mais utilizado em posição inicial, como chamamento. Já vimos que, ao exercer a função de chamamento, é pronunciado com ênfase.

A autora ressalta, ainda, que o vocativo ocorre também em situações de brincadeiras, humor, ironia entre os interlocutores, como termo carinhoso, como comentário elogioso ou insulto. Para a autora, em cada um desses três últimos casos, o vocativo aparece isolado, dissociados de qualquer situação específica enunciativa.

Conforme Moreira (op. cit), os vocativos utilizados em situações de brincadeiras, humor são compostos por um adjetivo substantivado (ou nominalizado), isto é, epítetos. De acordo com Houaiss (2001, p. 1181), epíteto é a palavra ou expressão que se associa a um nome ou a um pronome para qualificá-lo; qualificação elogiosa ou injuriosa dada a alguém; alcunha, qualificativo. Geralmente, trata-se de xingamentos ou de palavras carinhosas, como por exemplo:

(14) Larga a boneca da sua irmã, seu palhaço!

(15) É surdo, desgraçado?

(Plínio Marcos, 1978: 12)

(16) Não fique triste, meu amorzinho.

No entanto, observamos que os exemplos de epítetos não necessariamente ocorrem “isolados e fora de qualquer situação enunciativa específica”, como diz Carvalho (op.

cit). Nas sentenças de (14) a (16), os vocativos não ocorrem isolados, mas situam-se ao fim da sequência enunciativa e mantêm vínculos com posições internas à proposição.⁷

Como se sabe, o emprego de um termo carinhoso, de um diminutivo ou de um hipocorístico (redução de um nome próprio) denota proximidade ou certa intimidade entre os interlocutores. Nos últimos dois casos, é necessário que esse emprego não seja habitual, mas em situações específicas para que seja atribuída ao vocativo a leitura de destinatário.⁸

Os diminutivos de nomes, como Paulinho, Pedrinho, por exemplo, podem ser utilizados ironicamente, e denotam desdém, mas também carinhosamente, ou com a intenção de agradar o ouvinte, como em:

(17) Florência: Chega-te para cá, Ambrosinho, não te envergonhes.

(Martins Pena, 1956, p.315)

(18) Ambrósio: Como queres que eu te diga, Florencinha?

(Martins Pena, 1956, p.320)

Estas construções foram extraídas da peça teatral “O Noviço” de Martins Pena, na qual os personagens “Ambrósio” e “Florência”, um casal, não são tratados habitualmente pelos outros personagens e entre si com diminutivos dos seus nomes, mas em determinadas situações em que optam por utilizar diminutivos de nomes próprios ao se dirigir ao outro.

Os epítetos e os diminutivos de nomes próprios, como termos carinhosos, não são utilizados para estabelecer contato, mas quando o interlocutor já foi contactado e, portanto, são pronunciados em um tom mais baixo. Como não é utilizado para contactar o interlocutor, o vocativo pode ser interpretado como destinatário.

⁷ Os epítetos não são utilizados em posição inicial com a finalidade de chamar ou contactar o interlocutor, mas conforme mencionado, ocorrem ao fim da sequência enunciativa e são geralmente interpretados como destinatários.

⁸ Se um hipocorístico ou um diminutivo é utilizado em contexto habitual, pode funcionar como chamamento ou destinatário. Em se tratando de hipocorísticos, o que é referido por Dalessandro & van Oostendorp (2010) como truncamento de nomes próprios realizados sintaticamente como vocativos, no estudo de dialectos do Sul da Itália, trata-se de uma resposta às exigências de um padrão entoacional imposto pelo núcleo destinatário. Ao referirem-se ao núcleo destinatário, os autores têm como pressuposto a existência de uma posição periférica de destinatário. Ressalve-se que este estudo não prevê uma classificação de vocativos, como chamamentos e destinatários. A palavra “destinatário” é, portanto, utilizada de maneira geral.

Quando se utiliza um epíteto como vocativo, há uma intenção de qualificar o interlocutor de alguma maneira. Os diminutivos de nomes próprios utilizados como termo carinhoso, em contextos de proximidade e/ou intimidade também são qualificativos. Estes são, portanto, constituintes avaliativos, manifestam uma avaliação, uma opinião do falante.

Nesta seção, argumentamos que intensificação/ atenuação do humor são valores semânticos atribuídos ao vocativo e não se tratam de funções pragmáticas, como considera Carvalho (2010) e excluímos, portanto, a possibilidade de haver outras funções desempenhadas pelo vocativo que não sejam as de chamamento e destinatário.

A seguir, observaremos as possíveis posições em que o vocativo pode ocorrer na oração do PB, a fim de observar que função é atribuída a este constituinte nas construções em que ocorre.

1.3. O vocativo na oração

Como já dito na introdução, do ponto de vista sintático e prosódico, estudos recentes que abordam diferentes aspectos das construções contendo vocativo no português consideram que este constituinte pode ser distribuído em três diferentes posições na oração (c.f. Moreira, 2008; Carvalho, 2010, Abalada, Cabarrão & Cardoso, 2011), como exemplificado, a seguir⁹:

Vocativo à esquerda da oração

(19) Mãe, você tá tomando Mandrix?

(20) Papai, o senhor vai chegar que horas?

(21) Natália, seu pai tem toda a razão.

(22) Vado, ele ainda não é pastor.

(Mauro Rasi, 1995)

(23) João, quem é aquele menino?

(24) Elisa, tira esse cachorro da cozinha.

⁹ Como mencionado na introdução, os exemplos apresentados fazem parte do corpus desta tese e foram recolhidos a partir de consulta de peças teatrais, do Corpus de Referência do Português Contemporâneo e outros, ainda são provenientes de conversas informais e da mídia televisiva.

(25) Néilson, me tira daqui.

(26) Pérola, como é que você tem coragem de falar uma coisa dessas?
(Mauro Rasi, 1995)

(27) Paco, uma vez na vida você podia fazer uma coisa descente.
(Plínio Marcos, 1979)

Vocativo à direita da oração

(28) Vai ficar tudo bem, Emília.

(29) Você é muito chato, Paco.
(Plínio Marcos, 1979)

(30) Eu sou apaixonada por ele, dona Simone.p.38
(Rosenthal, 2008)

(31) Você é a única que não pode falar nada, Norma.
(Mauro Rasi, 1995)

(32) Eu não preciso disso, Paco.
(Plínio Marcos, 1979)

(33) Que que você está falando, Emílio?
(Mauro Rasi, 1995)

(34) Não quero saber disso, querido.

(35) Eu sei disso, Dorinha. Não preciso que você me diga.
(Rosenthal, 2008)

(36) Eu decidi, dona Simone. Não vou fazer besteira, e nem ser como minha mãe, eu vi o quanto ela sofreu.
(Rosenthal, 2008)

(37) O que você está fazendo aqui a essa hora, Malu?

(38) Como você deixou isso acontecer, Dorinha? E os seus planos?
(Rosenthal, 2008)

(39) O que é isso, dona Simone? Vocês estão juntos há tanto tempo, não vai separar agora. Vocês se amam.

(Rosenthal, 2008)

Vocativo entre o verbo e o complemento¹⁰

(40) Você tem, Terezinha, um enorme coração.

(41) A senhora tá tomando, mãe, Mandrix?

(Mauro Rasi, 1995)

(42) Quem é, João, aquele menino?

(43) Não se esqueça, João, que prometeu chegar cedo.

(44) Mas eu acho, dona Mariângela, que a mulher hoje ela, sei lá, ela não aceita com tanta facilidade assim. (CRPC)

(45) A mamãe disse, Pedro, que você não pode ir.

(46) eu sei te dizer, minha filha, que o carro não parava de jeito nenhum. foi e ele, então, puxou para o lado do meio-fio, aonde tinha um caminhão, desses feito de alumínio, a kombi foi...

(CRPC)

(47) Não diga, José, que de agora pra frente vai ser pior.

(48) e eu ficava sozinha com os meninos. olha, vou te dizer uma coisa, Maria Lúcia, até Natal e Ano Novo, eu passei muito sozinha, sabe, muitos natais e Ano Novo eu passei sozinha com os menino.

(CRPC)

(49) quando ela me viu, disse "dona Dália, como é que a senhora está andando?" eu disse "pois é, não sei, é só o braço." bom, a conclusão: aí eu fui bater radiografia no consultório aonde eu trabalho. um colega meu que bateu, não estava dando, aí, ele pegou e tirou. assim é que apareceu.

(CRPC)

(50) e a minha nora reclamam da vida que, às vezes, os, os meninos, eh, chegam atrasados, chegam tarde, essas coisas, eu digo "minha filha, vocês não devem reclamar, não. vocês levam até uma vida muito melhor que eu levei, poxa!"

(CRPC)

¹⁰ O vocativo pode ocorrer entre o verbo e o complemento, sendo este verbal ou nominal.

(51) Não tem problema, meu amor, pode trabalhar até mais tarde que eu dou banho e troco as fraldas. p.37 (Rosenthal, 2008)

(52) Tenho medo, Pérola, que ele me avance.
(Mauro Rasi, 1995)

(53) Tá na hora, Parisina, de você começar a enxergar as coisas.

Em estudo sobre o vocativo no PE, Abalada *et al* (2011) assinalam que as frases com vocativos entre o verbo e o complemento suscitam alguns juízos de gramaticalidade negativos. Para que construções deste tipo sejam aceitáveis, como as de (54) a (61), é necessária a pronúncia com uma pausa após o vocativo:¹¹

(54) ? A Sofia fez, João, uma sopa.

(55) ? Eu comprei, Alice, o presente do Antônio.

(56) ? Você é, Paco, muito chato.

(57) ? Eu te vi, Antônio, na praça.

(58) ? Eu comprei, João, o presente da Camila.

(59) ? Vocês não fizeram, Alice, isso.

(60) ? Vocês não fizeram, Alice, o que tinham combinado.

(61) ? Vocês não fizeram, Alice, bolo.

Porém, falantes com a gramática menos restritiva aceitam mais facilmente estas estruturas. No PE, por exemplo, aceitam-se vocativos entre o verbo e o objeto com mais facilidade quando se têm construções imperativas, como as que se seguem:

(62) Distribui, Maria, os gelados. PE

(63) Não te esqueças, Maria, de ligar o rádio. PE

(64) Bebe, João, o café. PB

¹¹ Uma hipótese é a de que a não aceitação das construções com o verbo “fazer” entre o verbo e o complemento se deve à natureza deste verbo. No entanto, não se pode contar com a procedência desta hipótese, uma vez que dentre as construções de (54) a (61), há também aquelas que contam com verbos como “comprar” e “ver”.

Na construção do PB, em (64), é explícito o caráter exortativo do verbo à esquerda do vocativo “João”. Esta construção pode ser produzida em um contexto em que o café já foi servido ao João e a expectativa do falante e a de que o seu interlocutor o beba. O falante poderia dizer apenas “Bebe, João”, porém, opta por ser mais explícito, ao acrescentar “o café” ao enunciado.

A maior aceitabilidade das construções com vocativo em posição medial, como (62), (63) e (64) pode ter a ver com o fato de serem imperativas. No entanto, como as construções de (40) a (53) mostram, também em estruturas com leitura avaliativa, é bem formada a presença de vocativos entre o verbo e o complemento. Assim, concluímos que fragmentos de oração ou orações que precedem o vocativo, necessariamente, apresentam interpretação imperativa ou avaliativa.

Ressalte-se que, nas construções de (43) a (53), o vocativo ocorre entre a oração principal e a subordinada, sendo esta última substantiva, objetiva direta ou completiva nominal. Estas construções emergem em contexto avaliativo e, muitas delas, são construções com verbos evidenciais, isto é, que expressam de maneira explícita a opinião do falante, como é o caso de “achar” e “pensar”. Nas construções de (43) e (46), estes verbos são seguidos por “que + indicativo”. Observamos que nestas construções é comum a ocorrência de verbos declarativos como “dizer” e “falar”, como ilustrado em (45), (46) e (48), (49) e (50). Nas duas primeiras construções, parece haver discurso direto; como se houvesse dois pontos (:) após o verbo, como é o caso de (47) e (48).

Concluímos que o vocativo pode ocorrer nas posições inicial, final e medial, entretanto, principalmente quando se trata de período simples, algumas construções em que o vocativo ocorre entre o verbo e o complemento, na posição medial, são menos naturais do que nas demais posições, a saber, vocativo em posição inicial e vocativo em posição final. Em particular, as construções com verbos transitivos diretos, parecem menos naturais se isoladas do contexto.

Além das construções apresentadas, descreveremos aquelas em que o vocativo se apresenta precedido por um tópico, na seção 1.3.1 e por um constituinte -qu, na seção 1.3.2.

1.3.1. Vocativo precedido por tópico

De acordo com Slocum (2010), tópicos podem ocorrer à esquerda do vocativo em inglês, como nos exemplos seguintes:

(65) At Starbucks, John, everyone drinks sweet drinks.

No Starbucks João todos bebem doces bebidas
No Starbucks, João, todos bebem bebidas doces.

Hill & Stavrou (2013) observam o mesmo para o romeno:

(66) a. La mare, Ioane, n-o fi frig.
at sea Ion.VOCC not-would be cold
On the sea shore, Ion, it can't be cold.
Na beira do mar, Ion, não pode ser frio.

b. La mare (Ioane) hai lasă că n-o fi frig.
at sea Ion.VOCC hai las that not-would be cold
On the sea shore, Ion, it can't be cold, really.
Na beira do mar, Ion, não pode ser frio, realmente.

Exemplos de Hill & Stavrou (op.cit..)

Nos exemplos acima, o PP “la mare” (“na beira do mar”) é topicalizado. De acordo com as autoras, é possível a ocorrência deste tópico à esquerda do vocativo, uma vez que ele não se relaciona com constituintes argumentais. Sob esta perspectiva, consideram que tópicos correferentes com o sujeito ou com o objeto podem ocorrer somente na posição canônica de tópico e não podem, portanto, aparecer à esquerda do vocativo.

No intuito de avaliar se a observação de Hill & Stavrou (2013) é válida também para o PB, descreveremos as construções com tópicos à esquerda do vocativo de modo mais detalhado do que aquelas em que outros constituintes ocorrem nesta posição. A razão para este detalhamento é a de que existem diferentes tipos de tópico (no português), os quais podem ser correferentes com constituintes argumentais ou não.

Para tal, na seção 1.3.1, apresentamos trabalhos sobre o tópico no português, como os estudos de Pontes (1986), a respeito das construções de tópico no PB, e de Duarte (1997), que desenvolve um trabalho sobre este tema no PE e, na seção 1.3.2,

investigamos se à esquerda de vocativos, no PB, somente ocorrem tópicos pendentes ou se há possibilidade de ocorrerem também aqueles que são correferentes com constituintes argumentais. Propomos verificar, ainda, a natureza dos constituintes que podem ocorrer à esquerda do vocativo, isto é, se nesta posição, pode figurar uma variedade de constituintes (DP's, PP's, VP's, Tp's ou uma vP shell) que ocorrem na posição canônica de tópico.

1.3.1.1. Construções de tópico no português

Duarte (1987) investiga os tópicos existentes em PE. Na proposta da autora, dois tipos de tópico são distinguidos: marcados e não marcados. Os últimos são aqueles que coincidem com o sujeito da oração, ou seja, o mesmo constituinte acumula as funções de sujeito e de tópico:

(67) a. O João tirou a rolha da garrafa.

↓
Ag/ Top/ Suj

b. O João adora a Maria.

↓
Exp/ Top/ Suj

(Exemplo (15) de Duarte, 1987)

Já nas construções de tópicos não marcados, a estrutura sujeito-predicado não coincide com a estrutura tópico-comentário. Nessas construções, é um constituinte distinto do sujeito, ocupando uma posição externa à oração, que tem a função textual de tópico frásico (Duarte, 1987). Em (68), temos um exemplo desse tipo de construção:

(68) Aos pais, o João nunca contou essa história.

↓ ↓
Top Ag/ Suj.

(Exemplo 17 (b) de Duarte, 1987)

Duarte (1987) propõe, além disso, uma caracterização geral das construções de tópicos marcados existentes no PE. A autora distingue quatro construções desse tipo de

tópico. São elas: (a) a construção de tópico pendente; (b) deslocamento à esquerda de tópico pendente; (c) deslocamento à esquerda clítica e (d) topicalização.

(a) Tópico Pendente: não há relação sintática de Caso ou papel temático entre o tópico e algum elemento interno ao comentário. É usado, nos textos, para fazer a ligação entre um assunto anterior e o assunto seguinte, como um tópico de ligação. Realiza-se, geralmente, ou como um DP nu, ou regido por uma expressão do tipo: “quanto a”, “acerca de”, “no que diz respeito a”, como no seguinte exemplo da autora:

(69) Quanto ao debate de ontem à noite, é forçoso reconhecer que há políticos que falam sobre um país que não conhecem.

(b) Deslocamento à esquerda de tópico Pendente: nessa construção, o tópico se relaciona, sintaticamente, de maneira mais “forte” com o comentário, pois é retomado por um constituinte interno à oração:

(70) A Maria, encontrei ontem aquele amigo dela que faz cinema.

Nesse exemplo, tanto *Maria* como *dela* se caracterizam pelos traços [+ fem, + sing, + 3ª p]. Observe-se que não há, no entanto, conectividade casual entre os elementos correferentes.

(c) Deslocamento à esquerda Clítica: A construção é usada quando se retoma o tópico da sequência anterior ou quando se enumera os elementos de um conjunto introduzido no discurso anterior. É apresentado o seguinte exemplo:

(71) O tipo é insuportável! O modo como ele trata as pessoas é incrível! Aos amigos fala-lhes com aquele tom de paternalismo condescendente que ninguém aguenta. Os porteiros, considera-os abaixo de cão. Os gerentes, trata-os como se fossem míseros contínuos (...).

No exemplo acima, há a enumeração dos elementos (*aos amigos*, *os porteiros* e *os gerentes*) do conjunto “*as pessoas*”, introduzido anteriormente. Os clíticos que os retoma concordam com estes constituintes em número, gênero e Caso.

(d) Topicalização: o elemento topicalizado é movido de sua posição de base, sendo ela, a posição de argumento externo (sujeito) ou interno (objeto), para uma posição à esquerda do sujeito que é chamada de posição de tópico.

(72) Piscina, não sabia que tinha (-).

Segundo a análise de Duarte (1987), no exemplo acima, o movimento do constituinte *piscina*, deixa uma categoria vazia na posição de objeto do verbo *tinha*.

Pontes (1986) observa a existência de outra construção de tópico característica do PB. Veja o exemplo:

(73) Esse rádio estragou o ponteiro.

Para Pontes, em (73), o PP “do rádio” teria sido alçado para a posição de tópico e, então, considerado sujeito, eliminando-se a preposição no processo de transporte. Duarte, citando Pontes, observa que esta construção, disponível no PB, não existe no PE.

Após a exposição dos tipos de tópico existentes no português, na seção seguinte, propomos verificar se a observação de Hill & Stavrou (2013) de que apenas os tópicos pendentes, isto é, tópicos que não se relacionam sintaticamente com constituintes argumentais, podem preceder os vocativos é válida para o português. Observaremos, ainda a natureza do contituente que pode ocorrer nesta posição.

1.3.1.2. Vocativos e tópicos

Como no romeno, tópicos pendentes podem preceder o vocativo no PB:

(74) A eleição, João, eu acho que o brasileiro ainda vota muito errado.

Observamos também que tópicos marcados, aqueles que coincidem com o sujeito, podem ocorrer à esquerda do vocativo:

(75) Você, João, pode vir.

↓ ↓
Top/ Suj Voc

Além dos tópicos que coincidem com o sujeito, ou seja, os não marcados, podem ocorrer tópicos não marcados à esquerda do vocativo. Dito de outro modo, o sujeito pode também se transformar em um tópico não marcado.

(76) Você, Paco, uma vez na vida podia fazer uma coisa descente.

(77) O Pedro, João, salvou a Maria do lago.

(78) A vida, meu filho, às vezes é mesmo ingrata com as pessoas.

Nestas construções, o constituinte topicalizado é correferente com o sujeito.

Verificamos também a ocorrência de tópicos não marcados à esquerda do vocativo.

(79) Esse livro, João, eu só encontrei na Fnac.

↓ ↓
Top Voc

Nesta construção, como vimos acima, o constituinte *esse livro* é movido da sua posição de base para uma posição de tópico, deixando uma categoria vazia na posição de objeto. Trata-se de um exemplo do quarto tipo de construção de topicalização, de acordo com a classificação de Duarte.

Pode-se concluir que, no PB, não são apenas os tópicos que não apresentam relação com constituintes argumentais que podem preceder o vocativo. Portanto, o PB é uma língua mais permissiva do que o romeno no que se refere aos tipos de tópicos que podem ocorrer à esquerda dos vocativos.

Examinamos a natureza do constituinte topicalizado que pode ocorrer à esquerda do vocativo a fim de verificar se esse fator pode exercer influência na aceitação de um tópico nesta posição, considerando-se os seguintes dados de intuição e também de Faro (2008):

- (80) Esse livro, Joana, eu acho que (eu) não li.
- (81) Esse autor, João, eu não conheço.
- (82) O livro do Saramago, Alice, esqueci ontem na casa dos meus pais.
- (83) Os parafusos da estante, João, conheço alguém que pode colocar.
- (84) A Maria, João, o Pedro disse que salvou ela do lago.
- (85) Os amigos, João, a Maria visita todos os anos.
- (86) Ao seu pai, João, você nunca obedece.
- (87) Sobre política, João, conheço gente que só conversa em bares.
- (88) Depositar o dinheiro, João, o governo depositou.
- (89) Dar o golpe do baú, Maria, a gente acha que o João está querendo dar.
- (90) Depositar o dinheiro no banco, João, o governo depositou ontem.
- (91) Dinheiro no banco, Maria, o governo depositou ontem.
- (92) ...um dia menino, esse cara veio me perguntar o que eu tinha falado para o amigo dele.
- (93) E nessa vida Alda, a melhor coisa que pode acontecer pra uma mulher, é ter filhos.
(Faro, 2008)

De acordo com os exemplos acima, observa-se que os tópicos à esquerda de vocativos podem se realizar na forma das seguintes categorias: DP's, PP's, TPs ou uma concha vP ('vP-shell'). Nas construções de (80) a (85), um DP é topicalizado; nas construções de (86) e (87), PP's são topicalizados; nas construções (88) e (89), temos a topicalização do VP; e temos a topicalização da concha vP em (90) e (91). Observe-se também que os constituintes topicalizados à esquerda do vocativo, sendo DP's ou PP's, podem apresentar função de modificador como nos exemplos (92) e (93).

Ao investigar a natureza do constituinte topicalizado à esquerda do vocativo, verificamos que apesar de algumas das construções parecerem menos naturais do que outras, se considerarmos um contexto específico e que a informação mais importante é a que consta no constituinte topicalizado, todos os tipos de constituintes podem ocorrer à esquerda do vocativo de acordo com os juízos de gramaticalidade dos falantes do PB.

Operadores -qu também podem ocupar a posição à esquerda do vocativo, Descreveremos as construções com estes constituintes na próxima seção.

1.3.2. Vocativo precedido por um operador exclamativo/ interrogativo

Exemplificamos, a seguir, construções em que o vocativo é precedido por um constituinte -qu:

(94) Que bela casa, João, é a dos seus pais!

(95) Quem, João, é aquele rapaz que estava com você ontem?

Na construção (94), há um operador exclamativo/ avaliativo na posição à esquerda do vocativo e, em (95), um operador interrogativo ocupa esta posição.

Apesar destes operadores ocorrerem na mesma posição, apresentam funções distintas. Iniciemos pelos operadores exclamativos.

Como acentua Alonso-Cortés (1999), através dos operadores exclamativos “qué”, “cuánto” e “cómo”; em português, respectivamente, “que”, “quanto” e “como”, pode-se amplificar um valor ou uma qualidade. O autor apresenta os seguintes exemplos:

(96) ¡Qué gordo está!
que gordo está
Que gordo está!

(97) ¡Qué libros lee Pedro!
que livros lê Pedro
Que livros o Pedro lê!

(98) ;Cómo está hermosa!
como está bonita
Como está bonita!

Exemplos de Alonso-Cortés (1999)

Os operadores -qu exclamativos/ avaliativos amplificam um valor ou destacam uma qualidade. Além destes, podem ocorrer à esquerda do vocativo também operadores -qu interrogativos, como em (99):

(99) Quem, João, deixou esse dinheiro aqui?

Apesar da presença do operador -qu à esquerda do vocativo em ambos os tipos sentenciais, é preciso considerar que estas construções exibem diferenças semânticas e sintáticas. A fim de definir a função dos operadores -qu, repetimos a pergunta acima e acrescentamos diferentes respostas, a seguir:

(100) Maria:

- Quem, João, t_i deixou esse dinheiro aqui?

João:

(A) - O Pedro deixou esse dinheiro aí.

(B) - A Maria deixou esse dinheiro aí.

O João pode ter respondido que o Pedro foi quem deixou o dinheiro em um determinado local, como na resposta em (A), ou pode ter sido a Maria, como na resposta em (B). Assim, Pedro ou Maria deixou o dinheiro em um determinado local, sendo possíveis as respostas (A) e (B). Logicamente, uma das construções declarativas é verdadeira e, a outra, é falsa. Pode haver diferentes respostas para uma pergunta através da qual o valor de verdade das proposições (A) e (B) é questionado.

Nesta linha de raciocínio, vê-se claramente, como é sabido, que os operadores interrogativos são fórmulas abertas, considerando-se que o valor de verdade de uma proposição pode ser questionado; enquanto os operadores -qu exclamativos, como já dissemos, servem para amplificar um valor ou destacar uma qualidade.

A seguir, mostraremos que o vocativo pode ocorrer entre duas partes de uma construção. Como veremos, embora estas construções se assemelhem a construções de tópico, não o são.

1.3.3. A interveniência do vocativo entre orações

Há casos de ocorrência de vocativo em período composto, mais precisamente entre a oração principal e uma oração objetiva direta ou completiva nominal. Nestas construções, geralmente, ocorrem verbos evidenciais, como “dizer” ou “pensar”, conforme nos exemplos abaixo:

(101) A Carla disse, João, que não quer mais saber do namorado.

(102) Eu pensei, João, que você não viesse mais.

Nestes exemplos, não há topicalização de TP ou de uma concha vP, como é o caso de (88) e (89) e (90). Nos casos de topicalização, não há uma relação de dependência entre as partes adjacentes de uma dada construção e, nos exemplos acima, há uma relação de complementaridade entre as partes das construções.

A seguir, apresentamos o resumo do capítulo.

1.4. Resumo do capítulo

A partir da descrição dos contextos pragmáticos em que ocorrem vocativos, aferimos que este constituinte ocorre em contextos de ordem, de conselho e também de expressão de uma opinião ou exclamação por parte do falante.

Como dito na introdução desta tese, o vocativo pode ocorrer em uma multiplicidade de atos de fala – se admitirmos que todos eles exigem um ouvinte representado por este constituinte nas construções –; sendo utilizado para cumprimentar, para ordenar, para fazer uma pergunta ou um pedido, para implorar etc., conforme argumenta Alonso-Cortés (1999). Com efeito, os vocativos se tornam presentes em contextos imperativos e exclamativos/ avaliativos.

Verificamos que o vocativo não ocorre simplesmente nas posições inicial, à esquerda da oração, final, à direita da oração e medial, como considera Abalada *et al.* (2011), entre o verbo e o complemento. Outrossim, o vocativo figura também em período composto, entre a oração principal e a oração substantiva objetiva direta ou completiva nominal, à direita de tópicos e de constituintes exclamativos/ avaliativos.

Hill & Stavrou (2013), com base na descrição de dados do romeno, consideram que apenas os tópicos que não se relacionam com constituintes argumentais podem ocorrer à esquerda do vocativo. Não obstante, observamos que, no PB, os tópicos situados nesta posição podem ser correferentes de constituintes argumentais e, além disso, podem ser constituintes de natureza diversa (DP's, PP's, VP's, TP's e uma vP-shell)

Verificamos, ainda, que há uma relação entre a distribuição sintática do vocativo e a função pragmática que desempenha no contexto. Assim, somente os vocativos situados em posição inicial exercem função de chamamento. Se algum outro constituinte precede o vocativo, teremos um destinatário e não um chamamento.

É importante ressaltar que há outros tipos de constituintes que pode ocorrer à esquerda do vocativo, são as interjeições e invocações. A descrição destas construções será detalhada no capítulo seguinte.

Capítulo 2

As interjeições, as invocações e os vocativos

2.1. Introdução

Conforme veremos na seção 3.2 do próximo capítulo, Moro (2003) considera que interjeições que ocorrem à esquerda do o vocativo podem funcionar como marcadores de Caso Vocativo. Portanto, no intuito de alcançar o principal objetivo desta tese, qual seja, o de definir a posição dos vocativos na estrutura sintática, neste capítulo, descreveremos construções com interjeições, com vocativos e com a coocorrência destes.

Nesta perspectiva, realizaremos uma revisão sobre as interjeições no espanhol (c.f. Alonso-Cortés, 1999), na seção 2.2.1, a fim de melhor conhecer os seus comportamentos pragmático e sintático. É importante mencionar que esta revisão será útil para a descrição das interjeições do português, na seção 2.2.2.

Descreveremos também, na seção 2.3, construções com invocações, constituintes exclamativos muito utilizados no PB, como “Meu Deus”, “Nossa Senhora” e “Deus do Céu”. Estes constituintes podem coocorrer e, portanto, também podem auxiliar-nos a definir a posição sintática do vocativo e das interjeições.

Na seção 2.4., passaremos a descrever construções com a partícula vocativa “sô”, redução do vocativo “senhor”, no dialeto mineiro, e a partícula “pá”, redução do vocativo “rapaz”, no PE. O motivo de considerarmos o comportamento sintático das partículas vocativas é o de comparar o comportamento destas com o dos vocativos plenos, também na tentativa de obter evidências acerca da posição sintática do vocativo. Esta investigação é, portanto, muito válida, por considerarmos que a posição das partículas é mais marcada do que a dos vocativos plenos, à medida que quando estas partículas ocorrem em posição inicial, são obrigatoriamente precedidos por uma

interjeição. Observamos, assim, que apresentam comportamento sintático de clíticos quando situadas em posição inicial. Como acentua Vitral (2002), clíticos não podem ocorrer em ambientes que só encontramos as formas fortes ou tônicas; precisa de escorar em algum termo ou ter um hospedeiro. Em se tratando das partículas vocativas, as interjeições que as precedem imediatamente em posição inicial são os hospedeiros.

Conforme mencionado, na próxima seção, discutiremos sobre as interjeições.

2.2. As interjeições

Bechara (2001) descreve as interjeições como expressões com que traduzimos os nossos estados emotivos e que têm existência autônoma, constituindo por si verdadeiras proposições. Apesar de apresentarem contorno melódico exclamativo, “podem assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda, por unidades verbais, como é o caso do imperativo” (BECHARA, 2001, p. 330-331).

Conforme o autor, as interjeições se repartem em quatro tipos:

- a) Certos sons vocálicos representados na escrita como: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum!*. A letra *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;
- b) Palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);
- c) Palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objectos, ou de outra origem, como: *clic (clique)*, *tic.tac (tique-taque)*, *pum!*
- d) Locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d’el-rei!*
São grupos de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora bolas*, *com todos os diabos*.

O autor, em seguida, enumera as interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

- 1) exclamação: *viva!*
- 2) admiração: *ah!*, *oh!*
- 3) alívio: *ah!*, *eh!*

- 4) animação: *coragem!, eia!, sus!*
- 5) apelo ou chamamento: *ó!, olá!, alô!, psit!, psiu!*
- 6) aplauso: *bem!, bravo!*
- 7) desejo ou ansiedade: *oh!, oxalá!, tomara!*
- 8) dor física: *ai!, ui!*
- 9) dor moral: *oh!*
- 10) dúvida, suspeita, admiração: *hum!, hem!* (também hein)
- 11) impaciência: *arre!, irra!, apre!, puxa!*
- 12) imposição de silêncio: *caluda!, psiu!* (demorado)
- 13) repetição: *bis!*
- 14) satisfação: *upa!, oba!, opa!*
- 15) zombaria: *fiau!*

Bechara (2001) salienta, ainda, que as interjeições são proferidas com tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos. Segue-se um exemplo do autor:

(1) “Oh! que doce harmonia traz-me a brisa”

Conforme salienta, quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula, como ilustrado acima.

Já Alonso-Cortés (1999) define interjeição como uma palavra constituída geralmente por uma sílaba em cujo ataque e coda podem aparecer fonemas que não ocorrem em final de palavra. As principais interjeições do Espanhol são: *ay, aj, bah, eh, ah, uy, oh, ca, ea, já, puaf, puf, hum, pse, psche, psst e uff*, dentre outras.

Conforme o autor (op.cit.), as interjeições e a oração exclamativa podem ser entendidas como a manifestação do ato de fala expressivo, em que o falante manifesta um estado mental particular. Em outras palavras, segundo o autor mencionado, o tipo gramatical de oração exclamativa corresponde à realização da força ilocutiva do ato de fala expressivo ou força exclamativa, marcada gramaticalmente por uma classe de palavras exclamativas ou palavras -qu (*que, qual, como, quanto*, etc); palavras que

ponderam ou intensificam algo que afeta o falante. Assim, nota-se a maior probabilidade de ocorrência de interjeições em contexto avaliativo/ exclamativo.

Após discorrermos brevemente acerca das interjeições, tendo em vista, o percurso teórico de constituição desta tese, mais precisamente a importância das interjeições para a definição da posição sintática do vocativo, far-se-á uma explanação acerca destes constituintes no espanhol, pois está se torna útil para que compreendamos e analisemos as construções que contém interjeições no português. Para tanto, apoiaremos estudos de Alonso-Cortés (1999).

2.2.1. As interjeições no espanhol

Com o objetivo de demonstrar o caráter expressivo das interjeições, Alonso-Cortés (1999) apresenta alguns exemplos:

(2) ¡Ah! Cómo lo adivine todo al mirarte!
ah como o adivinho todo ao olhar te
Ah! Como o adivinhe todo ao te olhar!

(3) ¡Ay, qué simpático!
ai que simpático
Ai, que simpático!

(4) – Un certificado?
un certificado
– *Um certificado?*
– Si.
sim
– Sim

– ¡Huy qué raro! [C.J. Cela, *La colmena*, 266]
ui que raro
– Ui que estranho!

(5) ¡Uf qué frío! La luna de cobre va de prisa!
uf que frio a lua de cobre vai depressa
Uf que frio! A lua de cobre se vai depressa!

Exemplos (91 a,b, c e d) de Alonso-Cortés (1999)

Nestes exemplos, a interjeição coocorre com uma oração exclamativa, que determina seu conteúdo proposicional. Contudo, se a interjeição aparece isolada, indica por si mesma, a avaliação do falante. Desta feita, pode-se suprimir a oração exclamativa e do mesmo modo obter um discurso exclamativo, como exemplificado abaixo:

(6) ¡Ah!
ah
Ah!

(7) ¡Ay!
Ai
Ai!

(8) ¡Huy!
ui
Ui!

(9) ¡Uf!
uf.
Uf!

(10) ¡Oh!
oh
Oh!

Exemplos (92 a, b, c, d e e) de Alonso-Cortés (1999)

Nos exemplos de (6) a (10), a interjeição está desprovida de contexto gramatical, mas o sentido é nítido pela entonação em um contexto linguístico específico. A interjeição em (6) pode indicar surpresa, admiração ou a raiva do falante; em (7), dor ou uma reclamação; em (8), um susto; em (9), uma reclamação, desprazer ou desgosto e, em (10), pode indicar medo. Assim, a entonação e a atitude do falante atribuem conteúdo semântico específico à interjeição, já que esta não apresenta conteúdo proposicional por si só.

Searle (1969, *apud*, Alonso-Cortés, 1999) distingue o conteúdo proposicional de uma expressão e sua força ilocutiva. Esta corresponde, grosso modo, à intenção do falante ao pronunciar uma expressão. Assim, em uma oração assertiva, o falante

pretende representar objetivamente atos, eventos etc. e, com uma oração imperativa, o falante pretende modificar a conduta do ouvinte.

Visto sob este ângulo, ao proferir uma interjeição, o falante não efetua o ato verbal completo, uma vez que carece de conteúdo proposicional. Portanto, o falante, ao fazer uso de uma interjeição somente indica a força ilocutiva deste ato e, no entanto, se a interjeição acompanha os atos expressivos, manifesta o estado mental do falante. Em resumo, a interjeição é definida, em termos pragmáticos, como a expressão de um estado mental que carece de conteúdo proposicional, apesar de apresentar força ilocutiva.

Continuando a descrição das interjeições no espanhol, Alonso-Cortés (1999) propõe uma classificação das interjeições considerando a interpretação nos contextos em que estes constituintes ocorrem. A classificação proposta pelo autor será apresentada na próxima seção.

2.2.1.1. Uma classificação das interjeições

Alonso-Cortés (1999) propõe uma classificação das interjeições, considerando o caráter de indicador ilocutivo destes constituintes. De acordo com o autor as interjeições se dividem em três grupos, a saber: assertivas, diretivas e expressivas. As assertivas indicam implicitamente a avaliação por parte do falante de algo que o interlocutor disse ou algo que aconteceu. Uma vez que se trata de uma operação mental, o seu conteúdo proposicional não é explicitado completamente. São exemplos de interjeições assertivas:

(11) ¡Ay, es verdad! Que se me habría olvidado.

ai é verdade que se me havia esquecido

Ai, é verdade! Que eu tinha esquecido!

(12) Ah..., Me parece que la señorita se siente muy feliz.

ah me parece que a senhorita se sente muito feliz

Ah..., me parece que a senhorita se sente muito feliz!

As interjeições expressivas indicam o que o falante está pensando. Já as interjeições diretivas acompanham o imperativo, indicando a força ilocutiva do ato instativo, como nos exemplos a seguir:¹²

(13) ¡Christ, no digas tonterías! ¹³

Cristo não diga bobagens

Cristo, não diga bobagens!

As interjeições expressivas podem indicar: assombro, surpresa, admiração, dor, lamento, alegria, rejeição, asco, etc. Vejamos a exemplificação pertinente:

Lamento, susto, temos, dor

(14) ¡Ay, qué daño me haces! ¡Bestia!

ai que mal me faz Besta

Ai, que mal me faz! Besta!

(Exemplos (104 a e d) de Alonso Cortés (1999, p.4029)

a. Admiração, alegria, prazer

(15) Ah, qué bien lo vamos a pasar.

ah que bom o vamos a passar

Ah, vamos passar muito bem.

b. Surpresa

(16) ¡Caramba! ¡Pasteles!

caramba pastéis

Caramba! Pastéis!

¹² Por ato instativo, entende-se o ato ilocutivo através do qual se faz um apelo para que o ouvinte responda ou para que faça algo. Trocando em miúdos, trata-se dos modos interrogativo e imperativo.

¹³. Poderia-se pensar que “Christ” se trata de uma invocação, um apelo a uma entidade religiosa, no entanto, neste caso, a expressão parece, de fato, ser usada em contexto de interjeição.

(17) ¡Uh! Montse! [...] ¿Quién es ese?

uh Montse quem é esse

Uh! Montse! Quem é esse?

(Exemplos (106 a e d) de Alonso Cortés (1999, p.4029))

Na seção 2.2.1.3, avaliaremos se a classificação das interjeições proposta por Alonso-Cortés (1999) pode ser aplicada aos dados de português. Na próxima seção, passaremos a apresentar a descrição das interjeições, porém, desta feita, abordaremos a distribuição na oração do espanhol.

2.2.1.2. As interjeições na oração do espanhol

De acordo com Alonso-Cortés (1999), as interjeições no espanhol ocorrem em posição inicial na oração, no entanto, podem também ocorrer em outras posições. O autor observa, por exemplo, que as interjeições podem se gramaticalizar e adquirir propriedades léxicas. Neste caso, as interjeições regem complementos introduzidos pela preposição “de”, como ilustra o exemplo abaixo:

(18) a. ¡Ay de vosotros!

ai de vós

Ai de vocês!

b. ¡Ay de mí!

ai de mim

Ai de mim!

Exemplo (107) de Alonso- Cortés (1999)

Segundo o autor, em outras épocas, no espanhol, a interjeição regia diretamente o pronome, como nos exemplos:

(19) a. ¡Ay me!
ai mim
*Ai mim

a. ¡Aymé!
ai mim
*Ai mim

Contemporaneamente, a interjeição, como se vê, não rege diretamente o nome ou pronome senão através de uma preposição, assim como acontece com os complementos dos nomes:

(20) a. *Libro Pedro
(Libro de Pedro)

*Livro Pedro
Livro de Pedro.

b. Casa socorro.
(Casa de socorro)

* Casa socorro
Casa de socorro

O mesmo acontece com ¡ah! quando se refere a um nome comum, por exemplo:

(21) a. ¡Ah de la casa!
ah de a casa
*Ah da casa!

b. *¡Ah la casa!
ah a casa
*Ah a casa!

Exemplo (108) de Alonso- Cortés (1999)

Conforme observa Alonso-Cortés (1999), apesar de as interjeições geralmente ocorrerem à esquerda da oração, em alguns casos, podem figurar em outras posições.

Nota-se que a interjeição ¡Ay! do espanhol pode ocorrer em posição de complemento, como nos exemplos seguintes:

(22) Mari-Justina chilla um ¡ay!

Mari-Justina grita um ai

?*Mari-Justina grita um ai!*

Mari-Justina grita ai!

(23) [...] oyó asimismo Cardenio el ¡ay! que dio Dorotea.

ouviu também Cardenio o ai que disse Dorotea

Cardenio também ouviu o ai! que Dorotea disse.

[Miguel de Cervantes, El Quijote, I, 38]

Continuando a descrição, Alonso-Cortés (1999) pontua que as interjeições não aparecem em posições em que caberia constituintes subordinados, como em (24), entre a oração principal e a subordinada e, em (25), em posição de complemento direto, Portanto, são agramaticais as construções:

(24) * Creo que ¡ah! las mujeres casadas pronto olvidan sus ilusiones de solteras!

creio que ah as mulheres casadas cedo esquecem suas ilusões de solteiras

* *Creio que ah! as mulheres casadas esquecem cedo suas ilusões de solteiras!*

(25) * No sabes que hace ¡iuf lo calor que hace.

não sabes que faz iuf! o calor que faz

* *Não sabe iuf! o calor que faz.*

Exemplos (11e a e b) de Alonso-Cortés (1999, p.4032)

No interior de uma oração subordinada, não ocorrem interjeições, exceto se houver uma pausa enfática, como demonstrado, a seguir:

(26) Es curioso que yo, que – ¡Ay! – me encuentre tan hundida, tenga todavía arrestos para sentir-me inclinada a levantar a los demás.

é curioso que eu que - Ai! – me encontro tão triste tenha todavia motivos
É curioso que eu que - Ai! – estou tão triste , todavia tenha motivos para me sentir inclinada a levantar os outros.

Exemplos (114 a) de Alonso-Cortés (1999, p.4032)

Observa-se, portanto, que a interjeição *¡ai!* pode ocorrer em posição em que se admite constituintes parentéticos, sendo mais livres do que constituintes que ocorrem em posições de subordinação.

Por meio das discussões presentes nas seções anteriores, buscamos na próxima seção, estabelecer analogias entre a classificação das interjeições e os ambientes sintáticos em que ocorrem no português e no espanhol. Nesta perspectiva, seguindo Hill & Stavrou (2013), observaremos as possíveis posições em que estes itens podem ocorrer na sentença e, em seguida, proporemos uma classificação das interjeições com base em dados do português.

2.2.1.3. Uma comparação entre as interjeições na oração do espanhol e do português

Do mesmo modo que no espanhol, as interjeições no português ocorrem majoritariamente à esquerda da oração, como nos exemplos:

(27) e ele disse "ah, dona Dália! eu pensei que a senhora estivesse toda arrebetada. não está não, graças a Deus." aí fomos. no joelho não dava nada. e eu estava sentindo dor neste braço. esse braço é que é quebrou aqui.

(CRPC)

(28) que eu também coso, às vezes. e eu ia para lá, ele disse "ih, avó, entra aqui." tudo bem. quando nós íamos, depois da Praça Sêca, a kombi, esse negócio, eu não entendo muito bem não, parece que faltou freio, eu não sei o que é, de carro eu não entendo nada.

(CRPC)

(29) ah, minha filha! minh[...], mulher de médico precisa... ser uma criatura assim, é, mui[...], muito - como é que eu vou dizer? - não ligar para certas coisas, entendeu, não pode ser ciumenta, não pode estar levando o negócio assim, você querer monopolizar teu marido porque não adianta, porque você tem que deixar de mão mesmo. você imaginou a mulher de médico ciumenta?

(CRPC)

(30) nunca! nem quando eu era ca[...], mocinha, garota, nunca tive ciúmes, não. porque não, não dá, sabe, ô Maria Lúcia, você habitua mesmo, você não te[...]
(CRPC)

(31) Ah, Dona Simone, minha mãe é católica, mas eu gosto de todas as igrejas que têm música.
(Rosenthal, 2008)

(32) Ai Alda! Você com esse seu jeito, acabou espantando todos seus pretendentes!
(Faro, 2008)

(33) Ah, meu filho, isso só eles e Deus que sabem!
(Mauro Rasi, 1995)

(34) Oh, Elisa, nem sei o que dizer...
(Mauro Rasi, 1995)

(35) Ih, acabou o seu sossego, Pérola.
(Mauro Rasi, 1995)

(36) Oh, mãe, por que não foi diferente?
(Mauro Rasi, 1995)

(37) Aiii, Bolinha, pára que eu to de meia!
(Mauro Rasi, 1995)

(38) Oh, minha filha, eu já contei isso tantas vezes...
(Mauro Rasi, 1995)

Ressalte-se, ainda, que a interjeição que a sequência “interjeição-vocativo” pode ocorrer também ao final da oração, como em (47):

(39) a. Não faz isso não, ô João.

b. Não faz isso não, nossa, João.

O exemplo (39 a) demonstra que a ocorrência do vocativo em posição final precedido por “ô” é aceitável. Já a construção em (39 b), não parece muito natural. É aceitável se houver uma pausa antes da interjeição “nossa” e a existência desta pausa faz-nos pensar que tem-se duas construções, como ilustrado a seguir:

(40) Construção 1: Não faz isso não.

Construção 2: Nossa, João!

Há também a possibilidade de coocorrência de vocativo em posição final e uma interjeição em posição inicial, conforme os exemplos seguintes:

(41) Ai, não estou me sentindo bem, Dorinha.

(42) Nossa, que raiva que eu tive, menino.

(43) Ô, venha aqui, menino.

Observa-se que uma interjeição e um vocativo podem coocorrer, mesmo que não estejam em adjacência em adjacência.

Ramos (2010) também observa que as interjeições ocorrem geralmente na primeira posição, embora possam ocorrer também em outras, como no exemplo abaixo:

(44) aqueles Jesus ó... *Nossa...* tomei um medo.

Para a autora, em (44), a interjeição ocorre entre o tópico e o comentário. Nota-se, no entanto, que há uma pausa enfática após “aqueles Jesus ó”. É como se a pausa dividisse a construção em duas, como ilustrado abaixo:

(45) a. Aqueles Jesus ó

b. *Nossa* tomei um medo

O constituinte “aqueles”, em (45 a), parece se comportar como tópico. Consideramos, assim, que o tópico “aqueles” se situa à esquerda de uma invocação “Jesus”.¹⁴ Em (45 b), a interjeição se situa na primeira posição, isto é, à esquerda da oração.

É também aceitável a ocorrência de um tópico à esquerda de uma interjeição, como no exemplo abaixo:

(46) a. O João, *nossa*, eu não sabia que ele era tão esperto.

¹⁴ Uma invocação é um constituinte exclamativo, através do qual, faz-se um apelo a uma entidade religiosa ou inanimada. Mais à frente, abordaremos destes constituintes com mais detalhes.

b. Esse livro, ô João, só encontrei na Fnac.

O tópico “o João” ocorre à esquerda da interjeição “nossa” e, do mesmo modo, o tópico “esse livro” ocorre à esquerda da interjeição “ô”.

É importante salientar que os únicos constituintes que podem preceder uma interjeição é um tópico ou um marcador discursivo que está fora da estrutura, como é o caso do constituinte “agora”, no exemplo a seguir:

(47) agora ah::-- nossa... foi além do que eu imaginava.

Em construções em que figuram um vocativo e uma interjeição, evidentemente, a ordem mais natural é “interjeição-vocativo” e não a ordem inversa “vocativo-interjeição”:

(48) **a.** Nossa menino, a raiva foi subindo e deu vontade de brigar com ele.

b. ?*Menino nossa a raiva foi subindo e deu uma vontade de brigar com ele.

Todavia, se considerarmos uma pausa enfática, as interjeições podem ocorrer à direita do vocativo. A posição preferencial é, no entanto, a posição à esquerda quando as interjeições são acompanhadas de vocativos ou não, como nos exemplos seguintes:

(49) **a.** Ah, que pena!

b. *Que pena, ah!

(50) **a.** Nossa ... a raiva foi subindo e deu vontade de brigar com ele.

b. A raiva, nossa, foi subindo e deu vontade de brigar com ele.

c. ?A raiva foi subindo, nossa, e deu vontade de brigar com ele.

d. ?A raiva foi subindo e deu vontade de brigar com ele, nossa.

Outros exemplos podem ser descritos, considerando o que foi observado:

(51) João, ô João, cadê você?

(52) Menino, ei, menino, você não pode subir aí.

No exemplo (51), temos um vocativo isolado “João” e, em seguida, uma oração que apresenta uma forma de chamamento em posição inicial, a qual é composta pela interjeição “Ô” e pelo vocativo “João”. Do mesmo modo, em (52), temos um vocativo isolado “menino” e este, é seguido por uma oração que se inicia com a forma de chamamento.

Em síntese, observamos que a posição das interjeições é à esquerda da oração, sendo que o tópico ou um marcador discursivo são os únicos constituintes que podem precedê-las.

Observações feitas por Alonso-Cortés (1999), ao descrever construções com interjeições do espanhol, podem ser aplicadas ao português. Como no espanhol, também no PB, as interjeições podem se gramaticalizar, adquirir propriedades léxicas e podem reger um complemento introduzido pela preposição “de”. São exemplos do PB que ilustram esta assertiva:

(53) Ai de mim.

(54) Ai de você.

(55) Ai de nós.

Outro aspecto relevante diz respeito a não ocorrência de interjeições em posições de constituintes subordinados, em PB, conforme se segue:

(56) * Não sabe que aff! O calor que tá fazendo aqui.

As interjeições no PB podem também ocorrer no interior de subordinadas, se houver uma pausa enfática, como no seguinte exemplo:

(57) Eu pensei ah! que a senhora estivesse toda arrebetada, não está não, graças Deus!

Verificamos, portanto, que como no espanhol, a posição preferencial das interjeições no português é a esquerda da oração, apesar de poderem ocorrer em outras posições. O próximo passo é rever a classificação de interjeições do espanhol proposta por Alonso- Cortés (1999) e verificar se pode ser aplicada às interjeições do português.

2.2.1.4. As interjeições do espanhol e do português: uma proposta de classificação

Na seção 2.2.1.1., apresentamos uma classificação de interjeições proposta por Alonso-Cortés (1999). Como vimos, as interjeições são classificadas em três tipos, considerando o caráter de indicador ilocutivo destes constituintes. Na perspectiva do autor, são três os tipos de interjeição: (i) as assertivas, que indicam implicitamente a avaliação por parte do falante de algo que o interlocutor disse ou algo que aconteceu; (ii) as diretivas, que acompanham o imperativo, indicando a força ilocutiva do ato instativo e as expressivas, que por sua vez, indicam assombro, admiração, dor, lamento, alegria etc.

No PB, temos os três tipos de interjeições, conforme exemplificaremos, a seguir:

(58) Ai, não aguento mais.

(59) Nossa, mas o que aconteceu?

(60) Ei, espera aí.

No exemplo em (58), temos a interjeição assertiva “ai”, que expressa a impaciência ou o cansaço do falante; em (59) a interjeição “nossa” é expressiva e indica surpresa e em (60), “ei” é uma partícula diretiva e, por sua vez, atua como um vocativo, um chamamento ou um cumprimento.

Hill & Stavrou (2013), por sua vez, diferem as interjeições propriamente ditas, equivalentes às assertivas e expressivas, e as partículas de chamamento indireto que, por sua vez, são tratadas como interjeições diretivas.

Nesta tese, assumimos a classificação de Hill & Stavrou (op. cit) e consideramos que há dois tipos básicos de interjeições:

(i) As interjeições propriamente ditas, que expressam o estado mental do falante e, portanto podem indicar assombro, surpresa, admiração etc.

(ii) As partículas de chamamento indireto que atuam como chamamento ou cumprimento. Consideramos, como partículas de chamamento indireto no português, as interjeições *Ei*, *Oh*, *Ah* etc. e outras expressões, como: *ok*, *obrigado*, *olá*, etc. Interjeições como “Nossa”, “Ai” e “Ui”, por exemplo, não estão incluídas neste grupo

A seguir, apresentamos exemplos de interjeições propriamente ditas:

- (61) Ai, tá doendo muito.
- (62) Ah, José, agora entendi.
- (63) Nossa! Que lindo! Adorei o presente.
- (64) O feijão, ai, João, deixei no fogo!

As partículas de chamamento indireto podem constituir uma forma de chamamento juntamente com um vocativo, como em “olá Maria” em (66) e “ô Maria” em (67), ou isoladas, como em (68):

- (65) Olá, Maria, como vai?
- (66) A receita, ô Maria, esqueci de anotar.
- (67) Ei, espera aí. Só um minuto.
- (68) Olá, como está?

Ressalta-se que também as interjeições propriamente ditas podem preceder um vocativo ou ocorrerem isoladas, apesar de não se tratarem de formas de chamamento como nos exemplos abaixo:

- (69) Ah, José, agora entendi.
- (70) Nossa! Que lindo! Adorei o presente.

Nos exemplo (69), note-se que a interjeição propriamente dita “Ah” precede o vocativo “José” e a interjeição “Nossa”, em (70) ocorre isolada, à esquerda da oração.

Como pontuamos ao início do capítulo, as invocações podem coocorrer com um vocativo, com uma interjeição ou com ambos os constituintes. O nosso objetivo ao descrever construções com invocações, na seção seguinte, é verificar a ordem destes constituintes na oração.

2.3. As invocações

As invocações são expressões nominais que cumprem a função de apelar para uma entidade não pessoal ou inanimada, como os objetos da natureza ou uma entidade religiosa. Para Alonso-Cortés (op. cit), o vocativo utilizado para fazer este apelo é denominado “vocativo retórico”. Segundo o autor, o vocativo retórico é, geralmente, é empregado em poesias:

(71) Eres tu, luna, quien todo lo borra e lo tacha?

és tu lua quem tudo o apaga e o mancha

És tu, lua, quem tudo apaga e mancha?

Exemplos (147 a e b) de Alonso-Cortés (1999, p.4042)

Expressões nominais, como “Meu Deus!”, “Nossa Senhora!”, “Senhor!”, além de outras muito usadas no PB, parecem se aproximar deste tipo de vocativo. Ao utilizá-lo, faz-se um apelo a algo inanimado ou a uma entidade religiosa, como por exemplo nas seguintes orações:

(72) Meu Deus, cuida do meu filho.

(73) Senhor, o que fazer agora?

Ramos (2010) observa a possibilidade de a expressão “Nossa Senhora” ser usada em contexto de invocação em exemplos como os seguintes:

(74) *Nossa Senhora*, me ajude (MR, 56 anos).

Exemplo (2) de Ramos (2010)

(75) I: *Nossa Senhora!* Como isso pôde acontecer? (JM, 56 anos).

Exemplo (3) de Ramos (2010)

(76) A: aqui oh essa aqui é o protocolo do senhor agora o senhor tem que aguardar que o fiscal vai lá e vai fazer a avaliação e vai dar um parecer... aí o senhor tem que aguardar pelo menos uns quinze a vinte dias

I: *Nossa Senhora!* (JPO, 65a.).

Exemplo (4) de Ramos (op. cit.)

Conforme a autora, em (74) e (75), tem-se um apelo à entidade religiosa e a entonação é a mesma de quando se profere um chamamento, enquanto em (76), há uma manifestação de uma atitude de incredulidade em relação a algo narrado pelo interlocutor, no caso, uma manifestação de espanto.

A autora observa que a expressão “Nossa Senhora” pode se realizar em contexto de invocação e, no dialeto mineiro, esta expressão pode se reduzir, o que resulta nas formas “Nossa!”, “Nó!” e “Nu!”. A partir desta observação, a autora discute a hipótese de estar havendo um processo de gramaticalização. As etapas deste processo são apresentadas abaixo:

(77) Nossa Senhora > Nossa Senhora! > Nossa! > Nó > Nu

(Ramos, 2010)

Seguem-se os exemplos das diferentes etapas:

(78) Minha irmã foi freira. Foi pro convento e isso veio a nos cria(r) neste ritmo tam(b)ém de religião católica. E... todos com muita devoção à *Nossa Senhora*.

E aprendemo(s) a ir à Igreja desde cedo (MHS, 54 anos).

(79) *Nossa Senhora*, me ajude (MR, 56 anos).

(80) I: *Nossa Senhora!* Como isso pôde acontecer? (JM, 56 anos).

(81) A: aqui oh essa aqui é o protocolo do senhor agora o senhor tem que aguardar que o fiscal vai lá e vai fazer a avaliação e vai dar um parecer... aí o senhor tem que aguardar pelo menos uns quinze a vinte dias

I: *Nossa Senhora!* (JPO, 65a.).

(82) A: o proprietário é você?

I: sou eu...eu só fiz se e o pessoal só só troquei o reboco dela e troquei o telhado... tá dentro do condomínio num tá na rua uai... num sei porque o pessoal vem encher o saco

A: *Nossa!*... complicado né? (HF, 26a, BH, CDM, 2008).

Exemplos de (1) a (5) de Ramos (2010)

(83) Aí tem um primo lá que cê... *Nó!* acha bonitinho (FJC, 21 anos).

(84) I: Lá na cozinha ela disse: *Nu!* Chegou a noite! O tio dele foi se vingar (JLN, 9 anos).

Exemplo (6) e (7) de Ramos (2010)

No exemplo, em (78), temos o uso lexical de “Nossa Senhora”, na etapa subsequente do processo de gramaticalização, a forma é usada como invocação, como visto em (79), (80) e (81); na sequência, a forma reduzida “Nossa!”, utilizada para exprimir espanto, em (82), é utilizada como uma interjeição, que, por sua vez, ainda é reduzida, de modo que o que se obtêm são as formas “Nó!” e “Nu!”, utilizadas como nos exemplos (83) e (84).¹⁵

Como mencionado anteriormente, as invocações são auxiliares na investigação da posição sintática do vocativo, portanto, com este propósito, após apresentarmos estudos acerca destes constituintes, exploraremos as construções em que coocorrem com vocativos, com interjeições e com ambos os contituíntes, a fim de observar a ordem em que podem ocorrer na oração.

2.3.1. Interjeições, invocações e vocativos

Nesta seção, descreveremos construções com interjeições, invocações e vocativos. Consideremos os seguintes exemplos:

(85) Meu Deus! Paula, o que é isso?

(86) Nossa Senhora, José, imagina. Quem me dera!

(87) Ai, José, o que aconteceu?

¹⁵ No capítulo 4, retomaremos o processo de gramaticalização da expressão nominal “Nossa Senhora” e a análise de Ramos (2010).

Em (85), a invocação “Meu Deus” coocorre com o vocativo “Paula”; em (86), temos a invocação “Nossa Senhora” e o vocativo “José” e em (87), coocorrem a interjeição “ai”, a invocação “Meu Deus” e o vocativo “José”.

Observe-se que as interjeições e invocações são os constituintes que ocorrem à esquerda. A ordem deve ser “interjeição – invocação – vocativo”, conforme os exemplos abaixo:

(88) Ai, Meu Deus, José, o que aconteceu?

(89) [?]*Meu Deus, ai, José, o que aconteceu?

Como se vê, se invertemos a ordem “interjeição – vocativo”, como em (89), a construção se torna agramatical a não ser que haja uma pausa enfática entre os dois constituintes. Se considerarmos a pausa, a construção é possível, apesar de não muito natural. A entonação com que a proferimos é a mesma com que se diz “Meu Deus! em separado, ou seja, a invocação isolada.

Não é natural também a inversão da ordem “invocação – vocativo”:

(90) Meu Deus! Paula, o que é isso?

(91) [?]*Paula, meu Deus, o que é isso?

A construção (90) é aceitável, considerando-se, do mesmo modo, uma pausa enfática entre os dois constituintes. Observa-se, ainda, que é possível, o vocativo “Paula” ocorrer ao final da oração, mas não é muito natural a invocação “Meu Deus” nesta posição, como em (93):

(92) Meu Deus! O que é isso, Paula?

(93) [?]*Paula, o que é isso, meu Deus?

É agramatical também a colocação da interjeição na posição final, como em (94 b), (95 b) e (96 b):

(94) a. Ai, Meu Deus, o que é isso?

b. * Meu Deus, o que é isso, ai?

(95) a. Ai, Paula, o que é isso?

b. *Paula, o que é isso, ai?

(96) a. Ai, Meu Deus! Paula, o que é isso?

b. *Deus! Paula, o que é isso, ai?

Certificamos, assim, que a ordem mais natural é “interjeição – invocação – vocativo”, embora, outras possibilidades possam ser aceitáveis considerando a incidência de pausas enfáticas.

Exploraremos, na próxima seção, o comportamento sintático de construções com partículas vocativas, “sô” e “pá”. Como já dissemos, na introdução deste capítulo, a posição sintática destas é mais marcada, mais definida do que a posição dos vocativos plenos e, sendo, assim podem trazer evidências mais precisas acerca da posição sintática do vocativo. O emprego de “sô” e “pá” em posição inicial é condicionado pela existência de uma interjeição à esquerda, o que pode indicar que estas partículas apoiem-se no item lexical a sua esquerda, as interjeições e, portanto, apresentam comportamento sintático de clíticos.

2.4. As partículas vocativas

Segundo Hill & Stavrou (2013), as partículas vocativas são geralmente tratadas como interjeições nas gramáticas tradicionais. No entanto, como foi dito ao início do capítulo, partículas vocativas são morfemas, que podem ser livres ou vinculados a uma interjeição, e podem tornar-se sufixos.

Marques (1993) e Carvalho (2010) indicam a existência da partícula “pá” na variedade europeia do português. São exemplos do *corpus* desta tese em que ocorre a partícula “pá”:

(97) Ó pá, já apanhaste um ressaca de cerveja?

(98) Já apanhaste uma ressaca de cerveja, pá?

Esta última autora, indica, ainda, outras duas partículas: “Ó”, e “meu (minha)”, como nos exemplos:

(99) - Mas quem é que tu pensas que eu sou, ó?
- O quê?

(100) Anda, meu, traz- me o café!

(101) O que é que queres, minha?

Hill & Stavrou (2013) pontuam que partículas vocativas estão presentes em várias outras línguas, como mostra a tabela:

Tabela 1: Partículas vocativas

Language	Particle	Optional Presence	Formal interpret.	Source
Arabic	ya+	+	-	http://corpus.quran.com/documentation/vocative.jsp
	+umma	-	+	
Bulgarian	(a)be/bre	+	-	Olga Mladenova – p.c.
	+le	+	-	
	Ma	+	-	
Greek	Vre	+	-	Tsoulas & Alexiadou (2005)
	(mo)re	+	-	
Korean	+(y)a	-	-	Sohn (2001: 134)
	+nim	-	+	
Portuguese	Pá	+	-	Carvalho (2010)
	Ó	+	-	
Romanian	măi (mă'/fă/bă)	+	-	Hill (2007)
	Bre	+	-	
	Tu	+	-	Zafiu (2003)
Telugu	+gA-rU	-	+	Arden (1905)
	E-mOy+/E-mma+	+	-	
Toda	+(y)as	-	+/-	Emeneau (1984)
Umbundu	A+	-	+/-	Frank Collins p.c.
	Epa	+	-	

Hill & Stavrou (2013)

Além das partículas mencionadas, identificamos uma outra partícula vocativa no PB, mais especificamente no dialeto mineiro, qual seja, a partícula “sô”, característica da fala do dialeto mineiro é a forma reduzida do vocativo “senhor” (c.f. Ramos, 2011, Moreira & Alkmim, 2013), conforme os exemplos seguintes:

(102) Ô sô, então não adiantou.

(103) Tá bão, sô?

Apresentaremos, nas próximas seções, a descrição de exemplos com as partículas “sô” e “pá”.

2.4.1. A partícula vocativa “sô”

Alkmim (2001); Moreira (2005) e Moreira & Alkmim (2013) observam que a forma “senhor” é muito utilizada como vocativo em *corpus* constituído por peças teatrais escritas por autores mineiros nos séculos XIX e XX.

Por sua vez, Moreira (op.cit.), identifica um processo de mudança de ordem do vocativo na oração do dialeto mineiro, ao verificar que, ao início do século XIX, a taxa de uso do vocativo à esquerda da oração é de 57% e, gradativamente, esta taxa decresce e atinge a percentagem de 11,7%, ao final do século XX. Paralelamente, a taxa de uso do vocativo à direita da oração aumenta ao longo do período de tempo analisado. Enquanto no início do século XIX, a taxa de uso do vocativo nesta posição é de 34%, ao final do século XX, é de 79,6%.

Moreira & Alkmim (2013) levantam a hipótese de que a mudança de ordem do vocativo na oração do dialeto mineiro (cf. Moreira, op. cit) configurou mudanças gramaticais, tendo favorecido a gramaticalização do item “senhor”, como vocativo em posição final e sua consequente perda de conteúdo semântico e fônico.

Considerando o que foi dito por Alkmim & Moreira (2013) sobre a gramaticalização de “senhor”, Ramos (2010) acrescenta que, neste processo, houve uma mudança de classe gramatical “de nome a pronome”. Assim, a ocorrência de “senhor” como vocativo à esquerda, à direita ou no meio da oração teria sido o gatilho para a pronominalização de “senhor”.¹⁶

Nesta perspectiva, Ramos argumenta que as formas “senhor” e “sô” são pronomes, sendo o primeiro uma forma homônima de um nome. Partindo da concepção de pronome como feixe de traços (cf. Harley & Ritter, 2002; Carvalho, 2008, *apud* Ramos, 2011), de acordo com ela, houve um processo de pronominalização da forma

¹⁶ A autora consultou o trabalho de Moreira & Alkmim (2013), em momento que este se encontrava *no prelo*.

“senhor”, o que se configuraria com a perda de traços de nome, resultando na forma “sô”.

Para a autora (op. cit), a ocorrência do item “senhor” na posição sintática de vocativo confirma a importância dos vocativos no processo de pronominalização. Uma hipótese é a que a pronominalização se deu ao final da oração e depois o seu uso foi expandido para outras posições disponíveis para o vocativo.

O emprego da partícula “sô” é frequente em posição final, como nos exemplos seguintes:

(104) Tô sem dinheiro, sô.

(105) Pára com isso, sô.

(106) Não é nada não, sô.

Nessa posição, a partícula “sô” pode ser precedida pela partícula “ô”, como se vê no exemplos abaixo:

(107) a. Jogue aí, ô sô.

b. O negócio tá feio, ô sô.

Ressalte-se que, no *corpus* desta tese, não há ocorrência da partícula “sô”, em posição inicial, não precedida por interjeição, conforme exemplificado a seguir:

(108) a. Ô sô, jogue aí.

b.* Sô, jogue aí.

(109) a. Uai, sô, pára com isso.¹⁷

b. *Pára com isso, uai, sô.

¹⁷ Conforme Albuquerque (2013), a interjeição “uai” é muito proutiva em Minas Gerais e, portanto, considerada a mais forte marca do dialeto mineiro, mas também é falada nos estados de Goiás e São Paulo. Segundo Houaiss, “uai” indica “espanto, pasmo, surpresa, admiração, susto ou impaciência”, ou é empregado para reforçar o que foi dito, como se estranhasse a dúvida do interlocutor” (HOUAISS, 2001, p.2.794).

Há, no entanto, a possibilidade de a interjeição ocorrer em posição inicial e a partícula vocativa “sô” em posição final:

(110) a. Ô, o negócio tá feio, sô.

b. Uai, o negócio tá feio, sô.

(111) a. Ô, num vou mais não, sô.

b. Uai, num vou mais não, sô

Para finalizar nossa descrição das construções em que a partícula “sô” ocorre, observe que as partículas, precedidas ou não por uma interjeição ou partícula de chamamento indireto, podem ocorrer à direita de um constituinte topicalizado:

(112) A - Cadê os prego que eu deixei aqui?

B - Os prego, sô, sei cadê não.

(113) a. Essas coisa, sô, acaba com a gente.

b. Essas coisas, ô sô, acaba com a gente.

c. Essas coisa, uai, sô, acaba coma gente.

Pode também haver um vocativo, precedido ou não por uma partícula de chamamento indireto, e de uma partícula de chamamento direta, como nos exemplos:

(114) João, pára com isso, sô.

(115) Ô João, pára com isso, sô.

Os exemplos mostram que as partículas vocativas ocorrem nas mesmas posições que os vocativos plenos. Como visto, estes constituintes são precedidos por interjeição somente quando situados ao início da oração e se situados em outra posição, não podem ocorrer adjacentes a uma interjeição. A seguir, exploraremos o comportamento sintático da partícula “pá”.

2.4.2. A partícula vocativa “pá”

Segundo Marques (op. cit), a redução da palavra “rapaz” ter-se-ia ocorrido devido à alta frequência de seu uso como vocativo. O emprego da forma “pá” é característico do PE em situações informais (c.f. Marques, op, cit).

Há indicações da ocorrência de “pá” por falantes atualmente pertencentes a uma geração mais velha. No que diz respeito ao uso da partícula, não há distinção de gênero, no sentido de que o seu emprego é direcionado tanto para homens, quanto para mulheres. Foneticamente, a sua realização varia entre uma realização plena “pá” e uma forma abreviada que se pode transcrever como “p”(MARQUES, 1993, p. 270).

Por sua vez, Carvalho (2010) observa que a partícula “pá” pode ocorrer em posição inicial, medial ou final, mas também de forma isolada (com os seus próprios valores prosódicos). Pode existir correferência com um dos elementos da declaração: elementos no plural, singular, masculino ou feminino, o que indica a neutralização de seus valores semânticos. Os valores de conotação relacionados com a solidariedade camaradagem, e até mesmo classe social foram também neutralizados, mesmo se hoje em dia ainda mantém um certo valor de familiaridade. A autora apresenta os seguintes exemplos¹⁸:

(116) Onde é que vocês vão, pá?	Posição final
(117) Deixe lá isso, pá, faça a sua vida.	Posição medial
(118) (Ó) Pá!	Vocativo isolado

(Exemplos de Carvalho, 2010, p.11)

Nos estudos realizados sobre a partícula “pá” no PE, não há descrições mais detalhadas sobre esta partícula na estrutura sintática. Não obstante, Marques (1993) apresenta algumas observações a respeito. Segundo a autora, é de grande independência a relação que o “pá” estabelece com a estrutura sintática do enunciado. A partir deste ponto de vista, verifica-se que o “pá”: (i) não ocupa posição de valência ou regência relativamente ao verbo e (ii) insere-se na cadeia sintática em diversas posições, “sem nenhuma sistematicidade aparente” em relação aos outros constituintes da oração.

¹⁸ A autora considera que, no exemplo em (122), a partícula “pá” se situa em posição medial. Entretanto, consideramos que, neste exemplo, esta partícula situa-se em posição final em relação à primeira oração do período composto por coordenação. Consideraríamos que o vocativo estaria em posição medial se situado entre o verbo e o complemento de uma oração.

Em contraponto, observamos que há sistematicidade no que diz respeito à distribuição de “pá”. Assim, como observa Carvalho (op. cit), esta partícula apresenta a mesma distribuição dos vocativos. Seguem-se alguns exemplos em que esta partícula aparece:¹⁹

(119) Ó pá, só mexo assim nuns acordizinhos.

(120) Ó pá, tens de ver filmes portugueses.

(121) Ó pá, ele faz de propósito.

(122) Eh pá, mas eu já falei.

(123) Ó pá, eu adorei.

(124) Temos é que ser gente, pá.

(125) Ele desafina quase o espectáculo todo, pá.

(126) Eu vou cantar uma música, pá.

(127) Foi mal, pá.

(128) O João, ó pá, só anda atrasado.

Do mesmo modo que os vocativos, a partícula “pá” pode ser imediatamente precedida por interjeição situada em posição inicial ou precedida por um tópico. Vejamos uma comparação da distribuição dessa partícula e interjeições precedendo vocativos:

Vocativo precedido de interjeição em posição inicial

(129) a. Ah Pedro, não quero ir agora.

b. *Não quero ir agora, ah Pedro.

c. Não quero ir agora, Pedro.

¹⁹ Alguns dos exemplos são os apresentados por Marques (1993) e Carvalho (2010) e outros foram recolhidos em conversas informais e na mídia televisiva.

A construção em (129 b) é agramatical devido ao fato de haver uma interjeição precedendo o vocativo em posição final.

Partícula “pá” precedida de interjeição em posição inicial

(130) Ó pá, eu vou cantar uma música.

(131) Ó pá, já apanhaste uma ressaca de cerveja?

Não há, no corpus, ocorrência da partícula “pá”, em posição inicial, não precedida pelas interjeições “eh” e “ó”. Assim, as partículas vocativas, à esquerda da oração, ocorrem sempre precedidas de partículas de chamamento indireto.

De modo sucinto, buscamos apresentar as posições em que a partícula “pá” pode figurar e observamos que ocorre nas mesmas posições que os vocativos plenos, apesar de haver uma diferença que diz respeito ao fato de o uso da partícula em posição inicial ser condicionado à existência de uma interjeição à sua esquerda. Evidenciamos, assim, uma relação de dependência existente entre a partícula e a interjeição, o que conduz à constatação de que ordem aceitável é “interjeição- partícula vocativa”.

Continuando esta descrição, na seção seguinte, comparamos o comportamento sintático das partículas “sô” e “pá” e dos vocativos plenos, a fim de observar se estes constituintes ocorrem na mesma posição.

2.4.3. As partículas “sô” e “pá” e os vocativos plenos

A partir da descrição das construções com as partículas vocativas “sô” e “pá”, observamos que há uma diferença no comportamento sintático destas relativamente a outros vocativos que exercem função de chamamento. Esses últimos podem ocorrer em posição inicial se precedidos ou não por uma interjeição, já as partículas vocativas “sô” e “pá”, em posição inicial, requerem a presença de uma interjeição. Conforme dissemos, na introdução deste capítulo e no final da seção 2.3, as partículas vocativas são obrigatoriamente precedidas por uma interjeição quando em posição inicial, portanto, a ocorrência das partículas vocativas é mais marcada do que a ocorrência dos vocativos plenos, uma vez que em posição inicial são obrigatoriamente precedidas por

uma interjeição. A obrigatoriedade da presença de uma interjeição que licencia a partícula vocativa demonstra que estas últimas são clíticos e, portanto, necessitam de um hospedeiro, no caso, a interjeição.

O fato de as partículas vocativas serem precedidas obrigatoriamente por uma interjeição quando em posição inicial corrobora a hipótese de que há uma tipologia de vocativos. Sob este ponto de vista, temos tipos diferentes de vocativos a depender da posição em que estão dispostos na oração. Esta constatação suscita as seguintes questões:

- a) Vocativos de diferentes tipos ocupam a mesma posição sintática?
- b) Os dois tipos de interjeição, as propriamente ditas e as partículas de chamamento indireto, podem preceder imediatamente os vocativos iniciais?

A resposta a estas questões é fundamental para a realização de uma análise abrangente da posição ou posições que o vocativo pode ocupar na estrutura sintática. A fim de respondê-las, na próxima seção, abordaremos a precedência de interjeições e as funções pragmáticas do vocativo.

2.5. A precedência de interjeições e as funções pragmáticas do vocativo

Verificaremos, a seguir, se o tipo de interjeição que precede o vocativo influencia na interpretação deste constituinte. Consideremos os exemplos:

(132) a. Ô sô, num demora não que eu tô atrasado.

b. Uai, sô, tá de brincadeira.

(133) a. Ó pá, eu já disse.

b. Eh pá, tenhas mais cuidado.

(134) a. Ô Saulo, cadê você?

b. Nossa, Saulo, esqueci a chave de casa!

No exemplo (132 a), temos uma forma de chamamento composta por uma partícula de chamamento direta “ô” e uma partícula de chamamento direta “sô”; em (133 a), há também uma partícula de chamamento direta “ó”, seguida por uma partícula de chamamento indireta “pá” e, em (134 a) temos uma partícula de chamamento indireta seguida pelo vocativo “Saulo”.

Já nas construções avaliativas em (132 b) e (134 b), interjeições propriamente ditas “uai” e “nossa” precedem a partícula vocativa “sô”, no primeiro exemplo, e o vocativo “Saulo”, no segundo dos exemplos.

As formas de chamamento ocorrem à esquerda da oração, o que está em concordância com a hipótese de que existem dois tipos de vocativos, chamamentos e destinatários e que a função que desempenham está relacionada à posição sintática e, nesta perspectiva, os chamamentos ocorrem à esquerda da oração.

Em concordância com esta hipótese, na seção anterior, foi demonstrado que o vocativo e as partículas vocativas “sô” e “pá” podem ser precedidos por uma interjeição somente quando estão situadas na posição inicial.

À primeira vista, os vocativos e as partículas vocativas precedidas por uma interjeição em posição inicial são interpretados como chamamento. No entanto, verificamos que a interpretação do vocativo está associada ao tipo de interjeição que o precede. Em (136 a) e (138 a), a partícula vocativa “pá” e o vocativo “Saulo”, respectivamente, são precedidos por uma partícula vocativa “ô” ou “ó” que configura uma forma de chamamento juntamente com a partícula vocativa/ vocativo. Temos, portanto, um chamamento. Porém, questionamos esta primeira observação e optamos por fazer um teste utilizando exemplos com vocativos precedidos por diferentes interjeições.

Verificamos, assim, que tanto as partículas vocativas, quanto interjeições propriamente ditas podem preceder um vocativo inicial. Todavia, somente no primeiro caso, temos um chamamento. No segundo caso, o que temos é uma interjeição propriamente dita precedendo um vocativo que não exerce função de chamamento, mas de destinatário. Assim sendo, os destinatários não necessariamente devem ser os últimos constituintes da oração, como no exemplo, a seguir, apresentado novamente, para efeito de ilustração:

- | | |
|--|--------------|
| (135) a. Elisa, tira a roupa do varal. (Rasi, 1995, p.36) | Chamamento |
| b. Tira a roupa do varal, Elisa. | Destinatário |

Considerando o que foi observado, respondemos a questão formulada anteriormente: quando se tem um vocativo precedido imediatamente por uma interjeição à esquerda da oração, este pode ser um chamamento ou um destinatário.

É importante observar, no entanto, se o que o precede é uma interjeição propriamente dita ou uma partícula de chamamento indireta. Se se tratar de um chamamento, a interjeição que o precede é diretiva, uma partícula de chamamento indireto, ao passo que se houver uma interjeição propriamente dita, o que se segue é um destinatário.

Vejamos, a seguir, como se distribuem as duas funções quando um tópico precede a sequência “interjeição/ partícula de chamamento indireto – vocativo”:

(136) a. O João, ô sô, só ele atrasa.

b. O João, nossa, sô, só ele atrasa!

(137) a. A chave de casa, ô Saulo, eu acho que esqueci.

b. A chave de casa, nossa, Saulo, eu acho que esqueci.

(138) a. O livro, ó pá, não o li.

b. O livro, eh pá, não o li.

Nos exemplos (136 a), (137 a) e (138 a), o vocativo “Saulo” ou as partículas de chamamento direto “sô/ pá”, precedidos(a)s por uma partícula de chamamento indireta “ô/ ó”, exercem a função pragmática de chamamento, embora não estejam na primeira posição, ocupada pelo constituinte topicalizado. Observamos, assim, que é admissível que tópicos precedam chamamentos, ou melhor, nem sempre os chamamentos são os primeiros constituintes da oração. Já em (136 b), (137 b) e (138 b), o vocativo ou partícula de chamamento são interpretados como destinatários. Observe que o que precede imediatamente o destinatário é uma interjeição propriamente dita.

Resta-nos descrever, ainda, construções em que há coocorrência de um vocativo em posição final e de uma interjeição em posição inicial:

(139) a. Nossa, menino que raiva que eu tive!

b. Nossa, que raiva que eu tive, menino!

(140) a. Oh, minha filha, eu já contei isso tantas vezes

b. Oh, eu já contei isso tantas vezes, minha filha!

É possível, assim, a ocorrência de uma interjeição propriamente dita ou partícula de chamamento indireto e um vocativo em posição final, isto é, um destinatário. Entretanto, não é muito natural a ocorrência de partículas de chamamento indireto em posição inicial e vocativos em posição final. Dito de outro modo, os destinatários não são compatíveis com partículas de chamamento indireto, como mostram os exemplos:

(141) a. Olá, Maria, como está?

b. ^{*?} Olá, como está, Maria?

(142) a. Ei, Saulo, não faça isso.

b. ^{*?} Ei, não faça isso, Saulo.

(143) a. Oi, João, eu trouxe a encomenda.

b. ^{*?} Oi, eu trouxe a encomenda, João.

(144) a. Ô sô, pára com isso.

b. ^{*?} Ô, pára com isso, sô.

No PE, há também esta restrição, como se vê abaixo:

(145) a. Ó João , põe-te a andar.

b. * Ó, põe-te a andar, João!

(146) a. Eh pá, não me chateies.

b. *Eh, não me chateies, pá!

Se considerarmos a existência de uma pausa após a interjeição, as construções são plenamente aceitáveis. Neste caso, a interjeição e o restante da oração não fazem parte da mesma sequência, sendo a interjeição isolada da frase. Concluímos, portanto, que certas interjeições apenas coocorrem com uma das funções de vocativos.

Em síntese, verificamos que:

- (i) Interjeições propriamente ditas podem coocorrer com os destinatários. Estes constituintes podem ocorrer em adjacência à esquerda da oração ou a interjeição é situada ao início da oração e o vocativo destinatário ao final.
- (ii) Se um vocativo é imediatamente precedido por uma interjeição propriamente dita, temos um destinatário e não um chamamento;
- (iii) As partículas de chamamento indireto podem coocorrer com chamamentos, em adjacência à esquerda da oração, constituindo juntamente com eles uma forma de chamamento;
- (iv) Os chamamentos não necessariamente são os primeiros constituintes da oração. Um vocativo que exerce esta função, se precedido por uma partícula de chamamento indireto, pode ocorrer à direita de um constituinte topicalizado;

Assim, temos uma tipologia bipartida, de um lado a coocorrência de partículas de chamamento indiretas e chamamentos e, de outro lado, a possibilidade de interjeições propriamente ditas coocorrerem com os destinatários.

Tendo em vista o exposto, a hipótese de Moreira (2008), Carvalho (2010) e Hill & Stavrou (2013) que há dois tipos de vocativos, os chamamentos e os destinatários, é válida para o PB. No entanto, as formas de chamamento, sendo estas compostas apenas por um vocativo ou por uma partícula de chamamento indireta e um vocativo, não ocorrem categoricamente à esquerda da oração, conforme postulam as autoras. Como vimos, se houver uma partícula de chamamento indireto à direita de um vocativo, há possibilidade de um tópico ocupar a primeira posição. Os destinatários, por sua vez, além de poderem ocorrer no final da oração, podem também ocorrer no início, caso sejam precedidos por uma interjeição propriamente dita. Sendo assim, para verificar se o vocativo precedido por uma interjeição é chamamento ou destinatário, é importante verificar que tipo de interjeição o precede: se uma interjeição propriamente dita ou uma partícula de chamamento indireto.

Passamos, a seguir, para o resumo do capítulo.

2.6. Resumo do capítulo

Neste capítulo, continuamos a descrição das construções que compõem o *corpus* desta tese. Descrevemos construções com vocativos, com interjeições, com invocações e com as partículas vocativas “sô” e “pá”.

No que diz respeito às construções com interjeição, observamos que estes constituintes podem preceder os vocativos em posição inicial. Assim sendo, é válida a consideração de Moro (2003) e de Brinton (1996, *apud* Ramos, 2011) de que as interjeições desempenham o papel de marcador pramático de vocativo (ou Caso Vocativo).

Há também construções em que interjeições ocorrem desacompanhadas de vocativo e exercem a função de chamamento, característica dos próprios vocativos. Referimo-nos a estas interjeições como partículas de chamamento indireto. Há, no entanto, outro tipo de interjeição que apresentam caráter expressivo, que indicam o que falante está pensando; o estado mental do falante ou podem indicar surpresa, admiração, susto etc.

Tanto as interjeições, quanto as partículas de chamamento indiretas ocorrem, geralmente, na primeira posição. Nas construções em que estes constituintes aparentemente não ocorrem nesta posição, observamos que há uma pausa enfática antes da interjeição, que pode representar uma quebra na construção. Sendo assim, neste caso, a interjeição também ocorre na primeira posição. Admite-se, no entanto, um único constituinte á esquerda de uma interjeição, qual seja, um tópico.

Apresentamos, ainda, construções em que coocorrem constituintes que geralmente ocorrem à esquerda da frase, e verificamos que apesar de a ordem mais comum ser “interjeição – invocação – vocativo”, estes constituintes podem ocorrer em outra ordem desde que hajam pausas enfáticas entre constituintes, entre um vocativo e uma invocação, por exemplo.

Na sequência, exploramos o comportamento sintático das invocações, constituintes que podem coocorrer com um vocativo e com uma interjeição. Quando os três constituintes estão presentes, a ordem mais natural é interjeição - invocação - vocativo.

Por último, comparamos o comportamento das partículas vocativas “sô” e “pá” com o comportamento dos vocativos plenos, a fim de verificar se podem ocupar a mesma posição sintática. Observamos que as partículas podem ocupar as mesmas posições do que os vocativos e é importante destacar que ambos os constituintes são imediatamente precedidos por interjeição somente se situados à esquerda da oração. Este comportamento marca a distinção do comportamento sintático/ pragmático de chamamento e destinatário em função das posições em que pode ocorrer na oração. Ressalte-se que as partículas vocativas “sô” e “pá”, marcam esta distinção, uma vez que quando se situam à esquerda da oração, é obrigatória a ocorrência de uma interjeição à sua esquerda, o que indica o seu estatuto de clítico.

Verificamos que a interpretação do vocativo, como chamamento ou destinatário, está associada ao tipo de interjeição que o precede. Assim, se o vocativo é precedido por uma partícula de chamamento indireto, como “ô”, “oi”, “olá” etc., temos um chamamento, mas se precedido por uma interjeição propriamente dita, como “nossa”, “ai”, “ui”, “aff”, temos um destinatário. Sendo assim, um vocativo precedido por uma interjeição à esquerda da oração ou à direita de um tópico pode ser um chamamento ou um destinatário, a depender do tipo de interjeição que o precede.

Verificamos, ainda, que se temos uma partícula de chamamento direto no início da oração, não é possível que haja um vocativo em posição final, na posição canônica de destinatário. Por outro lado, é possível a coocorrência de uma interjeição propriamente dita no início da oração e de um destinatário no final desta oração.

Passamos, no próximo capítulo, para a apresentação dos pressupostos teóricos que sustentam esta tese.

Capítulo 3

Fundamentação teórica

3.1. Introdução

Encontramos duas propostas que contribuem para situar o vocativo na estrutura sintática, quais sejam: a proposta de Moro (2002) e a de Hill (2007 & Hill & Stavrou (2013).

Apresentaremos a proposta de Moro (op. cit.) na seção 3.2 e, na sequência, discutiremos sobre a contribuição de Hill (op. cit) e Hill & Stavrou (op.cit) para situar o vocativo e também as interjeições na estrutura sintática e, apresentamos o resumo do capítulo na seção 3.3.

3.2. O vocativo na estrutura sintática

Segundo Moro (op.cit.), o vocativo ocorre na periferia esquerda da sentença, como especificador de um núcleo independente, isto é, Voc. A projeção Voc P, segundo a autora, c-comanda Force P. Essa assertiva é feita considerando a coocorrência de Voc P e Force P, como nos exemplos seguintes:

(10) O Maria coloro i quali sono arrivati ieri partiranno.

O Maria those the who are arrived yesterday will leave tomorrow.

O Maria aqueles que chegaram ontem partirão amanhã

(11) *Coloro, o Maria, i quali sono arrivati ieri partiranno domani.

Those o Maria the who are arrived yesterday will leave tomorrow.

?Aqueles, ó/ô Maria, que chegaram ontem partirão amanhã.

Exemplos 16 (a) e (b) de Moro (2003)

A construção em (10) indica que a sequência interjeição-vocativo “O Maria” deve ocorrer à esquerda do operador relativo *i quali* (que) que, de acordo com a autora, é posicionado na posição de especificador de Force P. Observe-se que a construção em (11) é agramatical, portanto, devido à ocorrência do constituinte “coloro” à esquerda da sequência interjeição-vocativo. Evidencia-se, assim, que a sequência indicada somente é aceitável se em primeira posição, isto é, à esquerda da oração. Conforme sinalizado, questionamos a possibilidade de ocorrência da construção correspondente em PB.

Segundo Moro (op.cit.; p.263.), a posição de VocP na configuração sintática deve ser, portanto, a que se segue:

(12) $C^{\circ} = \dots \text{Voc}^{\circ} > \text{Force}^{\circ} > (\text{Top}^{\circ} > \text{Foc}^{\circ} > \text{Top}^{\circ} >) \text{Fin}^{\circ} \dots$

Entretanto, a autora comenta que essa pode não ser uma solução satisfatória, uma vez que não explora a distribuição da interjeição, que pode preceder o vocativo. Moro (op. cit) considera que a interjeição pode ser uma marca de Caso Vocativo e, portanto, uma marca morfológica assinalada em Voc P.

O autor distingue sintagma vocativo de Caso Vocativo, uma vez que considera que os vocativos precedidos por interjeição recebem Caso e quando não há esta precedência, não o recebem. Esta observação esta de acordo com evidências obtidas no desenvolvimento desta tese. Seguindo Moro (op.cit.), assumimos que interjeições podem atuar como marcas morfológicas de chamamento, ao precederem um vocativo em posição inicial, mas não precedem este constituinte se este ocorrer em outras posições.

A proposta de Moro lança luz sobre a nossa investigação acerca da posição do vocativo, no entanto apesar de ressaltar a importância do estudo das interjeições para a definição da posição sintática do vocativo, não cumpre com este propósito.

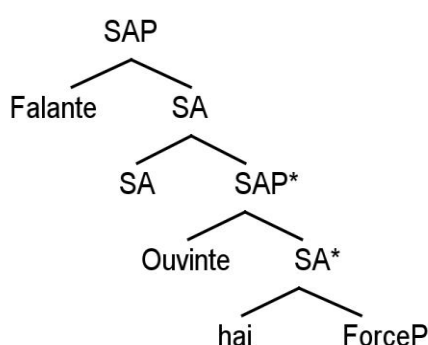
Os trabalhos de Hill (2007) e Hill & Stavrou (2013) vão nesta direção à medida apresentam uma proposta de análise do vocativo na estrutura sintática que leva a posição das interjeições em consideração.

De acordo com Hill (op. cit) e Hill & Stavrou (op. cit.), o vocativo, que representa o ouvinte na situação comunicativa e nos diz sobre a relação deste com o falante é, portanto, pragmaticamente condicionado. Sob este ponto de vista, partindo do estudo de Speas & Tenny (2003) e das observações dos dados do romeno adotam a

concepção de que existe uma estrutura rica de categorias, uma superestrutura, a partir da qual pode-se tratar aspectos que dizem respeito à interface sintaxe-pragmática

Hill (2007) propõem que o vocativo (VocP) e também as interjeições se situam entre a pragmática e a sintaxe, em uma concha predicativa SAP (Speech Act Phrase), que à semelhança da concha larsônica (v/VP) (e.g. I gave the book to Mary), se desdobra em duas categorias: SAP e SAP*. Segue-se a representação proposta na qual aparece também a partícula “hai” do romeno::

(13)



Conforme a proposta, as interjeições são situadas na área de falante, na categoria SAP, ao passo que os vocativos são situados no especificador de SAP*, na área de ouvinte. O fato de o vocativo se situar no núcleo SA*, ao invés de SA, é justificada pelos traços-*phi*, que esta forma pode apresentar, os quais referem-se ao ouvinte. Dito de outro modo, o vocativo é compatível com a morfologia de traços-*phi*, representada na configuração pelo usual (*).

Observe-se que os dados do romeno utilizados para a elaboração desta proposta contém a partícula *hai*, que na configuração, situa-se no núcleo de SAP*. Segundo as autoras, a partícula originou-se da interjeição turca *xäjde*, que se espalhou nas línguas balcânicas e eslavas. Há variedades desta partícula como: *haide/ hajde* (Búlgaro, Romeno, Albano); “*ajda*” (Turco). São possíveis correspondentes em outras línguas os exemplos seguintes: *Ok, c’mon/ vamos lá, let’s/ vamos, please/ por favor, hey/ hei, bye/ tchau, don’t worry / não se preocupe*.

Esta partícula tem sido tratada, por Greemberg (1997), como uma partícula hortativa; por Tschizmarova (2005), como marcador pragmático e, ainda, como uma

interjeição injuntiva, por Croitor-Balaciu (2006). No entanto, como veremos, de acordo com Hill (2007) e Hill & Stavrou (no prelo) como um núcleo de ato de fala exortativo ou avaliativo.

Os dados que contém a partícula *hai* foram explorados pelas autoras, uma vez que observaram que esta ocorre em contextos imperativo e avaliativo, tal qual ocorre nas construções com vocativos e interjeições descritas nos capítulos anteriores desta tese. Dito de outro modo, foi observado que a partícula *hai*, do mesmo modo que os vocativos e as interjeições no PB, são utilizados quando o falante quer influenciar o ouvinte, causando uma reação injuntiva ou de evidencialidade.

De acordo com Hill & Stavrou (op. cit), esta partícula apresenta uma terminação morfológica que pode variar de acordo com o tipo sentencial, a saber, a forma *haideti*, utilizada no modo imperativo, e a forma *haidem*, que ocorre no modo subjuntivo

Cabe ressaltar que a ocorrência de “hai” e das formas variantes depende de dois fatores: (i) do traço de ato de fala envolvido, ou seja, da presença do traço de atenção/ traço exortativo ou do traço de ligação/ traço evidencialidade; (ii) do tipo sentencial da frase com que combina, conforme se pode visualizar na tabela 1, se imperativo, subjuntivo etc. É, assim evidente que há uma relação entre o traço do ato de fala com a categoria ForceP, categoria do domínio de CP, na qual é codificado o tipo sentencial.

Conclui-se que a partícula *hai* e suas variantes são a manifestação lexical de um núcleo de ato de fala ou discursivo (AS) que tem a ver com o sistema C/T/V, mas não pertence ao domínio estendido do verbo. Dito de outro modo, as partículas funcionam como um traço pragmático, isto é, um traço de ato de fala [V], que pode atuar juntamente com traços pragmáticos. Nesta perspectiva, a forma “hai” e suas variantes representam a realização lexical do traço [V], sendo, portanto, um verbo funcional e não lexical. A evidência para o traço [V] vem da sua compatibilidade com a morfologia de traços-*phi* (Tabela 1). A evidência para a sua capacidade funcional vem da incapacidade para projetar uma estrutura TP / VP e da opcionalidade de 'que', em contexto avaliativo, o que indica a incorporação sob c-selecção, mas não s-selecção.

Conclui-se que esta partícula e suas variantes são a manifestação lexical de um núcleo de ato de fala ou discursivo (AS) que tem a ver com o sistema C/T/V, mas não pertence ao domínio estendido do verbo. Em suma, as partículas “hai” e “haideti” atuam como um traço exortativo e, portanto, realizam-se em construções imperativas. Além disso, a forma “haidem” dispõe de um traço “evidencialidade” e coocorre com verbo no

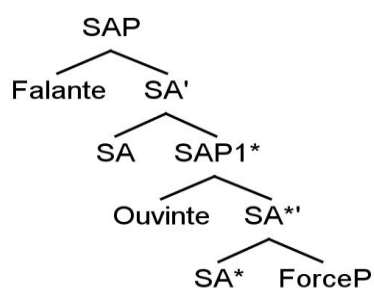
subjuntivo em construções avaliativas. Há, portanto, uma relação sintática das partículas com o tipo sentencial codificado em ForceP.

Na próxima seção, continuamos a apresentação da configuração em que VocP é inserido.

3.2.1. Vocativos e interjeições na concha predicativa

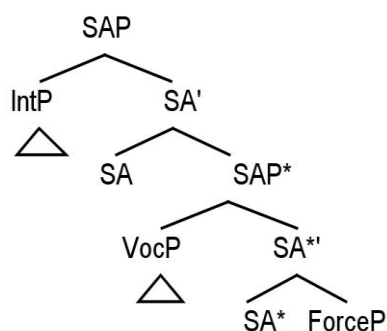
Adotando a proposta de Hill (2007), consideramos que constituintes que expressam o ponto de vista sobre um evento, a opinião do falante, como as interjeições e/ou constituintes que representam o ouvinte são situados na interface sintaxe-pragmática. Vamos partir da seguinte configuração:

(14)



A fim de detalhar esse esquema, Hill (op.cit) e Hill & Stavrou (op. cit) propõem que as interjeições são situadas em SAP, na área de falante, e os vocativos são situados em uma categoria VocP, que por sua vez, ocupa o especificador de SAP*, na área de ouvinte, como se segue:

(15)



Seguindo uma linha de raciocínio cartográfica e tendo em vista a existência da projeção VocP, equiparadamente, consideramos que as interjeições podem ser representadas por uma categoria IntP (“interjection phrase”).²⁰ No entanto, apesar de considerarmos a existência de IntP, não poderemos explorar, neste tese, a estrutura interna desta categoria.

No que diz respeito à atribuição de Caso na concha predicativa, pressupõe-se que existe uma hierarquia para a atribuição de Caso e papel temático/ pragmático no domínio de SAP, tal qual ocorre na concha larsônica: (i) o Caso Exclamativo e o papel pragmático “falante” são atribuídos ao constituinte que ocupa a posição de argumento mais alta, ocupada, geralmente, pelas interjeições e (ii) o Caso Vocativo e o papel pragmático “ouvinte” são atribuídos ao constituinte que esteja situado na posição de argumento intermediária, podendo ou não envolver uma marca morfológica. Mas o fato de haver desinências casuais visíveis não implica em dizer que, na sua ausência, não existe a noção de Caso.²¹

O núcleo *SA da área de ouvinte está associado a um conjunto de traços que qualificam o ato de fala: (i) traço de atenção/ traço exortativo e (ii) traço de ligação/ traço evidencialidade. Devido à computação separada de traços, a área de ouvinte foi dividida, como se segue:

²⁰ Como foi dito na introdução, não abordaremos neste trabalho o vocativo em perspectiva microssintática, portanto, não discutimos se este sintagma trata-se de um DP ou NP. A este respeito Gelderen (2011) e Ramos (2011) argumentam que o vocativo pode ser representado por um NP e não por um DP, uma vez que não pode ocorrer precedido de artigo.

²¹ Consoante Chomsky (1980), todos os NPs foneticamente realizados precisam receber Caso abstrato na sintaxe, o qual pode ou não receber manifestação fonológica, o que dependerá das propriedades morfossintáticas das línguas particulares. Assim sendo, é imprescindível que ocorra a atribuição de Caso ao DP e, conseqüentemente, o reconhecimento da função sintática.

(16) SA1 * codifica a função exortativo / função chamar a atenção

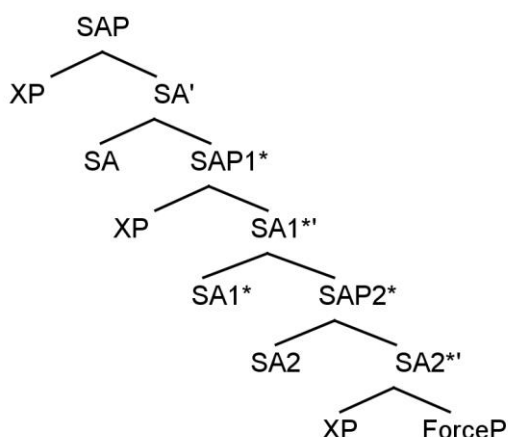
SA2 * codifica a função evidencial / avaliativa

O traço exortativo/ atenção atua no núcleo SA1* e o traço evidencialidade atua no núcleo de SA2*.²² Uma categoria gramatical que codifica evidencialidade indica a fonte de informação na qual o falante baseia uma afirmação (Chafe e Nichols, 1986; Aikhenvald, 2003). Tipologicamente, a evidencialidade é uma categoria relativamente rara e que tende a ocorrer como traço areal em algumas poucas regiões geográficas. A Amazônia é uma região de grande concentração de línguas com sistemas de evidencialidade, que são encontrados em línguas das famílias Arawá, Arawak, Carib, Chibcha, Nambiquara, Pano, Quechua, Tukano, Tupí-Guaraní, Vaupés-Japurá (Makú), Witoto, Yanomami e Záparo, além de línguas isoladas como Andoke e Paez (Aikhenvald e Dixon, 1998; Epps, 2005; Landaburu, 2005). Dessas, as línguas da família Tukano, e especialmente as do ramo oriental, exibem sistemas de marcação de evidencialidade dos mais complexos do mundo.

Já o traço de ligação ou dêitico, ao qual já nos referimos, codifica a relação entre um argumento e um constituinte do domínio SAP, podendo atuar em ambos os núcleos da área de ouvinte (SA1* e SA2*). Veja-se a configuração:

²² Todas as línguas podem fazer referência a este tipo de conteúdos evidenciais por meio de diferentes procedimentos (lexicais, morfológicos, sintáticos, etc.) e estes podem estar gramaticalizados ou não e podem ou não ser exclusivos para a expressão da evidencialidade.

(17)



Considerando a computação separada dos traços, quando o vocativo se situa no especificador de SAP1*, que codifica a função de chamar a atenção, é interpretado como um chamamento e, quando funciona como destinatário, ocupa o especificador de SAP2*. Sendo assim, a área de ouvinte, SAP1* tem escopo sobre SAP2*.

O constituinte que ocupa a posição de ouvinte pode apresentar os mesmos traços-*phi* de um constituinte argumental. Como já dito, é postulado que, no núcleo da posição de ouvinte (SAP*), existe um traço [V], que, no caso do romeno, é lexicalizado. Este é um traço de ligação ou dêítico (“boundary”), que seleciona um enunciado, ou seja, ForceP e se relaciona com as projeções C/T/V. Assim, compreendemos o fato de o vocativo poder apresentar os mesmos traços “*phi*” de um constituinte argumental, isto é, a possível relação de SAP com um constituinte argumental.

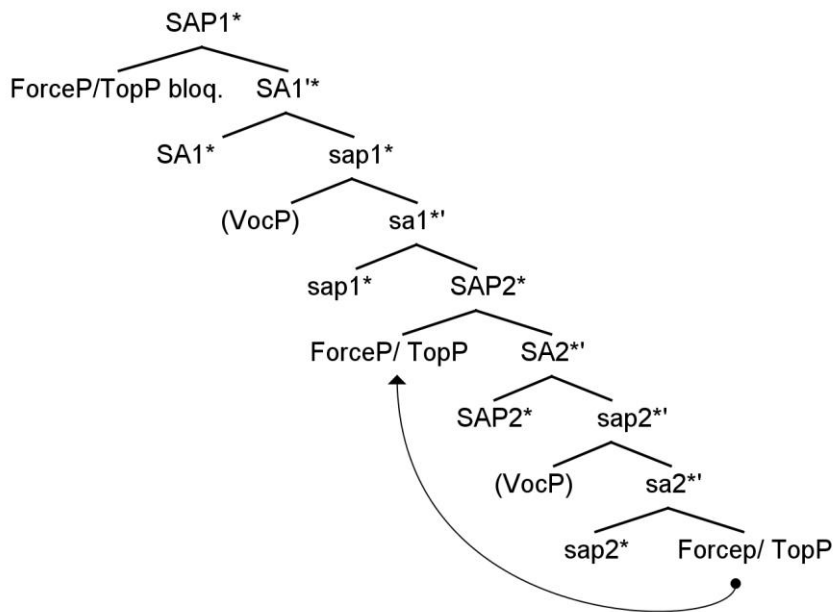
Continuando o mapeamento da interface sintaxe-pragmática, Hill & Stavrou (2013) sugerem que tópicos podem ocorrer neste domínio. Na próxima seção, discorreremos, portanto, sobre a possibilidade de ocorrência de tópicos na interface sintaxe-pragmática.

3.2.1.1. Tópicos em SAP

A partir da observação de que tópicos podem preceder os vocativos e, portanto, situarem-se acima da posição de tópico do domínio CP, Hill & Stavrou (2013) supõem a existência de categorias discursivas, que podem contar com um traço [top], na periferia

interna de SAP, a qual é comparável à periferia interna do VP (c.f Belletti, 2008).²³
 Veja-se a configuração:

(18)



Hill & Stavrou (2013)

Hill & Stavrou (2013) propõem, a partir da observação dos dados do romeno, que o tópico (DP/ ForceP) é movido para uma posição (não argumental), que pode ser o especificador de SA1* ou o especificador de SA2*, portanto, na configuração (16), há duas categorias discursivas que podem alojar o tópico na área de ouvinte.²⁴

Observe-se, ainda, que o tópico situado em SAP não relaciona com o domínio de TP, isto é, não pode relacionar-se com constituintes argumentais. Assim, o tópico não

²³ Como foi dito no capítulo 1, Slocum (2010) também observa que tópicos podem ocorrer à esquerda do vocativo em inglês, como nos exemplos:

At Starbucks, John, everyone drinks sweet drinks.
 No Starbucks João todos bebem doces bebidas
 No Starbucks, João, todos bebem bebidas doces.

²⁴ Como veremos, ao analisar os dados do português, não há necessidade de duas categorias discursivas que podem alojar o tópico em SAP. Este estudo fornece evidência para a existência de uma categoria de tópico situada abaixo de SAP1*.

pode mover-se de uma posição de tópico para outra; portanto, o especificador da projeção SAP1* é bloqueado.²⁵

Como visto, no primeiro capítulo desta tese, encontramos também no português, construções com tópico à esquerda do vocativo. No próximo capítulo, utilizaremos a configuração em (16) para a análise destes dados.

Apresentamos, a seguir, nossas conclusões acerca deste capítulo.

3.3. Resumo do capítulo

Neste capítulo, apresentamos o referencial teórico que sustenta este trabalho. Vimos que a proposta teórica que se adequa à análise do vocativo é a de Hill (2007) e Hill & Stavrou (2013), a qual prescreve que o falante e o ouvinte são representados sintaticamente. Mais especificamente, as interjeições, que representam o ponto de vista do falante e, os vocativos, que representam o ouvinte, situam-se na interface pragmática-sintaxe, em uma superestrutura situada acima do domínio de CP (Rizzi, 1997).

Conforme proposto pelas autoras, tópicos também podem ocorrer nesta região, acima do domínio de CP. Como será demonstrado na próxima seção, os dados do português corroboram esta proposta.

No próximo capítulo, continuamos o mapeamento da interface sintaxe-pragmática na análise sintática do fenômeno investigado nesta tese.

²⁵ Walkden (2012) considera que, em línguas de argumento nulo parcial, como o Russo, o Marathi e o PB, os pronomes podem ser opcionalmente omitidos em certas combinações de pessoa/ tempo e os argumentos nulos de 1ª e 2ª pessoas podem estar em concordância com um operador de tópico na periferia esquerda, e não com um operador de falante ou ouvinte como nas outras línguas descritas, de modo que argumentos de 1ª e 2ª pessoa podem ser tópicos temáticos. Todavia, no PB, em particular, pode haver um tópico à esquerda do vocativo, o que nos leva a crer que este tópico está situado na interface entre a pragmática e a sintaxe e não no domínio de CP.

Capítulo 4

O vocativo na estrutura sintática do português

4.1. Introdução

O objetivo deste capítulo é desenvolver uma análise sintática de diferentes construções com vocativo, no intuito de definir a posição sintática deste constituinte. Como dito na introdução desta tese, buscamos definir a ordem de constituintes nas construções com vocativo, que podem contar com interjeições, invocações, tópicos e constituintes -qu.

Como vimos, consideramos que os vocativos são situados na interface entre a pragmática e a sintaxe, em uma categoria VocP, situada em projeção denominada Speech Act Phrase (SAP). Assim, na próxima seção, aplicamos aos dados do nosso *corpus*, a proposta de Hill & Stravrou (2013), a qual foi apresentada no capítulo 3. Conforme explicitamos, as autoras consideram a existência de duas posições de tópico na interface sintaxe-pragmática: especificador de SA1* ou o especificador de SA2*, as quais se situam na área de ouvinte e abrigam somente constituintes não argumentais.

Este capítulo se desenvolverá na seguinte ordem: na próxima seção aplicamos a proposta de Hill (2007) e Hill & Stavrou (2013) às construções com vocativo do PB; na seção 4.3, analisamos construções com interjeições desacompanhadas de vocativos, com interjeições e vocativos, com as partículas vocativas “sô” e “pá” e com invocações. Após a identificação da posição destes constituintes na configuração sintática, apresentamos uma proposta de mapeamento da interface sintaxe-pragmática e na seção 4.4. e, por fim, na seção 4.5, apresentamos as conclusões do capítulo.

4.2. As construções com vocativo

Como visto no capítulo 1, o vocativo pode ocorrer em três posições na oração, a saber, em posição inicial, em posição final e em posição medial:

- | | | |
|-----|---|-----------------|
| (1) | Natália, seu pai tem toda razão. | POSIÇÃO INICIAL |
| (2) | Você é muito chato, Paco | POSIÇÃO FINAL |
| (3) | Você tem, Terezinha, um enorme coração. | POSIÇÃO MEDIAL |

Na construção em (1), o vocativo “Natália” se situa à esquerda da oração, em posição inicial; em (2), o vocativo “Paco” se situa à direita da oração, em posição final e, em (3), o vocativo Terezinha, por sua vez, situa-se entre o verbo e o complemento, em posição medial. Outros exemplos de construções com vocativo entre o verbo e o objeto são citados, a seguir:

(4) A mamãe disse, Pedro, que você não pode ir.

(5) Eu já falei, Paulo, não venha com desculpas esfarrapadas.

(6) e eu ficava sozinha com os meninos. olha, vou te dizer uma coisa, Maria Lúcia, até Natal e Ano Novo, eu passei muito sozinha, sabe, muitos natais e Ano Novo eu passei sozinha com os menino.

(CRPC, inf. fem.; 54 anos, 11 anos de escolaridade, Rio de Janeiro, RJ)

(7) Tá na hora, Parisina, de você começar a enxergar as coisas. (Faro, 2008) PB PE

(8) Tenho medo, Pérola, que ele me avance.

O vocativo se situa entre a oração principal e uma oração substantiva objetiva direta ou completiva nominal, nos exemplos acima.

Como vimos, na seção nas seções 1.3.2. e 1.3.3. do capítulo 1, este constituinte pode também ocorrer à direita de um tópico e de um constituinte -qu. Observem, primeiramente, as construções com vocativo à direita de um tópico, sendo este DP, VP, vP-shell, , como exemplificado a seguir:

(9) A vida, meu filho, às vezes é mesmo ingrata com as pessoas.

(10) Aquela senhora, Joana, não sei quem é.

(11) Depositar o dinheiro no banco, João, o governo depositou .

(12) ...um dia menino, esse cara veio me perguntar o que eu tinha falado para o amigo

Seguem exemplos em que o vocativo figura à direita um constituinte -qu, como em (13) e (14), abaixo:

(13) Que bela casa, João, é a dos seus pais!

(14) Quem, João, e aquele menino?

Há, ainda, a possibilidade de ocorrer uma interjeição, uma invocação ou ambos os constituintes à esquerda do vocativo, como nos exemplos abaixo:

(15) Ai, José, nem me fale uma coisa dessas!

(16) Ei, espere aí.

(17) Oi, José, como foi o fim de semana?

(18) Pai eterno, José, não acredito que este era você quando criança. Piorou muito.

(19) Ó Meus Deus, José, não diga que não se lembra.

Na seção 2.2.1.4 do capítulo 2, vimos que Hill & Stavrou (2013) distinguem as interjeições propriamente ditas das partículas de chamamento indireto. Como visto, as primeiras expressam o estado mental do falante (uma emoção, um susto, por exemplo), como é o caso de “ai”, que precede o vocativo “José”, em (15) e as últimas se podem configurar por si só um chamamento, como em (16) ou juntamente com o vocativo, como em (17). Na seção 2.3, também do capítulo 2, discorreremos sobre as invocações que podem preceder os vocativos, como “Pai eterno” em (18) e “Meu Deus” em (19); verificamos que quando há ocorrência de uma interjeição, uma invocação e um vocativo, a ordem mais natural é “interjeição-invocação-vocativo”, conforme ilustrado nos referidos exemplos.

Assim, contrariamente ao que consideram Abalada *et al.* (2011), o vocativo não ocorre simplesmente em três posições (inicial, medial e final), mas em ambientes

sintáticos específicos, os quais foram exemplificados acima. Propomos analisar os vocativos que ocorrem nos ambientes sintáticos mencionados nas seções que se seguem. Assim, na seção 4.2.1, analisaremos construções em que o vocativo se situa em posição inicial; na seção 4.2.2, representamos sintaticamente as construções com vocativo em posição final e aquelas em que este constituinte é precedido por um tópico, sendo este um DP, PP, VP ou vP- shell; na seção seguinte, serão apresentadas as configurações arbóreas correspondentes às construções como vocativo precedido por um constituinte -qu. Na seção 4.2.4, analisaremos as construções com vocativo entre o verbo e o complemento e, na seção 4.2.5, apresentaremos as conclusões desta seção.

Começemos, então, por apresentar as construções com vocativo em posição inicial.

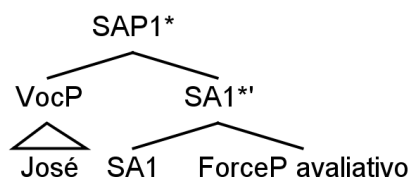
4.2.1. A ordem básica de uma construção com vocativo

A ordem básica de uma construção com vocativo é aquela em que este constituinte se apresenta em posição inicial:

(20) José, você está atrasado!

Para tratar desse tipo de construção, consideraremos uma configuração na qual o vocativo “José”, por meio da operação MERGE externo, é inserido na posição de especificador de SAP1*:

(21)



Como o vocativo é o primeiro constituinte da construção, propomos que o traço é atenção/exortativo. O ouvinte chama a atenção do falante para transmitir uma informação que parte do seu ponto de vista. Assim, o contexto em que o vocativo está inserido é avaliativo. Uma vez que o vocativo “José” é correferente com o sujeito “você”, há também a atuação do traço de ligação/ dêitico.

Vejamos agora a análise da oração seguinte:

(22) Maria, tenha mais cuidado.

Do mesmo modo que em (27), o vocativo “Maria” é inserido através da operação MERGE externo no especificador de SAP1*:

(23)



A oração que acompanha o vocativo é imperativa, portanto, o traço exortativo/atenção esta presente em SA1. O fato de haver correferência entre o vocativo “Maria” e o sujeito explicita a atuação do traço de ligação/ dêitico.

Tanto o vocativo “José”, em (26), quanto o vocativo “Maria”, em (28), estão situados em posição inicial e, portanto, desempenham a função de chamamento.²⁶

Na próxima seção, analisaremos construções com vocativo e tópico.

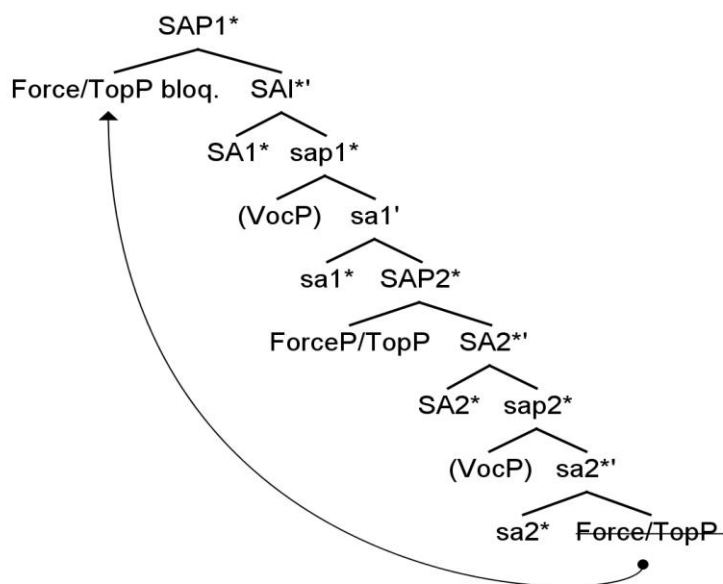
4.2.2. Vocativo e tópico

De acordo com Hill & Stavrou (2013), em SAP, há categorias discursivas que podem alojar constituintes topicalizados. Tais categorias situam-se na área de ouvinte,

²⁶ Contudo, há uma diferença entre as duas construções devido à força ilocutiva do ato de fala, sendo a primeira construção édeclarativa/ avaliativa e a outra imperativa.

acima de SAP1* e acima de SAP2*, como na configuração em (16), exposta no capítulo 3 e, para efeito de ilustração, apresentada novamente, a seguir:

(24)



Observe-se, ainda, que de acordo com Hill & Stavrou (2013), o tópico situado em SAP não se relaciona com constituintes argumentais. Assim, não pode se mover de uma posição de tópico para outra, portanto, o especificador da projeção SAP1* é bloqueado.

Todavia, no PB e também no PE, é observada a relação do tópico situado à esquerda do vocativo, em SAP, com constituintes internos à oração, como nos exemplos abaixo:

(25) Sobre política, João, conheço gente que só conversa _em bares.

(26) O livro do Saramago, João, esqueci _ ontem na casa dos meus pais.

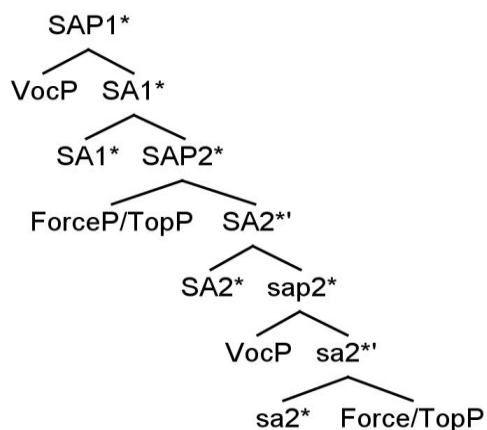
(27) Você, João, pode vir.

Em (25), temos um sintagma preposicional topicalizado à esquerda do vocativo; em (26), o complemento direto é topicalizado e, em (27), o sujeito, correferente com o vocativo “João” é topicalizado, deixando uma categoria vazia na posição de sujeito.

Observamos, ainda, a partir dos dados do português, que não há necessidade de duas categorias discursivas que podem alojar o tópico na área de ouvinte. O português

fornece evidências para a existência de uma posição de tópico, situada abaixo de SAP1*, mas não da outra posição entre a área de falante e SAP1*, como no caso do romeno. Assim, temos:

(28)



DP's, PP's, VPs e ForceP podem, assim, ser topicalizados ao se moverem para a categoria discursiva na área de ouvinte.

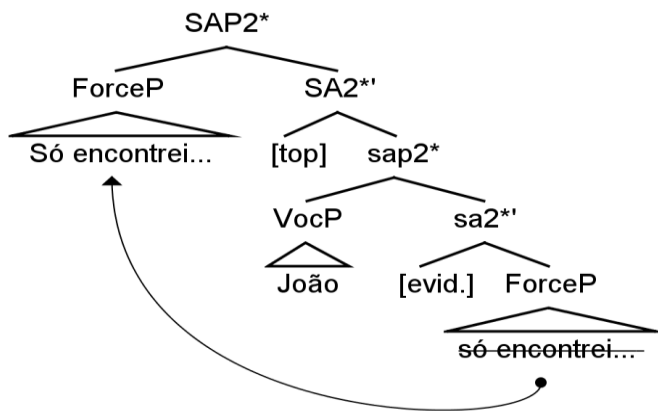
A projeção ForceP é topicalizada ao mover-se para a categoria discursiva existente na área de ouvinte. Sendo assim, se houver a topicalização de ForceP, temos a seguinte ordem de palavras:

(29) Só encontrei esse livro na Fnac, João.

Só encontrei esse livro na Fnac – FORCEP/TOPP , João – VOC .

ForceP se encontra à esquerda do vocativo, que exerce a função de destinatário, de modo que se situa na posição tópico da área de ouvinte. A derivação correspondente é apresentada, a seguir:

(30)



Nesta configuração, o vocativo é inserido em SAP2* e ForceP é topicalizado a partir do movimento para a categoria discursiva situada na periferia de SAP2*. Quando há topicalização, portanto, o vocativo é inserido em SAP2* e recebe a leitura de destinatário. Observe-se que, quando o vocativo não é o primeiro constituinte da oração, não pode ser interpretado como chamamento e, como vocativos finais, são interpretados como destinatários.

Além de ForceP, outros constituintes podem ser topicalizados, como, por exemplo, DP's, e PP's, que funcionam como complemento ou como modificadores. Se houver topicalização de um desses constituintes, a ordem de palavras é a seguinte:

(31) Esse livro, João, eu só encontrei _ na Fnac.

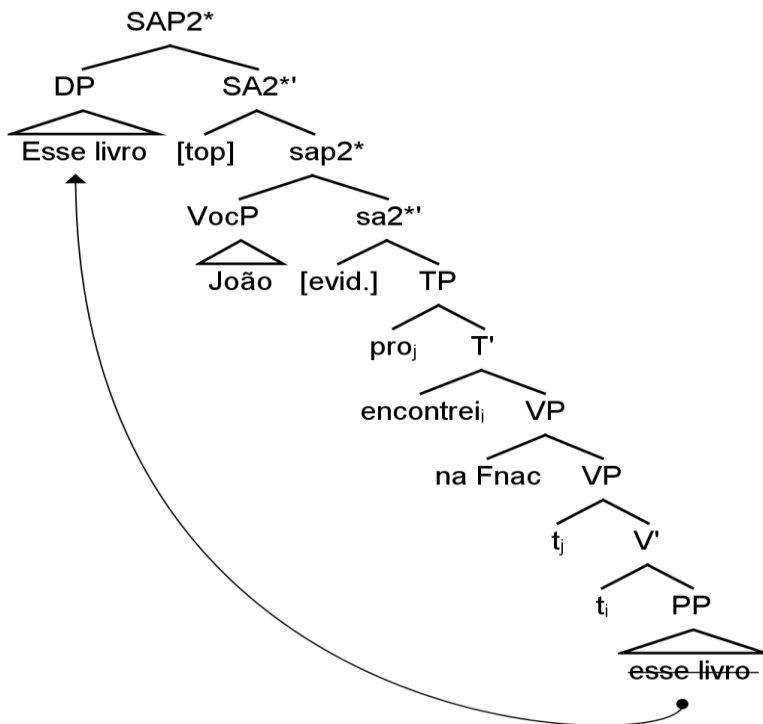
Esse livro – TOP, João – VOC, eu só encontrei _ na Fnac – FORCEP

(32) Sobre política, João, conheço gente que só conversa...

Sobre política -TOP, João - VOC, conheço gente que só conversa - FORCEP.

Vejamos a seguir as representações das configurações das ocorrências acima. Começemos pelo exemplo em (31):

(33) Esse livro_i, João, só encontrei _i na Fnac.²⁷

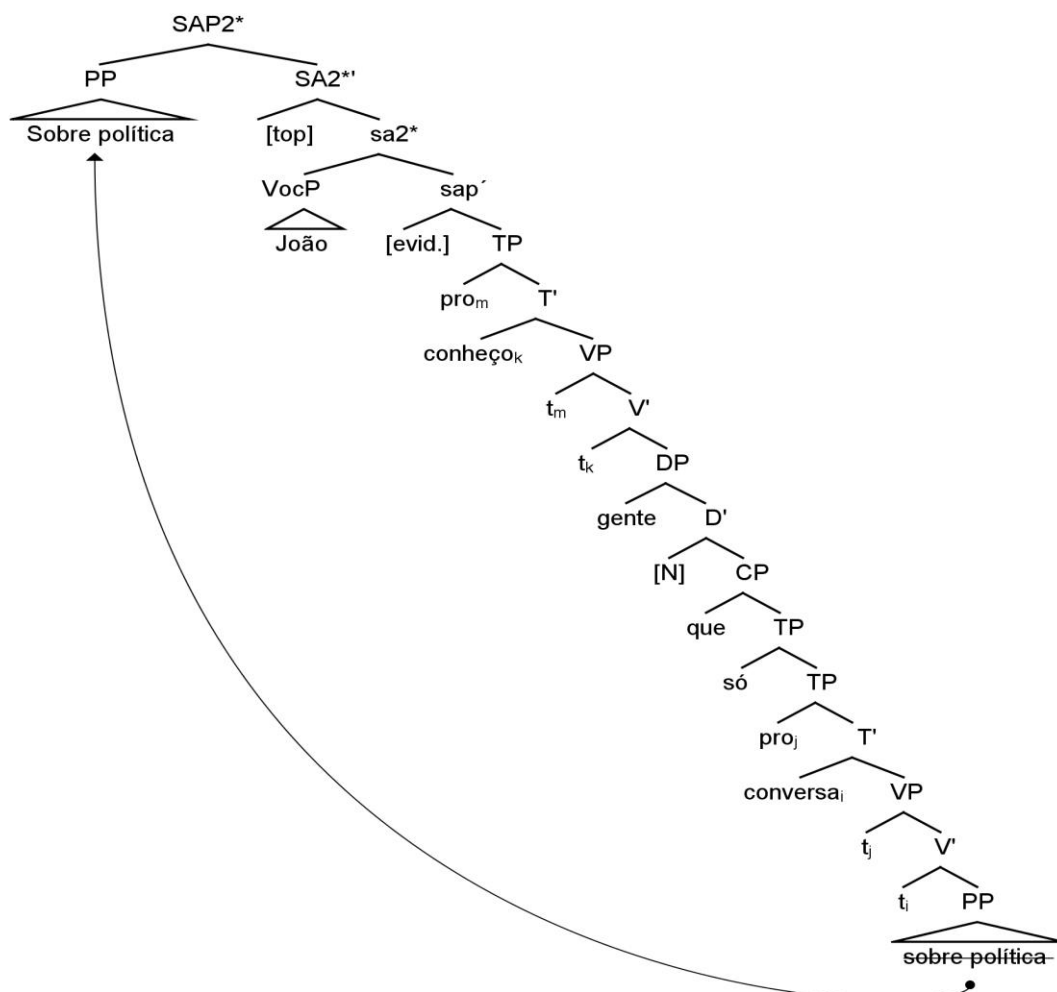


Na configuração acima, o DP “esse livro”, move-se da sua posição de base para a posição de tópico existente à esquerda de SAP2*.

Representamos a construção disposta em (32) a seguir:

²⁷ É mais coerente com a nossa análise a representação do advérbio em uma projeção AdvP, conforme Cinque (1999) propõe, no entanto, como este fato não influencia em nossa análise, como não entraremos em detalhes no que diz respeito à representação sintática do advérbio, colocaremos este constituinte em uma posição de adjunção.

(34)



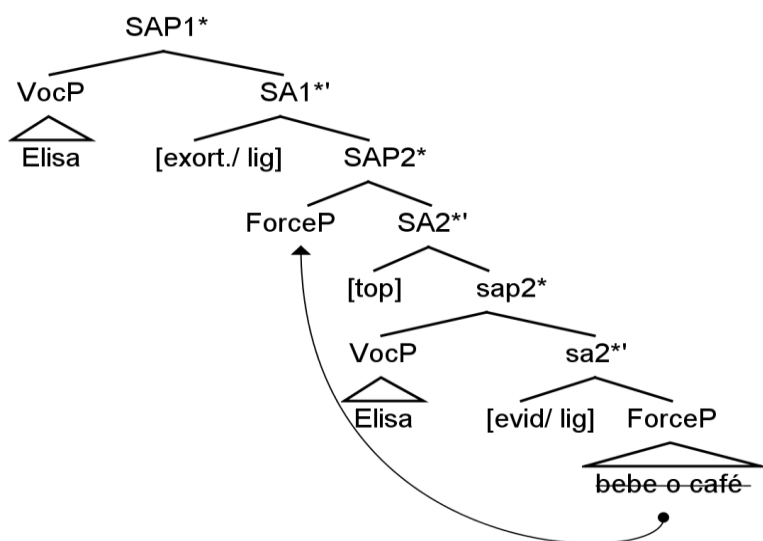
Nesta configuração, o PP “sobre política” se move para a categoria discursiva existente na área de ouvinte. Quando o vocativo se situa em posição final, em SAP2*, a topicalização de ForceP ou de um DP, ou PP ou de outro constituinte, é obrigatória. Cabe aqui uma questão: qual é a motivação para que a topicalização de ForceP ou de outro constituinte seja obrigatória? De antemão, poderíamos responder que a ocorrência de um constituinte na categoria discursiva em SAP bloqueia a posição de chamamento, o especificador de SAP1*. No entanto, é aceitável a seguinte construção:

(35) Elisa, bebe o café, Elisa.

Como já dito, no capítulo 2, a possibilidade de coocorrência de chamamento e

destinatário comprova a existência de dois tipos de vocativos que ocupam posições diferentes na estrutura sintática. Pode-se dizer, assim, que a distinção entre dois tipos de vocativos capta a divisão da SAP* em dois campos, SAP1* e SAP2*, conforme a qual o vocativo desempenha a função de chamamento quando se situa no especificador de SAP1* e, quando situado no especificador de SAP2*, desempenha a função de destinatário. Apresentamos, a seguir, a configuração referente ao exemplo (39):

(36)



Nesta construção, estão presentes um chamamento e um destinatário, havendo, assim, o movimento de ForceP para a categoria discursiva da área de ouvinte. Nesse caso, há atuação dos traços atenção/exortativo no núcleo de SAP1*, do traço evidencialidade em SA2*, do traço de ligação ou dêitico em SA1* e SA2*, e do traço de tópico na categoria discursiva que pode alojar o tópico na área de ouvinte. Em consequência da possibilidade representada em (36), excluimos a hipótese de que a ocorrência de um constituinte na categoria discursiva em SAP bloqueie a posição de chamamento (o especificador de SAP1*).

Com efeito, se existe um termo, uma expressão ou um fragmento textual à esquerda do vocativo, a entonação com que este é pronunciado não é a mesma do que quando é o primeiro constituinte da construção.²⁸

²⁸ Como acentuam Hill & Stavrou (2013), a propriedade de chamamento depende da entonação, apesar de não abordarem no estudo desenvolvido a prosódia do vocativo. Nesta perspectiva, a mesma sequência pronunciada com um tom mais baixo pode modificar a entonação para um destinatário.

Como visto, um constituinte topicalizado, sendo este um DP ou PP pode ocorrer à esquerda do vocativo. Além do tópico, um constituinte -qu, , uma interjeição ou uma invocação podem também preceder o vocativo.

Passamos a analisar construções em que os vocativos são precedidos por um constituinte -qu.

4.2.3. Vocativo precedido por um constituinte -qu

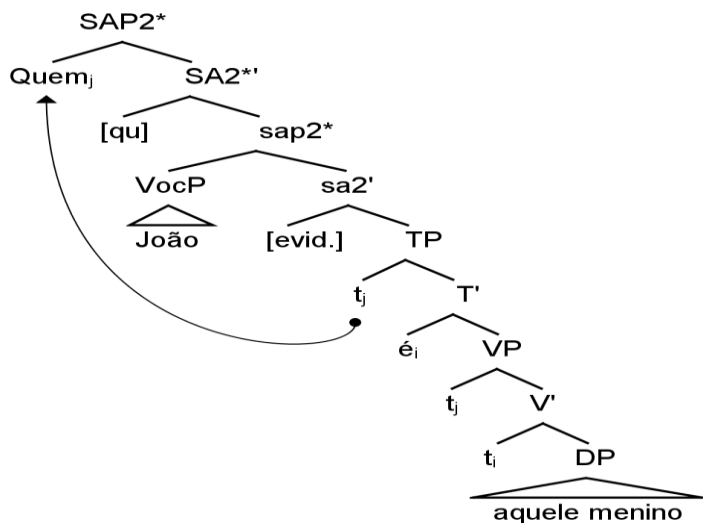
Como exemplificado de (96) a (97) no capítulo 1, há construções em que o vocativo é precedido por um constituinte -qu, sendo este exclamativo ou interrogativo, conforme exemplificado, novamente, em (37) e (38), abaixo:

(37) Quem, João, é aquele menino?

(38) Que bela casa, João, é a dos seus pais!

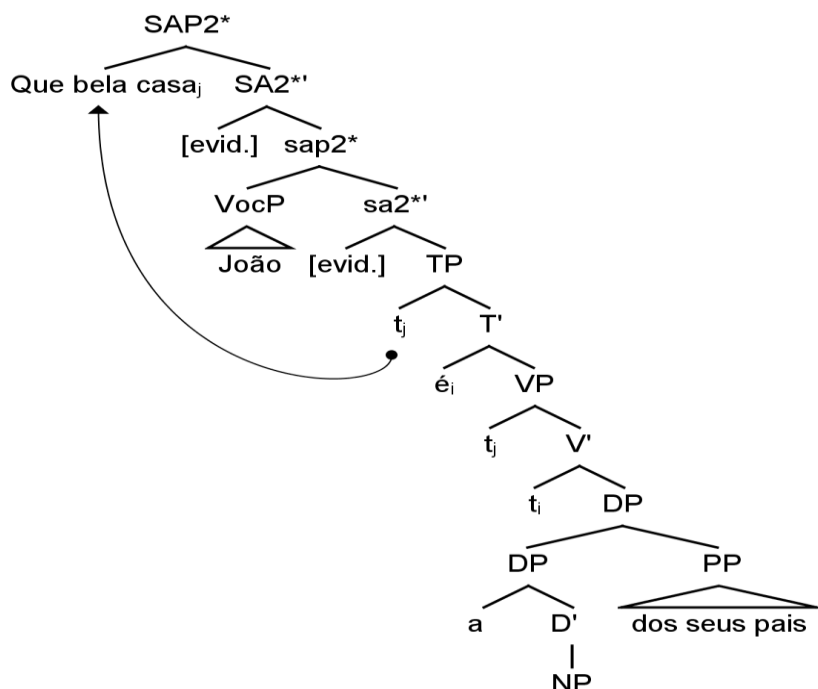
Apresentamos, a seguir, as configurações referentes à construção interrogativa em (39) e exclamativa em (40):

(39) Quem, João, é aquele menino?



Na configuração acima, o constituinte -qu se move do especificador de TP para a categoria discursiva existente à esquerda de SAP2*, que, por sua vez, abriga o vocativo “João”, a exercer função de destinatário. Vejamos a representação da construção (38):

(40)



Na representação acima, o constituinte “que bela casa” é engatilhado por um traço avaliativo do núcleo de SAP2* e ocupa a categoria discursiva à esquerda do vocativo.

Analisaremos, a seguir, outras construções com vocativo no interior da oração, mais precisamente, aquelas em que o vocativo se situa entre o verbo e o complemento.

4.2.4. O vocativo entre o verbo o complemento

Como já mostramos, existem construções com vocativo entre o verbo e o complemento e construções com vocativo entre a oração principal e a objetiva direta ou completiva nominal. Retomemos esses dois tipos de construções e suas ocorrências:

A) Construções com vocativo entre o verbo e o complemento

- (41) Você tem, Terezinha, um enorme coração.
- (42) A senhora tá tomando, mãe, o remédio?
- (43) Bebe, João, o café.
- (44) Não distribua, João, os doces.
- (45) Distribua, Maria, os doces.
- (46) Quem é, João, aquele menino?
- (47) ? A Sofia fez, João, uma sopa.
- (48) ? Eu comprei, Alice, o presente do Antônio.
- (49) ? Você é, Paco, muito chato.
- (50) ? Eu te vi, Antônio, na praça.
- (51) ? Eu comprei, João, o presente da Camila.
- (52) ? Vocês não fizeram, Alice, isso.
- (53) ? Vocês não fizeram, Alice, o que tinham combinado.
- (54) ? Vocês não fizeram, Alice, bolo.

B) Construções com vocativo entre a oração principal e a objetiva direta ou completiva nominal

- (55) A mamãe disse, Pedro, que você não pode ir.
- (56) Eu já falei, Paulo, não venha com desculpas esfarrapadas.
- (57) e eu ficava sozinha com os meninos. olha, vou te dizer uma coisa, Maria Lúcia, até Natal e Ano Novo, eu passei muito sozinha, sabe, muitos natais e Ano Novo eu passei sozinha com os menino. (CRPC)
- (58) eu sei te dizer, minha filha, que o carro não parava de jeito nenhum. (CRPC)
- (59) mas eu acho, dona Mariângela, que a mulher hoje ela, sei lá. Ela não aceita com tanta facilidade assim. (Corpus de Referência do Português Contemporâneo)
- (60) Tá na hora, Parisina, de você começar a enxergar as coisas. (Faro, 2008)

(61) Tenho medo, Pérola, que ele me avance.
(Mauro Rasi, 1995)

Proporemos, como veremos logo adiante, derivações para os tipos de construções apresentados acima adotando uma análise baseada na noção de extraposição. Vamos inicialmente definir essa noção na seção seguinte.

4.2.4.1. Extraposição

O termo extraposição é utilizado por nós conforme Cardoso (2010) o define para a análise das relativas: em uma perspectiva descritiva, referindo-se a não adjacência entre duas partes de uma construção. Na perspectiva gerativa, o termo é usado para se referir a um movimento sintático de um sintagma (c.f Chomsky, 1981).

Trata-se de um mecanismo que não afeta apenas orações relativas, mas um vasto leque de constituintes, nomeadamente, membros coordenados, orações consecutivas, aposições, orações comparativas, sintagmas preposicionais e orações completivas (c.f. Cardoso, 2010, p.169, *apud* De Vries, 2002). A autora considera que não há uma configuração sintática que derive todos os tipos de extraposição e, além disso, as línguas e os diferentes estágios da mesma língua podem demonstrar divergência no que diz respeito às possibilidades de extraposição.

Nosso interesse nesse fenômeno se justifica pelo fato de que, na nossa proposta, as estruturas com vocativo no interior da oração se devem aos movimentos sintáticos nomeados de extraposição. Nessa perspectiva, é preciso verificar que tipo de análise de extraposição pode ser aplicada às construções com vocativo entre o verbo e o complemento e construções com vocativo entre a oração principal e a objetiva direta ou completiva nominal.

A fim de investigar o tipo de análise que se aplica aos tipos de construções exemplificados, listamos as possibilidades de extraposição consideradas por Cardoso (2010):

(A) Análise por adjunção à direita (rightward adjunction analyses)

De acordo com essa proposta, a segunda parte da construção é movida para uma posição de adjunção, à direita da projeção máxima (c.f. Reinhart, 1980; Baltin, 1984). A análise de adjunção à direita (c.f. Culicover and Rochemont 1990) propõe que não existe vínculo sintático entre a primeira parte e a segunda parte da construção. Considera-se, ainda, que, após o movimento da segunda parte da construção, a primeira parte é apagada no segundo conjunto. Assim, temos:

(62) ... parte 1 t_k ... [~~parte 1~~ parte 2_k]

(B) Abandono da segunda parte da construção (*stranding analyses*)

Este tipo de extraposição envolve o movimento à esquerda da primeira parte da construção e o abandono da segunda parte na sua posição de base. Dito de outra forma, as duas partes da construção são geradas juntas e somente a primeira se move para à esquerda. Esse processo pode ser representado da seguinte maneira:

(63) ... parte 1 t_k ... [~~t_k~~ parte 2]

(c.f. Kayne, 1994)

(C) Movimento à esquerda e apagamento (*scattered deletion*)

Segundo esta proposta de análise, pode haver movimento à esquerda e também apagamento. Em detalhes, a oração move-se para à esquerda e deixa uma cópia. Então, ocorre o apagamento da segunda parte da construção na cópia mais alta e da primeira parte na cópia mais baixa:

(64) ... parte 1_k ~~parte 2~~ ... [~~parte 1~~ oração]_k

(c.f. Kayne, 1994)

Esse tipo de extraposição deriva um foco informacional à direita, o qual é pronunciado com proeminência prosódica.

(D) Coordenação especificante (*specifying coordination*)

O termo “coordenação especificante” é originário da proposta de que o segundo conjunto ou a segunda parte de uma construção especifica ou adiciona informação à primeira. Essa análise é baseada na ideia de que a extraposição envolve a estrutura de coordenação. Segundo a abordagem de Koster (2000), a primeira parte da construção é inserida na posição de especificador de um núcleo abstrato e a segunda parte é inserida na posição de complemento.

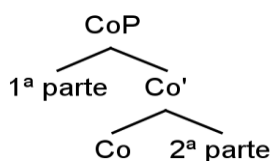
Uma variação da análise considera que a segunda parte possui o mesmo estatuto categorial que a primeira, de modo que esta última repete o material contido na primeira. O material repetido na segunda parte é apagado fonologicamente. Tem-se, assim, coordenação especificante com elipse, como na representação abaixo:

(65) ... parte 1_k ... [~~parte 1~~ parte2]_k

(c.f. De Vries, 2002)

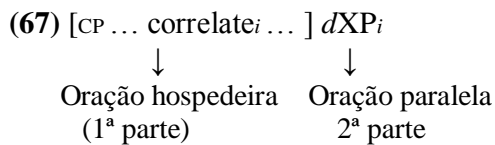
Nessa análise, considera-se que a oração deslocada é remanescente, na superfície, de uma segunda frase paralela à cláusula hospedeira. Além disso, os autores sugerem que as duas partes são sintaticamente relacionadas por um núcleo de coordenação abstrato, como ilustramos abaixo:

(66)



O sintagma deslocado que resta na superfície da segunda parte da construção é colocado em paralelo com a primeira parte após o apagamento do restante. Conforme o que propõem os autores, as duas frases são sintaticamente relacionadas a um núcleo coordenativo abstrato e, portanto, este é um caso de coordenação especificante. Segue-se a representação desta proposta:²⁹

²⁹ Segundo De Vries & Ott (op. cit), este tipo de elipse é familiar às análises contemporâneas de fragmentos de respostas (Merchant 2004, Temmerman (no prelo)).



Exemplo (3) de De Vries & Ott (2012)

Esta apresentação das possibilidades de extraposição, apesar de incompleta, é suficiente para análise das construções apresentadas ao início desta seção.

Apresentaremos, na próxima seção, a análise das construções com vocativo entre o verbo e o complemento.

4.2.4.2. O vocativo entre o verbo e o complemento: a análise

Nesta seção, investigamos que tipo de análise por extraposição é adequada às construções com vocativo que foram apresentadas anteriormente. Abordaremos, primeiramente, as construções com vocativo entre o verbo e o objeto em período simples e, na sequência, abordaremos as construções com vocativo entre o verbo e o objeto em período composto, isto é, as construções em que o vocativo se situa entre a oração principal e a objetiva direta ou a completiva nominal.

A) Período simples

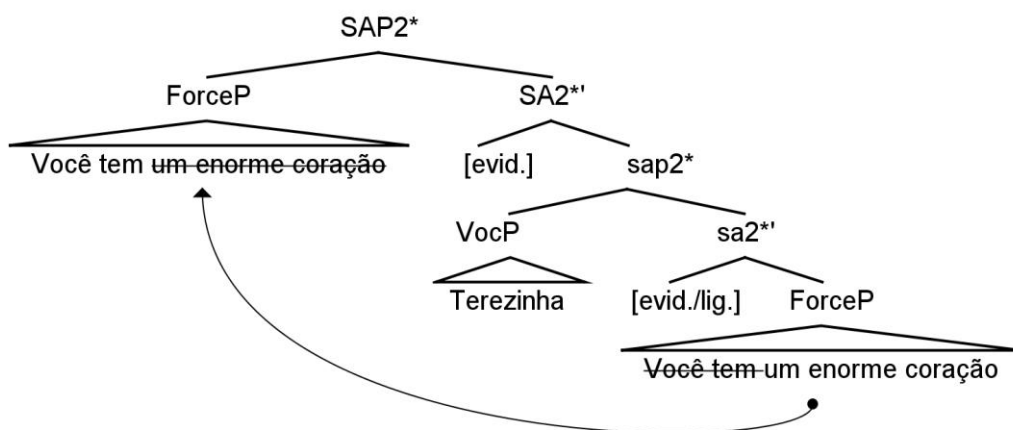
A nossa hipótese é a de que a análise por movimento à esquerda e apagamento (“scattered deletion”) se aplica às seguintes construções:

(68) Você tem, Terezinha, um enorme coração.

(69) A senhora tá tomando, mãe, o remédio?

Ao que parece, os constituintes situados à direita do vocativo “um enorme coração” e “o remédio” são pronunciados com mais ênfase. Sob esta perspectiva de análise, estes constituintes são focos informacionais. A configuração arbórea correspondente à construção em (68) é apresentada a seguir:

(70)



Nessa configuração, temos a topicalização de ForceP através do movimento para a categoria discursiva existente em SAP. O vocativo se situa em SAP2* e é interpretado como destinatário. Após o movimento, a cópia mais baixa não é apagada, o que se daria se o vocativo estivesse em posição final e não entre o verbo e o complemento.

Observe-se, ainda, que ocorre o apagamento de partes diferentes de cada cópia. Na cópia mais alta, a segunda parte da cópia é apagada e, na primeira parte, a primeira parte da cópia é apagada. Neste último caso, a oração paralela é apagada, com exceção do objeto “um enorme coração”, que é um “pensamento posterior” (*afterthought*).

Outro tipo de análise por extraposição que adotamos é coordenação especificante com elipse. Vale ressaltar que movimento à esquerda e apagamento (“scattered deletion”) e coordenação especificante com elipse são operações do mesmo tipo. A diferença é que, no primeiro tipo de movimento, os fragmentos são gerados na base, já no segundo tipo, há movimento à esquerda.

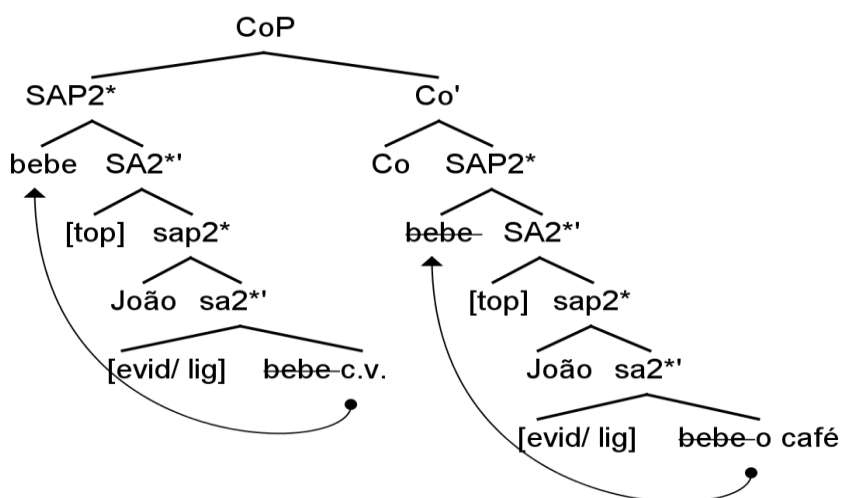
Construções como as que se seguem podem assim ser analisadas por meio da noção de coordenação especificante com elipse:

(71) Bebe, João, o café.

(72) Eu sei te dizer, minha filha, que o carro não parava de jeito nenhum.

Vejam, a seguir, a derivação que propomos para a oração (71):

(73)



Na configuração acima, a frase hospedeira e a frase paralela são unidas por um núcleo de coordenação abstrato (Co). A oração paralela é reduzida na PF e o sintagma “o café” permanece na superfície, como um pensamento posterior que foi inserido na derivação (“afterthought”).³⁰ Ressalte-se também que na análise de De Vries, de coordenação especificante com elipse, as duas partes da construção devem apresentar o mesmo estatuto categorial. Como se vê, em (73), a projeção máxima nas duas partes da construção é SAP2*.

Além disso, na oração hospedeira, ForceP é topicalizado e temos um objeto nulo, conforme ilustrado, a seguir:

(74) Oração hospedeira



A oração paralela, com exceção do seu objeto, é apagada em PF, conforme representado abaixo:

³⁰ Cabe ressaltar que neste exemplo, ForceP é imperativo, no entanto, o vocativo apresenta valor avaliativo, pois não é utilizado como chamamento e sim como destinatário.

(75) Oração paralela

- [João, bebe o café.]
(i) [João, bebe o café.]
(ii) [Bebe, João, ~~t~~, o café]
(iii) [~~Bebe, João, t~~, o café]

A existência do objeto nulo na oração hospedeira, pode ser comprovada com base nos exemplos seguintes:³¹

- (76) a.** Põe na prateleira, Joana, as chaves
b. *Põe as chaves, Joana, na prateleira.
c. * Põe-nas, Joana, na prateleira.

Se o objeto “as chaves” é realizado foneticamente à esquerda do vocativo, não havendo uma pausa enfática, a construção torna-se agramatical. A nossa hipótese é a de que as construções citadas não são aceitáveis devido ao fato de que o objeto “as chaves” foi acrescentado após o *spell-out* do primeiro conjunto “põe na prateleira”. Considerando esta premissa, temos:

(77) a. Oração hospedeira

[_{SAP2}* Joana, põe *c.v* na prateleira] → [_{SAP2}* põe na prateleira *c.v_i* Joana ~~põe e.v_i~~]
↓
objeto nulo

b. Oração paralela

- [Joana, põe as chaves na prateleira.]
(i) [Joana, põe na prateleira as chaves]
(ii) [Põe na prateleira, João, ~~t~~ as chaves]
(iii) [~~Põe na prateleira, t~~, as chaves]

Para avaliar a validade da hipótese de que o objeto realizado na oração paralela pode ser analisado como um pensamento posterior, é interessante testar a ocorrência desta

³¹ A diferença entre este tipo de construção e aquelas que são analisadas como por movimento à esquerda e apagamento é a de que, neste último tipo, o objeto é pronunciado com ênfase e configura um foco informacional.

construção em línguas que não legitimam objeto nulo, como é o caso do francês. Uma vez que não há legitimação de objeto nulo, o esperado é que haja possibilidade de o objeto ser realizado imediatamente após o verbo na oração hospedeira. Segue-se o teste:

(78) a. Boit-le, Jean, le café!

b. ? Boit, Jean, le café!

A construção em (78) explicita que, inclusive no francês, uma língua de objeto não nulo, não pode haver objeto imediatamente após o verbo “boit”. O objeto é realizado foneticamente após o vocativo como um pensamento posterior. Se o objeto é realizado como pensamento posterior, deve ocorrer na oração paralela.

Observamos que tanto em uma língua de objeto nulo, o português, como em língua de objeto não nulo, o francês, o objeto que ocorre isolado à direita do vocativo deve ser analisado como um pensamento posterior. A diferença é que no português, há uma categoria vazia após o verbo na oração hospedeira e, no francês, não há. Entretanto, as duas línguas têm em comum a possibilidade de objeto ocorrer após o vocativo, na oração paralela, por se tratar de um pensamento posterior. Obtemos, portanto, a confirmação de que a análise de extraposição que mais se adequa à análise deste tipo de construção é coordenação especificante com elipse.

B) Período composto

Num período composto, pode não haver adjacência entre duas orações, por exemplo, entre uma principal e outra subordinada ou coordenada. Em particular, nas construções com vocativo, este constituinte, como vimos, pode separar a oração principal e uma oração substantiva objetiva direta ou completiva nominal. Conforme De Vries & Ott (2012), o material interveniente entre duas orações pertence à oração matriz. Nas construções que analisamos, o vocativo é o material lexical interveniente entre as duas partes da construção. Nos casos em que o vocativo é inserido em período composto, este constituinte trata-se de material lexical da matriz. Considere os seguintes exemplos:

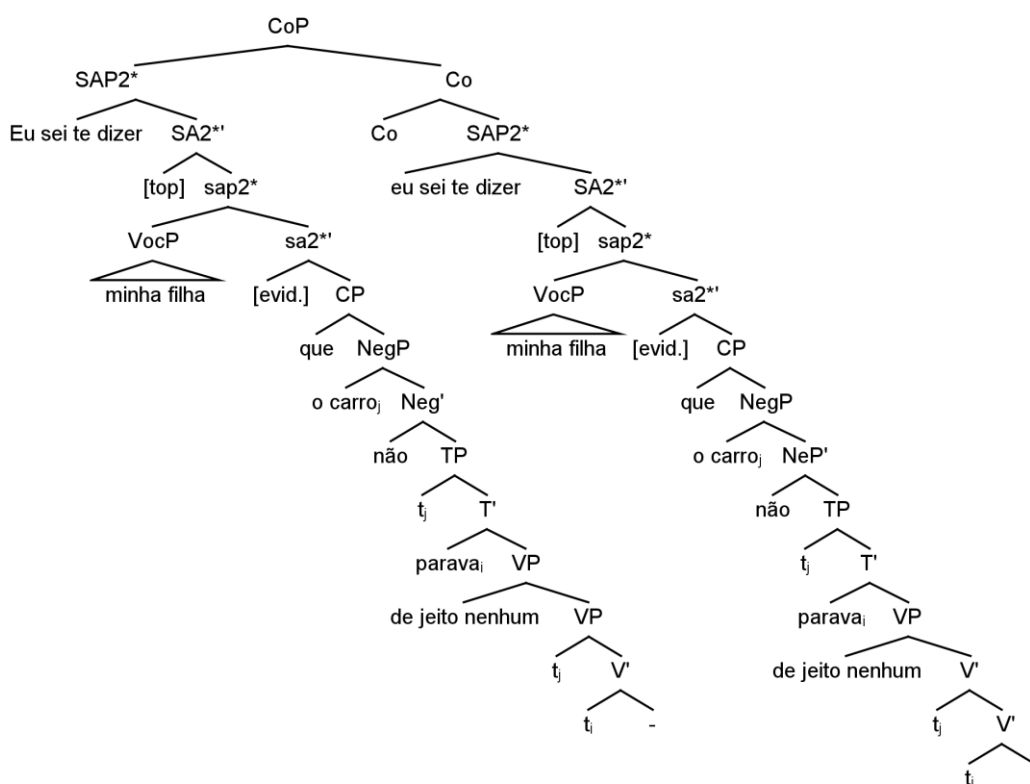
(79) Eu sei te dizer, minha filha, que o carro não parava de jeito nenhum.

(80) Tenho medo, Pérola, que ele me avance.

(Mauro Rasi)

Do mesmo modo que no período simples, temos o objeto nulo na oração hospedeira e o objeto é realizado na oração paralela, como um pensamento elaborado após “spell out”. A análise de extraposição adotada é também coordenação especificante com elipse, como ilustra a configuração a seguir:³²

(81)



Na configuração acima, as duas orações estão unidas por um núcleo de coordenação abstrato (Co). A condição para que haja a relação abstrata entre as duas orações é a de ambas pertencem à mesma categoria. Observe-se que a projeção máxima de ambas as partes da construção é SAP2*.

A derivação se realiza do seguinte modo: ForceP é topicalizado em ambas as partes da construção. Após a topicalização, há o apagamento em PF de trechos distintos

³² Utilizamos a categoria NegP na configuração, com base na análise de Teixeira de Sousa (2012) de construções em que “não” figura entre o sujeito e o verbo. Cabe, no entanto, assinalar que esta análise não é consensual.

de cada oração. Na primeira oração, há o apagamento da oração objetiva direta “que o carro não parava de jeito nenhum” e, na segunda oração, a primeira parte “eu sei te dizer, minha filha” é apagada.

O próximo tipo de construção com vocativo a ser analisado é aquele em que há coocorrência deste constituinte com uma interjeição, com uma partícula de chamamento indireto e com uma invocação. Continuamos a tratar, portanto, de construções com vocativo no interior da oração, visto que interjeições e invocações geralmente ocorrem à esquerda do vocativo, havendo coocorrência destes constituintes.

4.3. A sintaxe de construções com interjeições e vocativos

Apresentamos, nesta seção, a análise de construções em que há coocorrência de vocativos e interjeições, sendo estas interjeições propriamente ditas ou partículas de chamamento indireto.

4.3.1. Uma análise das construções com vocativos precedidos por interjeições e partículas de chamamento indireto

Conforme demonstrado no capítulo 2, existem as seguintes possibilidades de coocorrência de uma interjeição propriamente dita e de um vocativo:

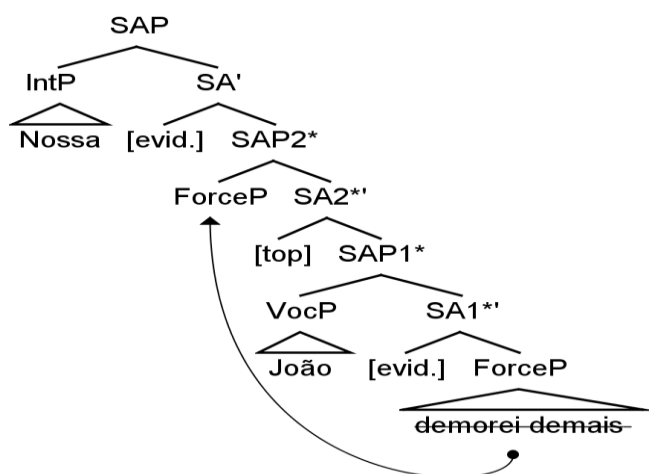
- (82) **a.** Nossa, João, demorei demais!
b. Nossa, demorei demais, João!

A construção em (82 b), repetida abaixo, é representada como está em (84):

- (83) Nossa, demorei demais, João!

Segue-se a configuração correspondente a esta construção:

(84)



Na configuração acima, o vocativo se situa em SAP2* e, portanto, verifica o traço “evidencialidade” pertencente ao núcleo desta projeção. Note-se que a oração (ForceP) move-se para a posição de tópico à esquerda do vocativo e este, ao final da oração, é interpretado como destinatário.

Verificamos que interjeições propriamente ditas não ocorrem adjacentes ao vocativo quando este se situa em posição final, conforme ilustrado abaixo:

(85) * Pára com isso, ai José.

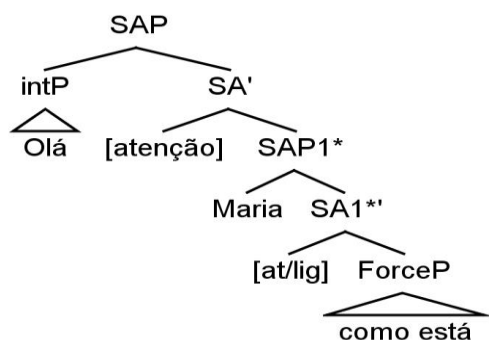
(86) * Não me diga isso, ah, filha.

No que diz respeito às partículas de chamamento indireto, também podem ocorrer à esquerda de um vocativo que se encontra em posição inicial, como no exemplo seguinte:

(87) Olá, Maria, como está?

Para orações como (87), vamos propor a seguinte representação:

(88)



Nesta configuração, é atribuída ao vocativo a leitura de chamamento e, portanto, este constituinte situa-se em SAP1*. A intenção do falante ao utilizar partícula de chamamento “olá” é chamar a atenção do ouvinte, cumprimentá-lo ou contatá-lo e, portanto, o traço que atua na projeção de falante, é o traço “atenção”.

Quando uma partícula de chamamento indireto e um vocativo estão presentes, como em (87), e se a entonação é fluente, sem pausas e intervalos, a ordem [partícula de chamamento + vocativo] é obrigatória. Neste caso, situam-se na projeção de falante e atuam como marcadores pragmáticos de chamamento.³³

As partículas de chamamento indireto podem igualmente ocorrer no início da oração, à esquerda de um vocativo, como em (89):

(89) Ei, Paulo, me espera.

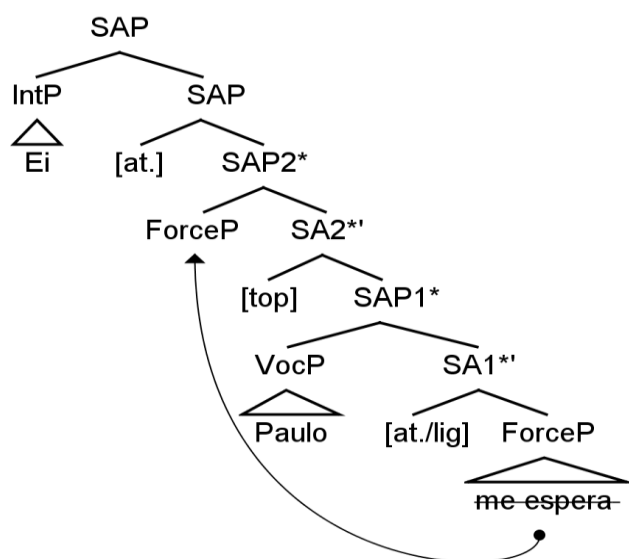
A partícula pode ocorrer ao início da oração, ao passo que o vocativo, interpretado como destinatário, é situado ao final, como em (90):

(90) Ei, me espera, Paulo.

Propomos a seguinte derivação para a construção acima:

³³ Situamos as partículas de chamamento indireto na categoria IntP e admitimos que o traço [atenção] possa ocorrer na área de falante, no intuito de evitar a criação de uma categoria que abrigue estas partículas, que atuam como cumprimentos. Seria necessária, mais investigação a este respeito para tal.

(91)



Nesta configuração, a projeção ForceP é topicalizada e, portanto, o vocativo se situa em SAP2*' e é atribuída a ele a leitura de destinatário. A partícula de chamamento ocupa o especificador de SAP1*', ou seja, a posição de chamamento.

Conforme verificamos, a partícula “ô” pode ocorrer imediatamente à esquerda do destinatário ao final da frase, como em (92), conforme ilustrado a seguir:³⁴

(92) Me espera, ô Paulo.

Outras partículas não ocorrem nesta posição, como demonstrado a seguir:

(93) *Me espera, olá, Paulo.

(94) * Me espera, ei, Paulo.

Em resumo, observamos que nem todos os vocativos iniciais precedidos por interjeição exercem a função de chamamento e, portanto, tornou-se necessário observar que tipo de interjeição precede o vocativo para definir a função exercida por este. Em detalhes, consideramos que se um vocativo inicial é precedido por uma interjeição

³⁴ Para representar sintaticamente este exemplo, precisamos de um estudo mais detalhado da área de falante. A configuração referente ao exemplo será apresentada na seção 4.4.2

propriamente dita, é interpretado como destinatário e, por outro lado, se o vocativo inicial é precedido por uma partícula de chamamento indireto, obter-se-á uma forma de chamamento composta pelos dois constituintes.

Como pontuado no capítulo 2, as partículas vocativas “sô” e “pá” ocorrem nos mesmos ambientes sintáticos que os vocativos plenos. Entretanto, uma vez que se tratam de formas reduzidas de vocativos, a posição que ocupam é mais marcada, mais definida, uma vez que, como explicitado no capítulo 2, estas partículas, resultantes de processos de redução fonética, e, quando em posição inicial parecem necessitar de um elemento no qual possam se apoiar. Assim, verificamos que as partículas de chamamento direto se comportam como clíticos e as partículas de chamamento indireto atuam como hospedeiros.

Tomando como pressuposto que a análise das partículas “sô” e “pá” contribui para esta pesquisa, no sentido corroborar com a definição da posição do vocativo na configuração sintática, abordamo-as na próxima seção.

4.3.1.1. As partículas vocativas e as interjeições

Esta seção é dividida em duas partes: na primeira delas, analisamos as partículas vocativas em posição inicial e a análise da segunda parte contempla as partículas que se realizam em posição não inicial.

Segue-se a análise das partículas em posição inicial:

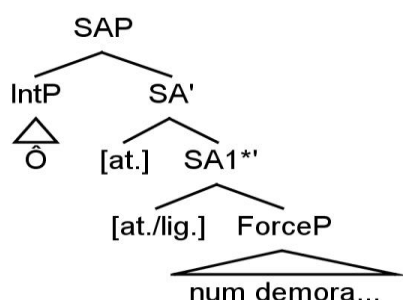
I. Partícula vocativa em posição inicial

Quando a partícula vocativa se encontra em posição inicial, ela é obrigatoriamente precedida por interjeição, como ilustrado no exemplo (95):

(95) Ô sô, num demora não que eu tô atrasado.

Segue-se a representação estrutural correspondente ao exemplo acima:

(96)



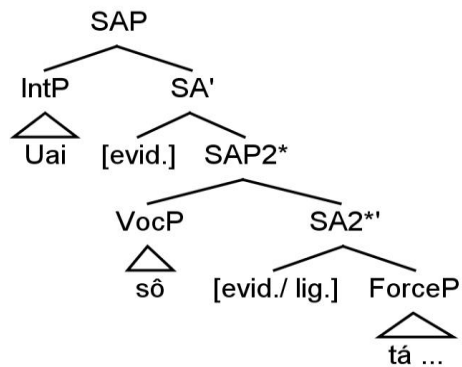
A partícula vocativa “sô” se realiza na área de falante (SAP1*) e a partícula de chamamento indireto “Ô”, que a precede, na área de ouvinte. A nossa hipótese é a de que as partículas “sô” e “pá” se situam no núcleo da categoria VocP, ao passo que os vocativos plenos ocupam o especificador desta categoria e VocP, por sua vez, pertence a SAP1* ou a SAP2*, a depender da interpretação do vocativo, se chamamento ou destinatário.

Já no exemplo que segue, a partícula vocativa é precedida pela interjeição propriamente dita “Uai”:

(97) Uai, sô, tá de brincadeira.

A representação estrutural, abaixo, evidencia que a partícula vocativa é interpretada como destinatário devido a atuação do traço evidencialidade e pela razão de ser precedida pela interjeição “uai”, uma interjeição propriamente dita. A representação que propomos é a seguinte:

(98)



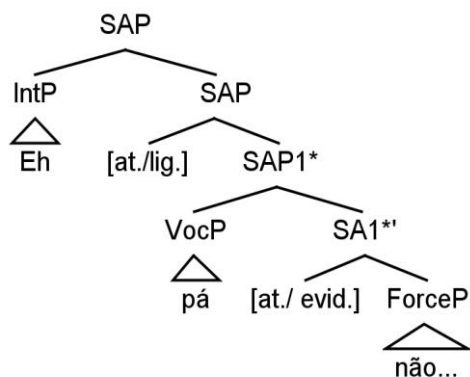
Como visto no capítulo 2, ao diferirmos os chamamentos dos destinatários, verificamos que tanto as partículas vocativas, quanto as interjeições propriamente ditas podem preceder um vocativo em posição inicial. No entanto, somente no primeiro caso, as interjeições compõem juntamente com o vocativo um chamamento. Com efeito, enquanto as partículas de chamamento indireto coocorrem com os chamamentos, as interjeições propriamente ditas coocorrem com os destinatários.

Vamos tratar a distribuição da partícula vocativa “pá”, do PE, da mesma maneira que tratamos a partícula “sô”. Apresentamos um exemplo em que há coocorrência da partícula de chamamento indireto “Eh” e a partícula vocativa “pá”:

(99) Eh, pá, não me chateies.

A configuração arbórea correspondente a esta construção está exposta, a seguir:

(100)



A partícula vocativa “pá”, precedida pela partícula de chamamento indireto “Eh”, situa-se na posição de chamamento, o especificador de SAP1*, na área de ouvinte.

Na configuração acima é expressa a ordem partícula de chamamento indireto - partícula de chamamento direto. Cabe ressaltar que, no *corpus* desta tese, não há ocorrência de uma partícula vocativa em posição inicial se não for precedida de uma partícula de chamamento indireto. Já os vocativos plenos podem ocorrer em posição inicial se precedidos ou não de interjeição. Como dissemos, no capítulo 2, a ocorrência das partículas vocativas em posição inicial é mais marcada do que a ocorrência de vocativos plenos na mesma posição, pois estas se comportam como clíticos que precisam de um hospedeiro, nesse caso, uma partícula de chamamento direta.

O que se conclui é que a precedência de interjeição pode ser auxiliar para diferir os tipos de vocativos. Enquanto os chamamentos podem ser precedidos de interjeição, os destinatários não podem. Este fato constitui uma evidência para nossa tipologia de vocativos.

II. Partículas vocativas em posição não inicial

Para tratar das partículas vocativas que ocorrem em posição não inicial, consideramos os seguintes tipos de construções a serem analisadas: (i) com partícula vocativa em posição final, (ii) com partícula de chamamento indireto em posição inicial

e partícula vocativa em posição final, (iii) com tópico à esquerda da partícula e (iv) coocorrência de interjeição, partícula vocativa e vocativo. Começemos pela análise das partículas vocativa em posição final.

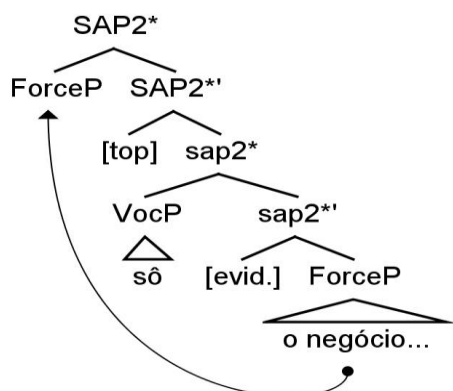
a. Partícula vocativa em posição final

Do mesmo modo que um vocativo pleno, a partícula vocativa “sô” pode ocorrer em posição final, como em (101 a) e, nesta posição, pode ser precedida pela partícula de chamamento indireto “ô”, como se vê no exemplo a seguir:

(101) O negócio tá feio, sô.

A representação estrutural desta construção é a seguinte:

(102)



Na configurações acima, a projeção ForceP é topicalizada, através de movimento para a categoria discursiva existente à esquerda do destinatário. Desse modo, o vocativo é situado à direita da sentença.

Apresentamos, a seguir, a análise de construções em que a interjeição se realiza à esquerda e a partícula vocativa figura à direita da construção:

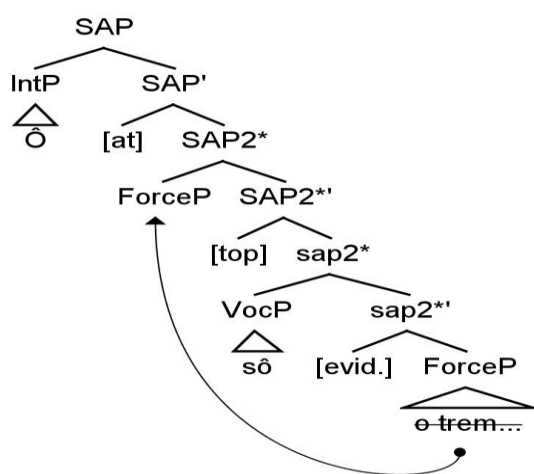
b. Partícula de chamamento indireto em posição inicial e partícula vocativa em posição final

No exemplo, a seguir, a interjeição “ô” se realiza à esquerda da construção e a partícula vocativa “sô” ocorre em posição final.

(103) Ô, o trem tá feio, sô.

A configuração arbórea correspondente é apresentada, a seguir:

(104)



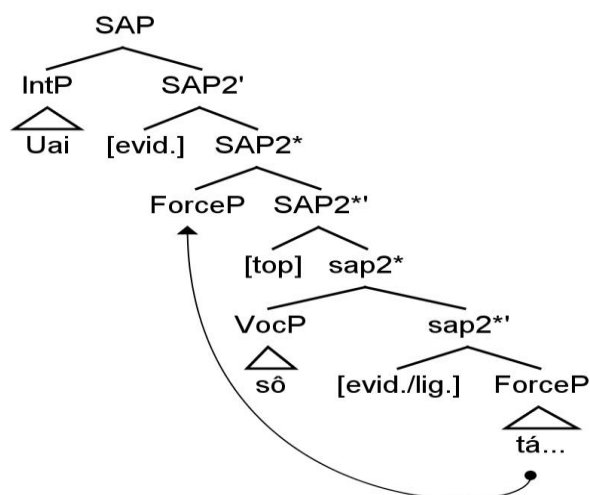
Nesta configuração, a partícula de chamamento indireto “Ô” exerce a função de chamamento e a partícula vocativa “sô” exerce função de destinatário. Trata-se, portanto, de um exemplo de coocorrência de chamamento e destinatário.

Há também construções em que uma interjeição propriamente dita se situa ao início da oração e uma partícula vocativa à direita da construção:

(105) Uai, tá de brincadeira, sô.

Vejam a representação estrutural desta construção:

(106)



Nesta configuração, após a topicalização de Force, a partícula vocativa torna-se o último constituinte da construção. Note-se que a diferença entre esta e a configuração anterior, na qual uma partícula de chamamento indireto se situa à esquerda da oração, é apenas o traço que atua na área de falante. Quando se tem uma partícula de chamamento indireto, o traço que atua na área de falante é [atenção], ao passo que no caso de uma interjeição propriamente dita, o traço é [evidencialidade].

Consideramos, portanto, que é necessário haver uma categoria para alojar cada um dos tipos de interjeição na área de falante. No entanto, apesar de contribuímos para o mapeamento da área de falante, não a exploraremos em detalhes, uma vez que o estudo desta área não está dentre os objetivos principais desta tese.

Segue-se a análise de construções com partícula vocativa à direita de um tópico:

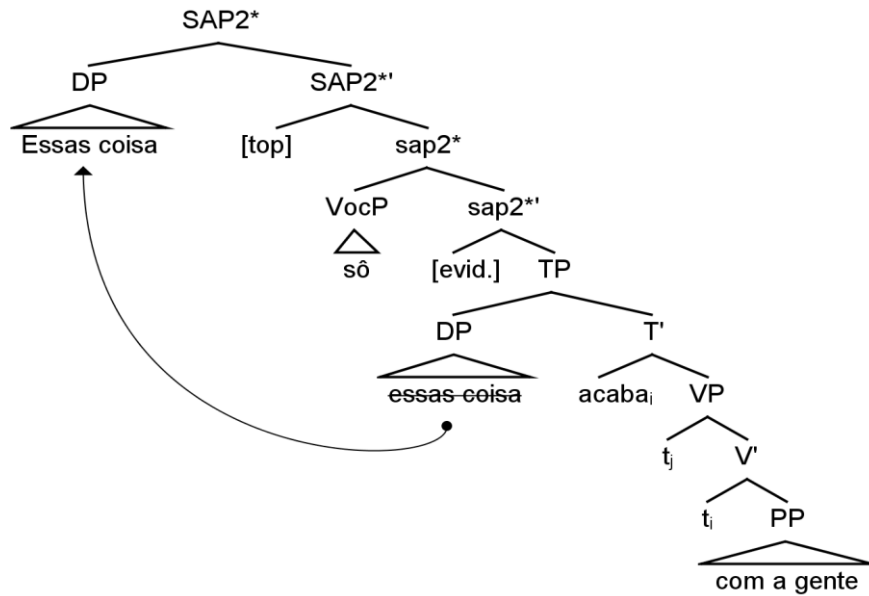
c. Partícula vocativa à direita de um tópico

Do mesmo modo que os vocativos plenos, as partículas vocativas podem ser situadas após um constituinte topicalizado. No caso do exemplo abaixo, o DP “essas coisa” é o tópico.

(107) Essas coisa, sô, acaba com a gente.

Apresentamos, a seguir, a representação estrutural correspondente a esta construção:

(108)

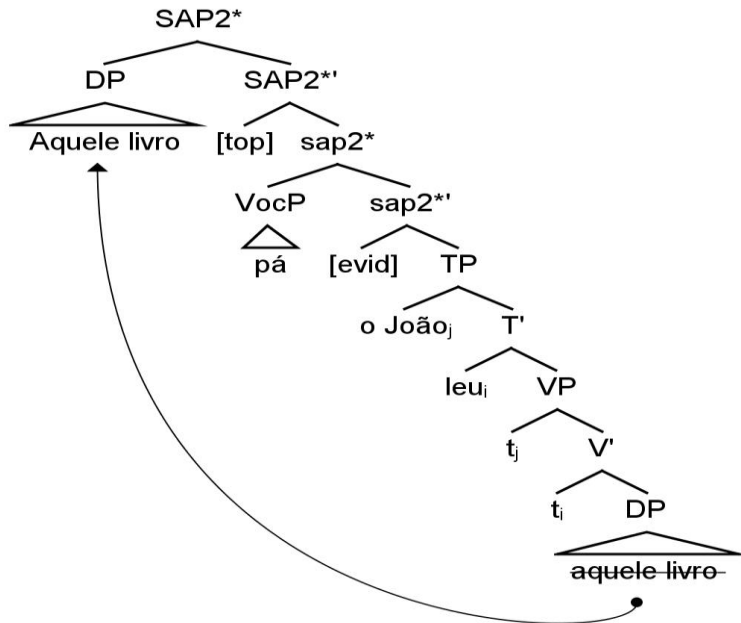


A partícula “pá” também pode ocorrer à direita de um DP topicalizado, como se vê a seguir:

(109) Aquele livro, pá, o João leu.

A configuração referente ao exemplo (109) é a seguinte:

(110)



Após mover-se para a posição de tópico no domínio de CP, nas configurações (108) e (110), o DP “essas coisa” e “aquele livro”, respectivamente, movem-se ainda para a categoria discursiva existente na área de ouvinte para verificar um traço de tópico do núcleo de SAP2*. Uma vez que há um tópico antes do vocativo, é interpretado como destinatário.

d. Coocorrência de partícula de chamamento indireto, partícula vocativa e vocativo

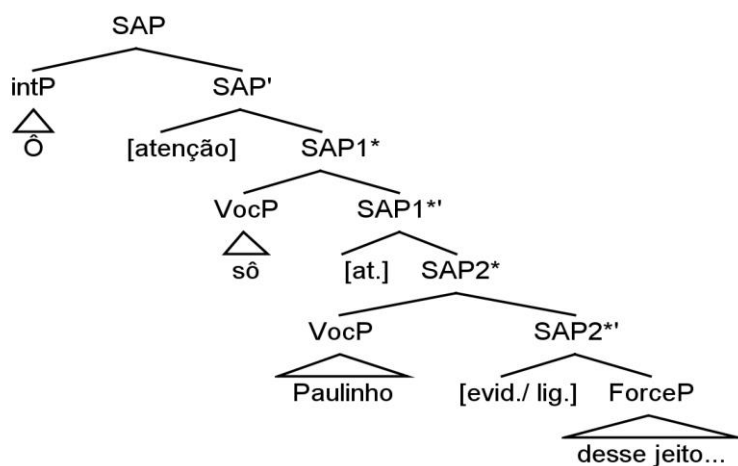
Vejam os casos em que há coocorrência da partícula de chamamento indireto “ô”, de uma partícula de chamamento direto “sô” e também de um vocativo. Observe-se o exemplo seguinte:

(111) Ô sô, Paulinho, desse jeito você cai.

Conforme ilustra o exemplo acima, temos a seguinte ordem de constituintes: “partícula de chamamento indireto – partícula de chamamento direto – vocativo”.

Vejamos, a seguir, a proposta de representação desse tipo de construção:

(112)



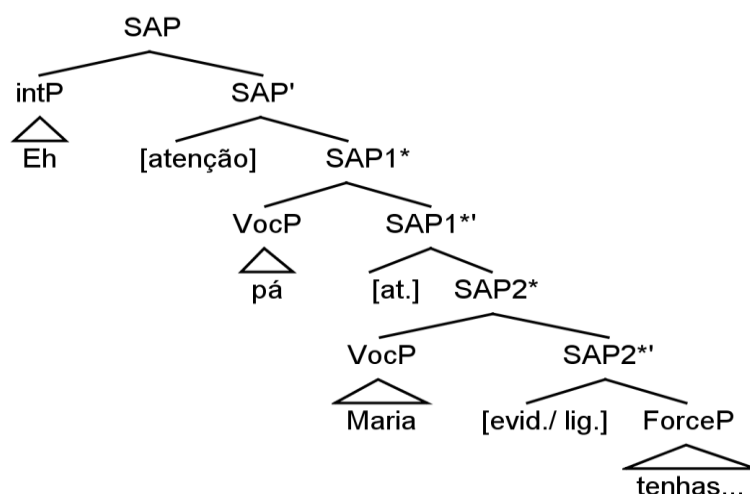
Na área de ouvinte, em (112), existe uma categoria para alojar cada um destes constituintes na ordem em que figuram na construção. A interjeição “ô” se situa na área de falante; a partícula “sô” realiza-se na posição de chamamento, SAP1*, e o vocativo “Paulinho” ocupa o especificador de SAP2*, a posição de destinatário.

No PE, é também possível a ocorrência de interjeição, partícula vocativa e vocativo, como no exemplo abaixo:

(113) Eh, pá, Maria, tenhas mais cuidado.

A seguir, apresentamos a configuração referente a este exemplo:

(114)



Ilustramos, acima, a ocorrência da interjeição (partícula de chamamento indireto) na posição de falante, a partícula de chamamento direto “pá” em SAP1* e o vocativo como destinatário em SAP2*.

Apresentamos, a seguir, uma síntese com os resultados obtidos nesta seção.

4.2.5. Conclusões da seção

Nesta seção, analisamos construções com vocativos precedidos por diferentes tipos de interjeições, as interjeições propriamente ditas e as partículas de chamamento indireto. Verificamos que o tipo de interjeição que precede o vocativo inicial exerce influência em relação à interpretação deste vocativo, como chamamento ou como destinatário. Sob este ponto de vista, se o vocativo é precedido por uma interjeição propriamente dita, é interpretado como destinatário e se uma partícula de chamamento indireto figura à esquerda do vocativo, a leitura atribuída é de chamamento.

Em relação à análise das partículas “sô” e “pá”, verificamos que apresentam a mesma distribuição do que os vocativos plenos, o que nos possibilitou certificar a existência de diferentes tipos de vocativos e que a posição dos chamamentos é à esquerda dos destinatários na configuração sintática. Acrescenta-se que o fato de haver obrigatoriedade de as partículas vocativas serem precedidas por uma interjeição ao exercerem função de chamamento à esquerda da construção, torna ainda mais evidente a distinção entre os dois tipos de vocativos.

Conforme vimos, no capítulo 2, as interjeições, mais precisamente, as partículas de chamamento indireto, por si sós, podem exercer função de chamamento. Uma questão que se coloca em relação a este fato é: neste caso, a interjeição se situa no especificador de SAP1*, posição de chamamento, ou na área de falante, em posição destinada a abrigar interjeições? Responderemos esta questão na próxima seção.

4.4. As interjeições e os vocativos

Iniciamos esta seção explorando as interjeições desacompanhadas de vocativos. Como vimos, é possível identificar dois tipos de interjeições: as propriamente ditas e as partículas de chamamento indireto. Estes constituintes se situam na área de falante, sobre a qual discorreremos na seção 4.3.2., ao analisar construções com diferentes tipos de interjeições, com invocação e com tópicos à esquerda de interjeições. Iniciamos, portanto, a análise proposta na seção 4.3.1.

4.4.1. Interjeições desacompanhadas de vocativos

Verificamos que as interjeições também exercem funções pragmáticas distintas: as partículas de chamamento exercem função de chamamento ou cumprimento e, por meio das interjeições propriamente ditas é possível expressar os sentimentos, as emoções do falante.

Apresentaremos, a seguir, a análise dos diferentes tipos de interjeição, a fim de responder a questão colocada acima. Iniciemos pela análise das partículas de chamamento indireto.

I. Uma análise das partículas de chamamento indireto

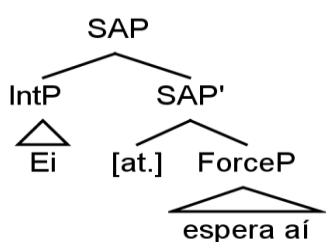
O único constituinte que pode preceder um vocativo, que exerce a função de chamamento, é uma partícula de chamamento indireto, como “olá”, “oi”, “ei”, “psiu” etc. Neste caso, os dois constituintes compõem uma forma de chamamento. No entanto,

observe-se que estas partículas podem exercer função de chamamento, por si sós, se ocorrerem desacompanhadas de vocativo, como no exemplo seguinte:

(115) Ei, espera aí.

A representação estrutural de (115) é a que segue:

(116)



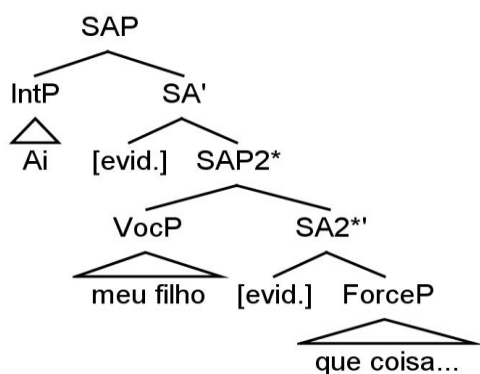
Na configuração acima, a partícula de chamamento “Ei” se situa no especificador de SAP1*, posição de vocativos que exercem função de chamamento. Assim, as partículas de chamamento indireto podem ocorrer tanto na área de ouvinte, em (114), como na área de falante, em (116). Como sugere Hill (2007), as partículas de chamamento apresentam valores pragmáticos da área de falante e da área de ouvinte. Em virtude deste fato, para a autora, estas partículas apresentam um estatuto gramatical, sendo consideradas “sintagmas”; nossa proposta da ocorrência de IntP (interjection phrase) visou a explicitar, ainda que inicialmente essa sugestão de análise

Ressalte-se, por outro lado, que nem sempre as interjeições que precedem os vocativos atuam como marcadores pragmáticos de chamamento, como ilustra o próximo exemplo abaixo:

(117) Ai, meu filho, que coisa chata!

Neste exemplo, tem-se uma interjeição propriamente dita, que expressa o estado mental do falante, e não uma partícula de chamamento indireto. A representação estrutural da construção acima é apresentada a seguir:

(118)



Como dissemos, quando se tem uma partícula de chamamento indireto, o traço envolvido é “atenção” ou “exortativo”, se a sentença for imperativa; enquanto se houver uma interjeição propriamente dita, o traço envolvido é “evidencialidade”. A diferença é ilustrada através dos diferentes traços presentes na área de falante em cada configuração. Em (118), o vocativo “meu filho” se situa na posição de destinatário, qual seja, a posição de especificador de SAP2*.

Apresentamos, a seguir, a análise das interjeições propriamente ditas.

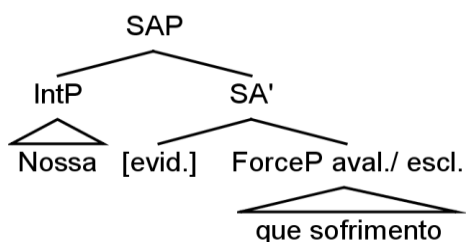
II. A análise das interjeições propriamente ditas

Uma interjeição propriamente dita, assim como a partícula de chamamento indireto, pode ocorrer desacompanhada de vocativo, mas não configura um chamamento. Observem-se os exemplos e as respectivas representações estruturais:

(119) Nossa! Que sofrimento!

Segue-se a configuração referente à construção acima:

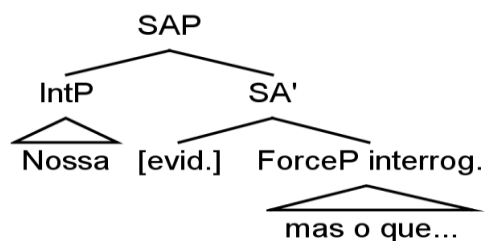
(120)



(121) Nossa, mas o que aconteceu?

Apresentamos, a seguir, a representação estrutural de (122):

(122)



Nos exemplos acima, a interjeição “nossa” exprime surpresa ou assombro por parte do falante ao dirigir uma pergunta ao seu interlocutor, de modo que o traço presente na área de falante é “evidencialidade”.

Conforme Alonso-Cortés (1999), alguns constituintes podem adquirir interpretação exclamativa em frases e orações em que não há partículas exclamativas específicas, como as interjeições propriamente ditas “ah”, “oh”, etc. Em consequência, estas frases e orações podem mesmo assim ser consideradas exclamações. Em (119), a interjeição “nossa”, que apresenta leitura avaliativa/ exclamativa ocorre em contexto também avaliativo/ exclamativo. Já na configuração (122), temos a mesma interjeição, a qual é atribuída interpretação exclamativa/ avaliativa, porém em construção do tipo sentencial interrogativo. Postulamos que o traço presente na área de falante, neste caso, é evidencialidade.

Para o autor, a força exclamativa está vinculada à condição de sinceridade do ato de fala, que é denominada “condição de afetação”. Assim, a palavra “exclamativo” refere-se ao tipo gramatical e “exclamação” refere-se às frases e orações que mostram a força ilocutiva exclamativa. Este é o caso das interjeições propriamente ditas e de outros constituintes que ocupam a posição de falante, como invocações quando não ocorrem em construções do tipo sentencial exclamativo.

De acordo com essa análise, os traços atenção e evidencialidade, que atuam na área de ouvinte, em SAP1* e SAP2*, respectivamente, atuam também na área de falante. Sob este ponto de vista, se o traço atenção está presente, uma partícula de chamamento indireto precede o vocativo e se, por outro lado, tem-se o traço [evidencialidade], uma interjeição propriamente dita o valorará.

Vale ressaltar, no entanto, que a investigação da área de falante não está dentre os objetivos principais desta tese. No entanto, esperamos trazer alguma contribuição para o estudo desta região da sentença. Continuaremos esta discussão na próxima seção.

4.4.2. A área de falante

De acordo com a análise realizada na seção anterior, dois traços podem atuar na área de falante: o traço [atenção] e o traço [evidencialidade]. As partículas de chamamento indireto podem se situar nesta área quando o traço atenção está presente e, quando se tem o traço evidencialidade, têm-se interjeições propriamente ditas.

Assim sendo, uma partícula de chamamento indireto pode c-comandar um chamamento, ao passo que uma interjeição propriamente dita pode c-comandar um destinatário. Portanto, os constituintes da área de ouvinte têm relação direta com os constituintes da área de ouvinte.

Considerando-se esta relação, exploraremos o comportamento das interjeições, na próxima seção, a fim de avaliar se há necessidade de propor duas categorias que podem alojar diferentes interjeições ou se apenas uma categoria seria suficiente.

4.4.1.1. Explorando as interjeições

Como visto no capítulo 2, as partículas de chamamento indireto e as interjeições propriamente ditas, desacompanhadas de vocativos, não ocorrem em posição final. Observe-se:

- (123) a. Ei, tem alguém aí?
b. *Tem alguém aí, ei?
c. Tem alguém aí? Ei!

- (124) a. Ai, eu já falei pra ele parar de me incomodar.
b. *Eu já falei pra ele parar de me incomodar, ai.
c. Eu já falei pra ele parar de me incomodar. Ai!

Os exemplos em (123 c) e (124 c) são aceitáveis por haver uma quebra, uma pausa enfática, que divide a construção em duas. Temos assim duas construções:

- (125) a. Tem alguém aí?
b. Ei!

- (126) a. Eu já falei pra ele para de me incomodar.
b. Ai!

O mesmo ocorre na construção a seguir:

- (127) João, ô João, cadê você?

Temos um vocativo isolado “João” e, em seguida, uma construção que apresenta uma forma de chamamento em posição inicial, composta pela forma de chamamento direta “Ô” e pelo vocativo “João”.

Observamos a ocorrência de ambos os tipos de interjeição à esquerda da oração, o que leva a crer que ocorrem na posição de falante. Obtemos, assim, pistas da existência de duas categorias para abrigar interjeições na área de falante. Em detalhes, teríamos uma categoria para alojar interjeições propriamente ditas e, outra, para abrigar

as partículas de chamamento indireto. No entanto, levamos em conta que esta área é ainda um território desconhecido e, portanto, consideramos esta proposta ainda prematura.

Obtivemos, no entanto, evidências de que constituintes topicalizados podem ocorrer na área de falante, como será exposto a seguir.

4.4.1.2. Tópicos na área de falante

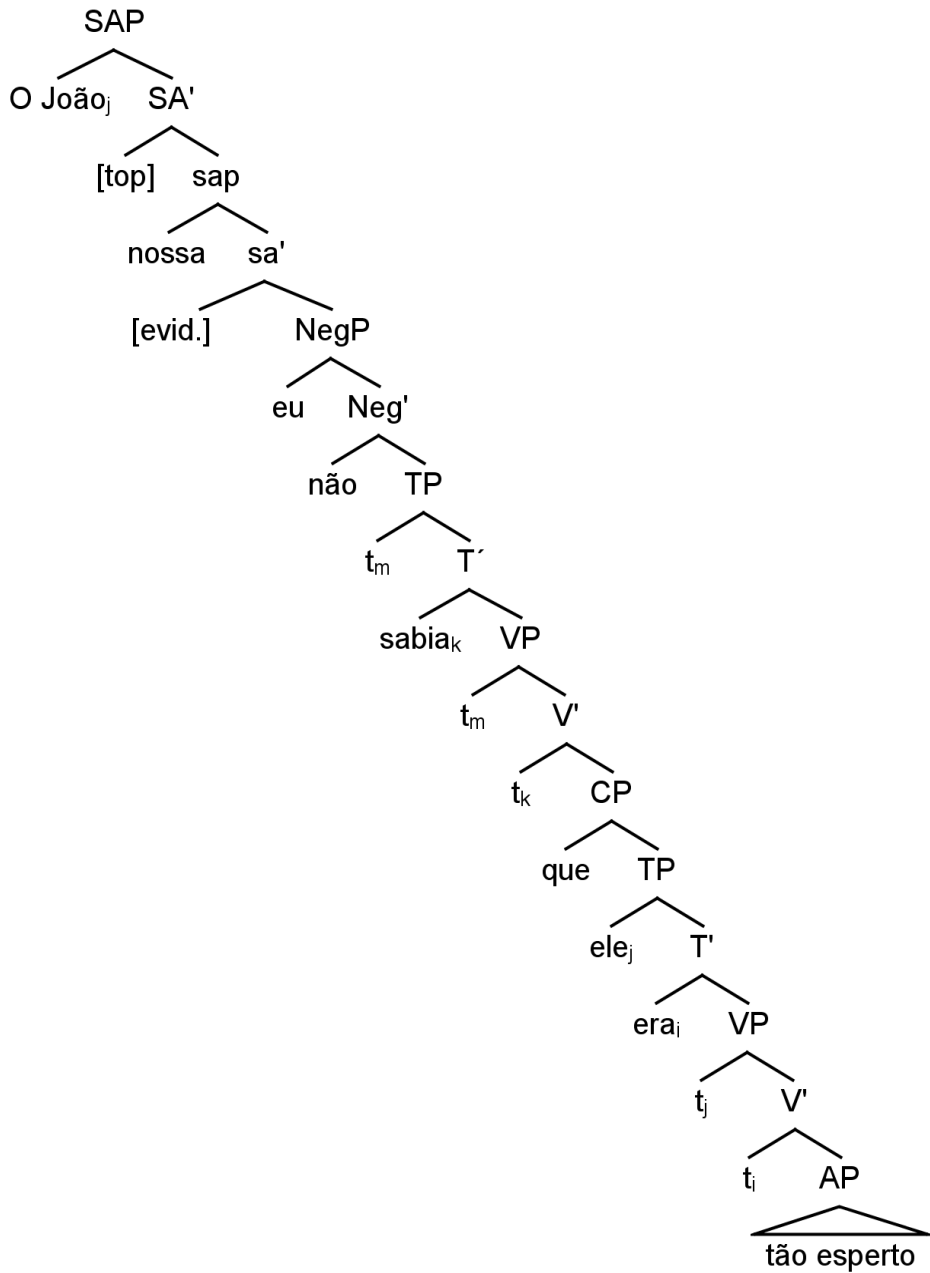
Consideramos, assim, que os dois tipos de interjeição se situam à esquerda da oração, na área de falante. No entanto, deparamos com construções em que há um tópico à esquerda da interjeição. Observe-se o exemplo já utilizado no exemplo (46) do capítulo 2:

(128) O João, nossa, eu não sabia que ele era tão esperto.

↓ ↓
Tópico Interj.

A partir da descrição das propriedades destas construções, postulamos a existência de uma categoria discursiva que pode alojar um tópico na área de falante, em SAP, como na representação seguinte:

(129) O João, nossa, eu não sabia que ele era tão esperto.



Observe-se que a interjeição “nossa” é inserida em sua posição de base, de modo que a ordem canônica é preservada.

A identificação de uma posição de tópico na área de falante possibilitou-nos observar que o único constituinte que pode preceder uma interjeição é um tópico, podendo este se tratar de um DP ou de um ForceP.

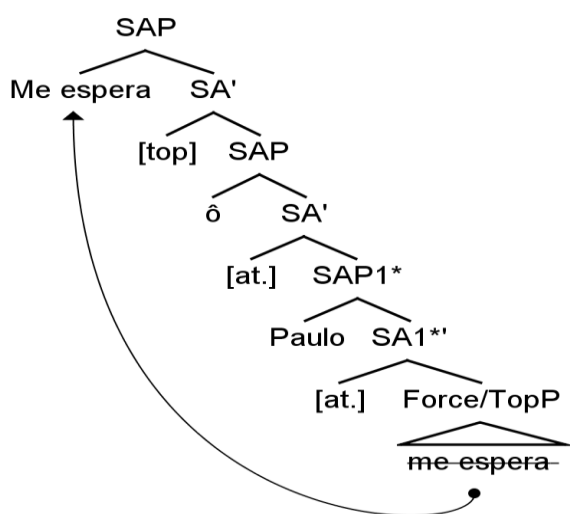
A identificação da posição de tópico na área de falante possibilita a representação sintática das seguintes construções:

(130) Me espera, ô Paulo.

(131) O negócio tá feio, ô sô.

Para efeito de ilustração, a construção em (130) é representada abaixo:

(132)



Na configuração acima, ForceP é movido para a posição de tópico da área de falante, a qual é situada à esquerda da posição das interjeições. O vocativo “Paulo” exerce a função de chamamento juntamente com a partícula de chamamento indireto indireto “ô”. Esta partícula se realiza na área de falante, enquanto que o vocativo ocorre em SAP1*.

Não obstante, seria interessante, ainda, realizar testes a fim de observar se outros tipos de constituintes podem ser topicalizados e se, além de tópicos, outros constituintes podem ocorrer à esquerda das interjeições.

Para a definição da disposição dos constituintes na interface sintaxe-pragmática, faz-se necessário, ainda considerar as invocações, que por serem constituintes exclamativos, devem ocorrer na área de falante. Observamos que pode haver coocorrência de uma invocação e uma interjeição, de uma invocação e um vocativo e

de uma invocação uma interjeição e um vocativo. Faz-se importante certificar-nos da ordem em que estes constituintes ocorrem para pensarmos na disposição das categorias que podem os alojar na interface sintaxe-pragmática. Portanto, trataremos destas possibilidades na próxima seção.

4.4.1.3. A coocorrência de invocações com interjeições e vocativos

As invocações, “Meu Deus”, “Nossa Senhora” etc., foram descritas no capítulo 2. Apresentamos alguns exemplos, abaixo:³⁵

(133) Senhor, o que fazer agora?

(134) Nossa Senhora! Como isso pôde acontecer? (JM, 56 anos)

Exemplo (3) de Ramos (2010)

(135) Ai! Meu Deus! Pára com isso.

De acordo com Ramos (2010), ao utilizar uma invocação, faz-se um apelo a uma entidade religiosa e a entonação é a mesma de quando se profere um chamamento. No entanto, utilizando-se uma invocação não nos dirigimos a um interlocutor, como no caso do vocativo, mas a entidades religiosas e a coisas personificadas, por exemplo.

Consideraremos que as interjeições situam-se na área de falante. Duas razões podem ser dadas: (i) as invocações assemelham-se a constituintes exclamativos como as interjeições propriamente ditas, expressando a opinião e os sentimentos do falante; (ii) conforme Ramos (2010) documenta, uma invocação pode se gramaticalizar e o resultado é uma interjeição, como no processo descrito em (79), no capítulo 2 e, retomado a seguir:

³⁵ Alonso-Cortés (1999) utiliza o termo “vocativo retórico” para se referir às invocações. De acordo com o autor, são utilizados para apelar para uma entidade pessoal ou inanimada.

(136) Nossa Senhora > Nossa Senhora! > Nossa! > Nó > Nu

(Ramos, 2010)

Em (136), temos as etapas do processo de gramaticalização da expressão nominal “Nossa Senhora”, que se transforma na invocação “Nossa Senhora!” e, em seguida, nas interjeição “Nossa!”, que é, ainda, reduzida e pode se realizar como “Nó” e “Nu”.

Face ao exposto, consideramos que as invocações situam-se na área de falante, mas não na mesma categoria que as interjeições propriamente ditas, considerando-se que estes constituintes podem coocorrer, conforme ilustrado a seguir:

(137) Ai! Meu Deus! Pára com isso.

No exemplo acima, a interjeição propriamente dita “ai” ocorre à esquerda da invocação “Meu Deus”.

Partículas de chamamento indireto também podem preceder uma invocação, como no exemplo:

(138) Ó Nossa Senhora, interceda por mim!

Uma invocação pode também coocorrer com um vocativo, como no exemplo abaixo:

(139) Meu Deus, Paula, o que é isso?

Uma análise prosódica das invocações seria, sem dúvida, muito relevante, uma vez que poderia comprovar que o vocativo é pronunciado em tom mais baixo após uma invocação, como é o caso da construção acima.

Observamos, ainda, a possibilidade de coocorrência de uma invocação, uma interjeição e um vocativo. Verificamos que tanto uma interjeição propriamente dita, como uma partícula de chamamento indireto podem coocorrer com um vocativo e uma invocação, como se vê nos exemplos seguintes:

(140) a. Ai, Meu Deus, Paula, o que é isso?

b. Ó, Meu Deus, Paula, o que é isso?

Observa-se que quando há coocorrência de uma invocação, uma interjeição, a ordem é “interjeição – invocação – vocativo”.

Para se pensar na posição das invocações, é importante definir anteriormente a posição dos diferentes tipos de interjeições e vocativos, considerando-se a possibilidade de coocorrência destes constituintes.

Partindo das evidências obtidas acerca da posição dos vocativos, das interjeições, das invocações, de constituintes -qu, tópicos que ocorrem à esquerda de vocativos ou se interjeições, propomos, na próxima seção, o mapeamento da interface sintaxe-pragmática.

4.5. A interface sintaxe-pragmática: uma proposta de mapeamento

A partir da observação dos dados do PB, propomos algumas alterações à proposta de Hill & Stavrou (2013), as quais são enumeradas, a seguir: (i) há apenas uma categoria discursiva que pode alojar o tópico na área de ouvinte e esta se situa abaixo de SAP1*; (ii) o tópico situado na área de ouvinte pode relacionar-se com constituintes pertencentes ao domínio de TP e (iii) há outra categoria discursiva que pode alojar o tópico na área de falante, situada, mais especificamente, à esquerda das interjeições.

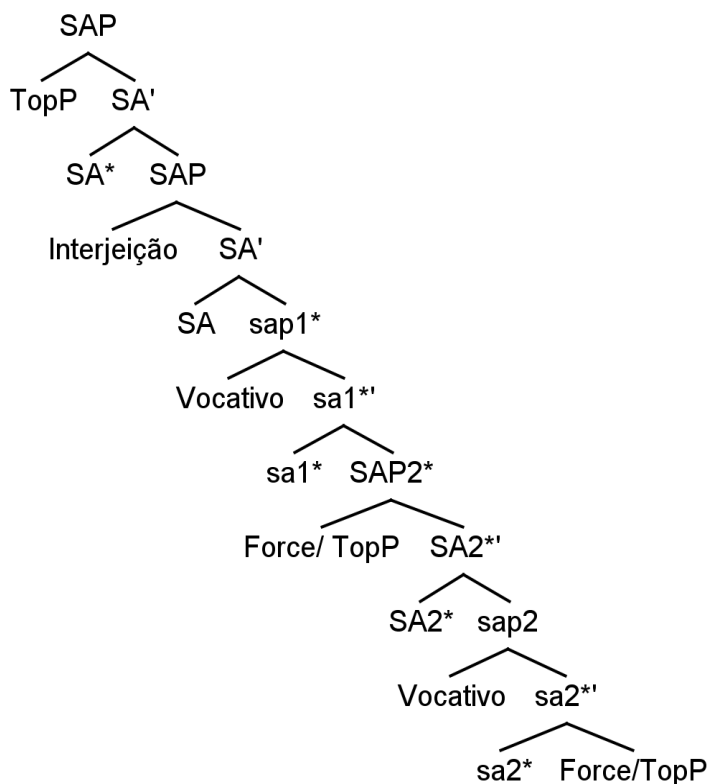
De acordo com a nossa análise, a posição básica do vocativo é à esquerda da oração, em posição inicial. As outras posições em que o vocativo pode se situar são derivadas a partir de operações de movimento, como a topicalização ou um outro movimento à esquerda de um foco, de um constituinte -qu, de uma expressão avaliativa. Considerando a não adjacência entre partes das construções com vocativo entre o verbo e o objeto, recorreremos a uma análise por extraposição.

Analisamos também constituintes característicos da área de falante, as interjeições, sendo estas interjeições propriamente ditas ou partículas de chamamento indiretas, as invocações e a possibilidade destes coocorrerem com vocativo.

De acordo com os nossos dados, temos duas categorias discursivas que podem alojar o tópico na interface sintaxe-pragmática, sendo que uma se localiza na área de ouvinte, abaixo de SAP1* e acima de SAP2*; e a outra se situa na área de falante, acima da posição em que as interjeições se encontram. No que diz respeito aos dados do PB, observamos que ForceP não pode se mover para a posição de tópico da área de falante,

uma vez que as interjeições não ocorrem no final da oração. Assim, propomos a seguinte representação da interface sintaxe-pragmática:

(141)



Conforme mencionado no capítulo 3, Hill & Stavrou (2013) consideram a existência de duas posições de tópico na interface sintaxe-pragmática: especificador de SA1* ou especificador de SA2*. Ambas as posições se situam na área de ouvinte e abrigam somente constituintes não argumentais. Entretanto, os dados do português trouxeram evidências de que:

- (i) há apenas uma categoria discursiva que pode alojar o tópico na área de ouvinte e esta se situa abaixo de SAP1*;
- (ii) o tópico situado na área de ouvinte pode ser correferente do sujeito ou do objeto da oração, isto, relacionar-se com constituintes pertencentes ao domínio de TP;

(iii) há uma posição de tópico na área de falante, a qual é situada, mais especificamente, à esquerda das interjeições.

Em resumo, consideramos que, de modo assemelhado ao romeno, no PB e também no PE, o tópico pode ocorrer à esquerda do vocativo, o que confirma a possibilidade de este constituinte figurar na interface sintaxe-pragmática. Não obstante, acrescenta-se que há diferença no que diz respeito à ocorrência de tópico nas duas línguas:

- i) em exemplos do português, o tópico situado à esquerda do vocativo, em SAP, apresenta os mesmos traços-*phi* de um constituinte argumental e, de acordo Hill & Stavrou (2013), no romeno, não pode haver relação do tópico situado em SAP com o domínio TP;
- ii) no romeno, a área de ouvinte abarca duas posições de tópico, ao passo que no português, há apenas uma, situada abaixo de SAP1*.

Os dados do PB contribuem para o mapeamento da interface sintaxe-pragmática. A partir da descrição destes dados, foi possível constatar que: (i) há apenas uma categoria discursiva que pode alojar o tópico na área de ouvinte e esta se situa abaixo de SAP1*; (ii) o tópico situado na área de ouvinte pode ser correferente com o sujeito ou com o objeto da oração, isto é, relacionar-se com constituintes pertencentes ao domínio de TP; e (iii) há uma posição de tópico na área de falante, sendo esta situada, mais especificamente, à esquerda das interjeições.

Passemos para as conclusões do capítulo.

4.6. Conclusões do capítulo

Conforme dissemos na introdução desta tese, interessa-nos, neste estudo, a ordem dos constituintes nas construções com vocativo. Neste capítulo, analisamos construções em que estes constituintes coocorrem com tópicos, constituintes -*qu*, interjeições e invocações.

Propusemo-nos a analisar sintaticamente as diferentes construções com vocativo do PB, tendo em vista que o vocativo não ocorre, exclusiva e linearmente, em três posições (inicial, medial e final), como é geralmente proposto, mas sim em ambientes

sintáticos específicos, nomeadamente, à direita de tópicos e constituintes -qu. Analisamos também algumas construções do PE com a partícula vocativa “pá” no intuito de comparar o comportamento sintático desta com ocorrências da partícula vocativa “sô” do dialeto mineiro. Esta comparação foi relevante à medida que contribui para reforçar as evidências do posicionamento dos vocativos, obtidas a partir dos dados do PE.

Aplicamos, aos nossos dados, a proposta teórica de Hill & Stavrou (2013), segundo a qual o vocativo é situado na interface sintaxe-pragmática, mais precisamente, em uma categoria VocP, que, por sua vez, é situada no especificador de SAP1* ou SAP2*.

De acordo com a nossa análise, a posição básica do vocativo é à esquerda da oração, em posição inicial. A variação na ordem das palavras se deve ao movimento de constituintes que coocorrem com os vocativos e estes últimos sempre ficam “in situ”. Os constituintes situados à esquerda do vocativo, com exceção das interjeições, são movidos para a categoria discursiva situada na área de ouvinte, abaixo de SAP1*.

Através das operações de movimento, vários constituintes, como por exemplo, um tópico, um constituinte -qu, podem se mover para a categoria discursiva existente em SAP, na área de ouvinte, mais especificamente, à esquerda de SAP1*.

Em particular, o tópico que ocupa esta categoria pode ser um VP, um DP, ou um PP. Porém, com base na observação dos dados do Romeno, vimos que Hill & Stavrou (2013), consideram que os tópicos que podem ocorrer à esquerda dos vocativos não podem ser correferentes com constituintes argumentais. No entanto, os dados do PB apontam para a possibilidade de correferência entre estes constituintes.

Para analisar as construções com vocativo entre o verbo e o complemento, entre uma oração principal e a oração substantiva objetiva direta ou completiva nominal, foi necessário recorrer à extraposição. Os dois tipos de análise por extraposição que consideramos adequados foram movimento à esquerda e apagamento (*scattered deletion*) (Kayne, 1994) e “coordenação especificante com elipse” (De Vries, 2002; De Vries & Ott, 2012). Consideramos que estas são operações do mesmo tipo, mas que apresentam uma diferença: no caso de haver “scattered deletion”, há movimento à esquerda, enquanto, quando temos “coordenação especificante com elipse”, os fragmentos são gerados na base. Essa análise poderia ainda ser aprofundada; no entanto, consideramos que o que fizemos foi suficiente para a análise das construções nas quais

o vocativo se aloca entre o verbo e o objeto e naquelas em que o vocativo se situa entre a oração matriz e a completiva nominal ou objetiva direta.

Conforme descrito, uma interjeição precede um vocativo somente se este estiver em posição inicial. Esse fato nos permitiu adotar uma tipologia de vocativos: de um lado, temos os chamamentos e, de outro, os destinatários. De fato, não há como pensar na sintaxe de vocativos sem pensar nas funções que este constituinte pode exercer. A investigação das partículas vocativas “sô” e “pá” trouxe-nos evidências a este respeito. Verificamos que as sequências “Ô sô”, “Uai sô”, no dialeto mineiro e “Ó pá” e “Eh pá”, no PE somente podem ocorrer à esquerda da oração. As partículas de chamamento indireto ocorrem em SAP (área de falante) e as partículas vocativas em SAP1*.

A ocorrência dos itens reduzidos é mais marcada do que a ocorrência dos vocativos plenos em posição inicial. Nesta posição, as partículas vocativas se comportam como clíticos e a partícula de chamamento de indireto que as precede imediatamente exercem o papel de hospedeiro. Assim como os vocativos plenos, as partículas vocativas podem ocorrer no final da oração, como destinatário, ou seja, na posição de especificador de SAP2*. Ressalte-se que uma interjeição não se situa imediatamente à esquerda de uma partícula vocativa ao final da construção. Dito de outro modo, as interjeições podem coocorrer com os destinatários, desde que não haja adjacência, isto é, desde que as interjeições não ocorram imediatamente à esquerda dos destinatários.

A observação do comportamento sintático das partículas “sô” e “pá”, trouxe-nos pistas de que a distinção entre chamamento e destinatário é válida para o português e nos possibilitou certificar a posição dos chamamentos à esquerda dos destinatários.

Observamos que quando é precedido imediatamente por uma partícula de chamamento indireto, como “ei”, “olá”, “psiu”, “ô” etc, o vocativo se situa no especificador de SAP1* e é interpretado como chamamento. Por outro lado, se precedido por uma interjeição propriamente dita como “nossa”, “ai”, “ui”, o vocativo se situa no especificador de SAP2* e é atribuída ao vocativo a leitura de destinatário. Se há uma interjeição e um vocativo em uma construção, mas estes constituintes não ocorrem adjacentes, pode-se ter tanto um chamamento quanto um destinatário.

Em termos gerais, observamos que as partículas de chamamento indireto geralmente precedem os chamamentos e as interjeições propriamente ditas precedem os destinatários. Nesta perspectiva, as partículas de chamamento indireto têm a ver com o

traço “atenção” e, quando há uma interjeição, o traço envolvido na derivação é “evidencialidade”.

Verificamos que uma partícula de chamamento seguida de um vocativo com função de chamamento pode ocorrer após um constituinte topicalizado. Exemplos como os que descrevemos ilustram a incidência de uma posição de tópico na área de falante.

A distinção entre as interjeições e o fato de dois traços (atenção e evidencialidade) estarem envolvidos na computação destes elementos, faz-nos pensar na existência de categorias distintas para alojar cada tipo de interjeição na área de falante. Sugerimos que há também uma posição de tópico neste domínio, a qual é situada à esquerda das interjeições e, por fim, levantamos a hipótese de que as invocações também ocorrem na área de falante em categoria distinta daquela em que ocorrem as interjeições. Porém, precisamos ainda de mais investigação acerca da área de ouvinte. Apesar de termos consciência da importância da continuidade da pesquisa, as evidências que os dados nos trouxeram representam um avanço no estudo dos vocativos no PB.

Considerações finais

O melhor conhecimento dos vocativos e das construções em que ocorrem colocaram-nos diante de uma diversidade de significados, estruturas e funções. Conscientes dessa diversidade e de que, conseqüentemente, há muito o que investigar em relação ao tema do vocativo, tornou-se necessário delimitar e estabelecer limites para a pesquisa. Assim, a nossa opção foi analisar a ordem de constituintes nas construções com vocativo, isto é, analisamos o vocativo em perspectiva macrossintática. Como vimos, dentre os constituintes presentes nas construções com vocativo, pode haver: uma interjeição, uma invocação, um tópico e um constituinte –qu.

Tentamos fornecer uma imagem do vocativo como um constituinte entre a 'sintaxe' e a 'pragmática, adotando a proposta teórica de Hill (2007) e Hill & Stavrou (2013) que consideram que vocativos e interjeições são situados na interface sintaxe-pragmática, o que é tratado por meio da hipótese da projeção SAP (Speech Act Phrase). De acordo com as autoras, o vocativo pode exercer funções pragmáticas distintas a depender da posição na oração. Sob esta perspectiva, o vocativo recebe a leitura de chamamento, se situado em posição inicial e é interpretado como destinatário, se ocorrer em posição final.

Como explicitado, na introdução, um dos objetivos específicos desta tese foi catalogar as diferentes realizações do vocativo no Português Brasileiro; descrever as propriedades das construções com vocativos (posição sintática, ambientes sentenciais, função pragmática, dentre outras). Verificamos que o vocativo pode ocorrer em uma multiplicidade de atos de fala, na medida em que todos exigem um ouvinte. Podemos utilizar um vocativo para cumprimentar alguém, para ordenar, para perguntar, para implorar, para dar uma opinião acerca de algo etc. Além disso, emprega-se, geralmente, os vocativos em contextos imperativos e avaliativos/ exclamativos.

Nesses contextos, o vocativo tem como posição básica a posição inicial, ou seja, à esquerda da oração. Porém, o vocativo pode também ocorrer em posição não inicial, mais especificamente: (i) entre o verbo e o complemento;(ii) entre uma oração principal e a oração substantiva objetiva direta ou completiva nominal; à direita (iii) de um

constituente topicalizado; (vi) de um constituinte -qu; ou (vii) de uma interjeição ou de uma invocação.

Sugerimos que as interjeições são inseridas à esquerda do vocativo, na área de falante, através da operação MERGE externo. Uma vez que as invocações, como as interjeições, são constituintes exclamativos e ocorrem à esquerda da oração, levantamos a hipótese de que ocupam uma categoria na área de falante. Não obstante, seria interessante, um estudo mais aprofundado sobre esta área para definir a posição ocupada pelas invocações.

Tópicos e constituintes -qu se movem para a categoria discursiva existente na área de ouvinte, à esquerda de SAP2*, sendo esta a posição de destinatário. Com relação à ocorrência de tópicos à esquerda do vocativo, observamos que tópicos correferentes e não correferentes de constituintes argumentais podem ocorrer à esquerda do vocativo no PB. Esta observação não está em concordância com que observam Hill & Stavrou (2013) com base em dados do romeno. Segundo as autoras, não podem ocorrer, nesta posição, tópicos não ligados a um constituinte argumental. Contudo, os dados do português apontam para a possibilidade de correferência. Portanto, tópicos ligados a um constituinte argumental podem ocorrer à esquerda do vocativo no PB.

Utilizamos uma análise por extraposição – movimento à esquerda e apagamento (*scattered deletion*) e coordenação especificante - para analisar as construções com vocativo entre o verbo e o complemento e entre uma oração principal e a oração substantiva objetiva direta ou completiva nominal.

Uma vez que apenas os chamamentos podem ser precedidos por interjeição, tornou-se importante definir também qual é a posição das interjeições na estrutura sintática. Verificamos que as interjeições podem ocorrer adjacentes aos vocativos somente se estes se situam em posição inicial ou se desacompanhadas de vocativos. Nesse último caso, também ocorrem à esquerda da oração e desempenham a função de chamamento. Ao observarmos que parece haver comportamentos diferentes das interjeições, que apesar de também se situarem à esquerda da oração, apresentam caráter expressivo, criamos uma tipologia de interjeições: trata-se das partículas de chamamento indireto e, das interjeições propriamente ditas.

Nas construções em que estes constituintes aparentemente não ocorrem em posição inicial, observamos que há uma pausa enfática antes da interjeição, que pode representar uma quebra na construção. Sendo assim, nesse caso, a interjeição também

ocorre na primeira posição. No entanto, os dados do *corpus* trouxeram evidências de que um tópico pode ocorrer à esquerda de uma interjeição.

Explorando as construções com a partícula vocativa “sô”, redução do vocativo “senhor”, no dialeto mineiro, e da partícula “pá”, redução do vocativo “rapaz”, no PE, obtivemos evidências mais consistentes a respeito da posição de vocativos e também da posição das interjeições na estrutura sintática. Observamos que as partículas reduzidas podem ocorrer nas mesmas posições que os vocativos plenos, porém, um vocativo pleno pode ocorrer em posição inicial se precedido ou não precedido por uma interjeição; já no caso de haver uma partícula vocativa em posição inicial, a presença da partícula é obrigatória, como em “Uai, sô” e “Ó, pá”.

Assim, através da observação do comportamento sintático das partículas foi possível confirmar a hipótese de Hill & Stavrou (2013), de que existem dois tipos de vocativos que ocupam posições distintas na estrutura sintática e que esta distinção é válida para o português e nos possibilitou certificar a posição dos chamamentos à esquerda dos destinatários. Vale lembrar que em Moreira (2008), argumentamos também que a função do vocativo pode variar conforme a posição sintática, apesar de não nomearmos cada tipo de vocativo.

Cabe ressaltar que nem todas as interjeições podem preceder os chamamentos. Observamos que somente as partículas de chamamento indireto podem precedê-los. Se uma interjeição propriamente dita preceder um vocativo, este será interpretado como destinatário e não como um chamamento.

De acordo com o que propomos, há evidências para adotarmos uma tipologia bipartida de vocativos e interjeições. Em construções em que interjeições ocorrem imediatamente à esquerda, a interpretação do vocativo como chamamento ou destinatário depende do tipo de interjeição que o precede. Via de regra, se uma partícula de chamamento indireto ocorre adjacente a um vocativo ou a uma partícula vocativa, como “sô” e “pá”, este recebe a leitura de chamamento. Já se uma interjeição propriamente dita precede imediatamente o vocativo, o que há é um destinatário.

Como vimos, nas configurações que elaboramos, a posição básica do vocativo é à esquerda da oração, em posição inicial. A variação na ordem das palavras é derivada a partir das operações de movimento de constituintes que coocorrem com os vocativos, que ficam *in situ*.

Em concordância com a proposta de Hill (2007) e Hill & Stavrou (2013), concluímos que interjeições se situam na área de falante (SAP) e os vocativos, sendo um chamamento ou um destinatário, são situados na área de ouvinte, porém em categorias distintas devido à computação separada dos traços [exortativo/ atenção] e [evidencialidade/ ligação].

No entanto, é preciso se atentar para a diferença existente entre as interjeições. Ressalte-se que as interjeições propriamente ditas, por expressarem o estado mental do falante, as emoções, etc., se situam na área de falante de SAP, ao passo que as partículas de chamamento direto podem atuar como chamamento e, portanto, são situadas na posição de chamamento, ou seja, a posição de especificador de SAP1*.

Tentamos fornecer uma contribuição para o estudo das interjeições e das invocações. No entanto, não deixamos de considerar que a área de falante é um território ainda muito desconhecido; até mesmo mais desconhecido do que a área de ouvinte. Muita pesquisa ainda há por vir, todavia, feitas estas considerações, encerramos esta tese na certeza de termos contribuído com a descrição e análise das construções com vocativo no PB.

Referências bibliográficas

- ABALADA, S, CABARRÃO, V ; CARDOSO, A. *O vocativo em português europeu: estudo de parâmetros prosódicos em vocativos em diferentes distribuições*. Textos Seleccionados.In:ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA,26.,2011, Lisboa. Encontro... Lisboa: APL,2011.p.1-16.
- ACHUGAR, H. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. & DIXON, Robert M. W. Evidentials and Areal Typology: a CaseStudy from Amazonia. *Language Sciences*, 1998.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Evidentiality in Typological Perspective. In Alexandra Y.Aikhenvald & Robert M. W. Dixon (eds.). *Studies in Evidentiality*, pp. 1-31. Amsterdam/Philadelphia:John Benjamins, 2003.
- ALBUQUERQUE, I.M.B.L. Hipóteses sobre a origem de uma interjeição. In: RAMOS, J.M. ; COELHO, S.M. *Português Brasileiro Dialectal: temas gramaticais*.Campinas,SP: Mercado das Letras, 2013. p. 11-20.
- ALKMIM, M.G.R.*Negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista*.2001. 267 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2001.
- ALONSO-CORTÉS, Angel. Las Construcciones Exclamativas. La Interjeccion y las Expresiones Vocativas. In: BOSQUE; DEMONTE (Eds.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid: Espasa, 1999.v.3
- BALTIN, Mark. Extraposition rules and discontinuous constituents. *Linguistic Inquiry*,n.15, p. 157-163, 1984.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*.37. ed. rev. e amp. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, L. *The structure of the CP and IP. The cartography of syntactic structures*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2008. v.2. p.16-51.
- CAMARA JR. , J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes,1981.
- CARDOSO, M. A. P.*Variation and Change in the Syntax of Relative Clauses: new evidence from Portuguese*.2010. folhas. PhD dissertation.(PhD in Linguistic) - Linguistic Center of Lisbon University, Lisboa, 2011.
- CARVALHO, A. S. A de. *Considerations on European Portuguese Vocatives*. Communication presented on the Workshop Vocative! Bamberg,2010.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1985.

CHAFE, Wallace, & NICHOLS, Johanna (eds.) *Evidentiality: The Linguistic Coding of Epistemology*, Vol. 20 in the Series Advances in discourse processes. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corporation, 1986.

CHOMSKY, N. *Rules and Representations*. New York: Columbia University Press, 1980.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *O programa minimalista*. Tradução de Eduardo Paiva Raposo Lisboa: Ed. Caminho, 1995. (Coleção Universitária, Série: Linguística)

_____ *On phases*, ms. Cambridge: MIT, 2005.

CORPUS de Referência do Português Contemporâneo. Disponível em: <<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-reference-corpus-of-contemporary-portuguese-crpc>> Acesso em abr. 2012.

CINQUE, G. *Adverbs and Funcional Heads. A Cross-linguistic Pesrpective*. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, G; RIZZI, L. The cartography of syntactic structures. In: *CISCL Working Papers*, Siena: Editora, 2008. v.2, p. 42 – 58.

CULICOVER, P. ; ROCHEMONT, M. (1990). Extraposition and Logical Form. *Linguistic Inquiry*, v. 21, n.1. p.23-47. 1990.

CUNHA, C. ; CINTRA, L. *Nova Gramática do português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____ *.Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa, 2000.

D’ALESSANDRO, R. ; VAN OOSTENDORP, M. *Southern Italian vocative morphology at the interface between syntax and phonology*. Workshop on theoretical morphology. Leipzig.: University of Leipzig, 2010.p.1-22.

DEHÉ, N. ; KAVALOVA, Y. *Parentheticals: an introduction*. In: DEHÉ, N. Dehé; KAVALOVA, Y. (Eds.) *Parentheticals*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

DEHÉ, Nicole. Parentheticals. In: Louise Cummings (Ed.) *Pragmatics Encyclopedia*. New York: Routledge, 2009.

EPPS, Patience. (2005). Areal Diffusion and the Development of Evidentiality: Evidence from Hup. *Studies inLanguage*, 2005.

EPSTEIN, S.D. Adjunction and pronominal variable binding, *Linguistic Inquiry*, v.20, n.2, p.365-424, 1989.

FARO, S. *A mudança*. Disponível em : <http://www.dramaturgiacontemporanea.com.br/artigos.php?autor_id=22> Acesso em: 15 mar. 2012.

HILL, V. Vocatives and the pragmatics-syntax interface. *Lingua* 117. 2007

HILL, V. ; STAVROU, M. *Vocatives: how syntax meets with pragmatics*. Brill : Ohio, 2009.(Series: “Empirical Approaches to Linguistic Theory”)., 2013.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1994.

KOSTER, J. *Extraposition as Parallel Construal*. Ms. Groningen: University of Groningen, 2000.

MARCOS, P. *Dois perdidos numa noite suja*. São Paulo: Ed. Global, 1978.

MARQUES, M.L.B. e M.G. *Os bordões do português falado contemporâneo. Análise de dois exemplos: “não é” e “pá”*. 367f. Dissertação (Linguística Portuguesa)- Centro de Linguística, Universidade de Lisboa, 1993. Dissertação em Linguística Portuguesa para acesso à categoria de Investigador Auxiliar apresentada ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

MATEUS, M. H. M. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 2003.

MELO, G. C. de. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1978.

MILNER, J. C. De la syntaxe à l'interprétation: *quantités, insultes, exclamations*. Paris: Le Seuil, 1978.

MIOTO, C. Focalização e quantificação. *Revista Letras*, n.61 .2003.

MOREIRA, J. C. *O vocativo na língua coloquial de Minas Gerais nos séculos XIX e XX: uma abordagem variacionista*. 2005.92 f. Monografia (Bacharelado). Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2005.

_____. *O vocativo no Português Brasileiro nos séculos XIX e XX: um estudo de mudança linguística*. 2008.108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

_____. Preenchedores de vocativo em peças teatrais. In: RAMOS, J.M. ; COELHO, S.M. *Português Brasileiro Dialectal: temas gramaticais*. Campinas: Mercado das Letras, 2013.p.73-90.

MORO, A. Notes on vocative case: a case structure in clause structure. In: Quer, J. et al. (Eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory*, 2001. Jonh Benjamins, Amsterdam, p. 247-261.

LANDABURU, Jon. (2005). *Expresión Gramatical de lo Epistémico en Algunas Lenguas del Norte de Suramérica*. Paper presented at II Congress on Indigenous Languages of Latin America CILLA, Austin, Texas, 2005.

LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

OSENOVA, P. & SIMOV, K.I. [Bulgarian Vocative within HPSG framework](#). In: Proc. of the 9th International Conference on Head-Driven Phrase Structure Grammar (HPSG), Kyung Hee University, Seoul, South Korea, p. 94-100.

OTT, D. & VRIES, M. de (2012). Thinking in the right direction: an ellipsis analysis of right-dislocation. *Linguistics in the Netherlands*, 29, 2012. Disponível em: <<http://www.let.rug.nl/dvries/>>

RASI, M. *Pérola*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1995.

RAMOS, J. M. *Interjeições e gramaticalização: Nó! e Nossa Senhora! no dialeto mineiro* in VITRAL, L. T. ; COELHO, S. M. (Orgs.) . *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. v. 1.

_____. *De nome a pronome: um estudo sobre o item senhor*. Caligrama: Belo Horizonte, 2011. v.16, n.2.

REINHART, T. On the Position of Extraposed Clauses. *Linguistic Inquiry*, v.2, n.3, p. 621-624. 1980.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGMAN, L. (Ed.). *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997.

_____. Locality and left periphery. In: BELLETTI, A. (Ed.). *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*. Kluwer: Dordrech, 2002..

_____. *On the Form of chains: criterial positions and ECP effects*. Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/Rizzi_2004-On_the_form_of_chains.pdf> . Acesso em: 15 abr.2012

ROSENTHAL, J.K. *O inferno sou eu*. Disponível em: <http://www.dramaturgiacontemporanea.com.br/artigos.php?autor_id=71> Acesso em: 15 abr. 2012.

SOUSA, L.T. de. *Sintaxe e interpretação de negativas sentenciais no Português brasileiro*. 2012. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

VITRAL, L. T. A interpolação de se e as consequências para a teoria da cliticização. *Rev. da Abralin*, v.1, n.2. 2002.

VRIES, Mark de. *The Syntax of Relativization*. Utrecht: LOT, 2002.

WALKDEN, G. *Refining the null argument cycle: the place of partial nullargument cycle: the place of partial null argument languages*. Paper presented at the 14th International Diachronic Generative Syntax Conference, Lisbon, 2012.

YOON, J. *Noam Chomsky: Derivation by Phases*, Mit Press, 2000.